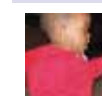


Jornal @Verdade

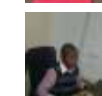
O motorista de chapa que faz a rota cidade de Nampula-Maratane, até chegar ao destino, teve de subornar um polícia municipal (50mt) e de trânsito (100mt) porque o carro tem lotação de 19 pessoas e ele transporta 35.



12 pessoas gostam disto.



Bless Blessed Isto e uma realidade...!
6/8 às 11:13



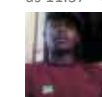
Bertino Gove Infelizmente as coisas vão assim acontecendo no nosso Guebuzistão... E quando há acidentes, morrem de tanto estarem apertados por superlotação... 6/8 às 11:28 • **Gosto** • 1 pessoa



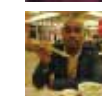
Lily Yany Joey Humm grandy novidade Quê ainda não sabe disso ou nunca viu d certeza é cego e murdo... Ops tsetsa... 6/8 às 11:34 • **Gosto** • 1 pessoa



Fauzio Mussagy Fernandes Ya ai xta a razao soluxao aumentem os salarios a classe baixa... O motorista tem razao os xapas 1 actividade nao rentavel. P compensar custos dve se fazer ixo mesmo... Agora os corruptos xtao ai. Sem vergonha 6/8 às 11:37 • **Gosto** • 1 pessoa



Beles Cumbe Yap e a nossa policia o estado deve criar condicoes de pagar o suficiente as autoridades 6/8 às 11:39



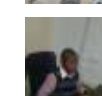
Fauzio Mussagy Fernandes O xato xtao todos dias ai pegando mexmo docmntos p fingir fiscalizar. Pork nao oficializam para entregar dinheiro os documentx fikam venhos nas maos dexes caes. Preguixosos, estupidos e mal criados. 6/8 às 11:39



Judas Marcolino este pais nao tem dono beles isso nao justifica o salario magro isso e falta de patriotismo o bem pelo outro a policia nao tem isso na cabeça 6/8 às 11:40 • **Gosto** • 1 pessoa



Mauricio Mendes Dura e crua realidade! 6/8 às 11:48 • **Gosto** • 1 pessoa



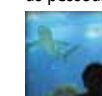
Bertino Gove Gosto da Policia da Suazi e Africa de Sul. Nao aceitam corrupcao. Se voce nao pagou manifesto e entra lá, passam te multa e pagas na hora e o dinheiro fica a beneficiar o seu Estado. Policia de verdade é assim. A nossa é mal paga e acha que solucao é extorquir os coitados desarrascadores" da vida. 6/8 às 12:23



Judas Marcolino nesse pais nao se denuncia 6/8 às 13:18



Katia Patricia A corrupcao eh deploravel, agora transportar 35 pessoas num carro de 19 pessoas acho que eh demais, imagina como as pessoas viajara? 6/8 às 13:39



Helder Jorge Fernandes Martins mas quem é que não sabe que isto acontece diariamente nas estradas moçambicanas!!! 6/8 às 13:46 • **Gosto** • 1 pessoa



Sansão Schume Isso não so acontece no norte do país, mas aqui na cidade capital acontece e de forma clara na barbas de policia d trânsito. E cantor rap BIG L na sua musica " policia câmaria hiva hive lava kulo" foi bem clara. 6/8 às 14:25



O amargo sabor de ser coveiro

NACIONAL 02



Guerra e fome na Somália

DESTAQUE 14/15



Moçambola vai de férias

DESPORTO 20

Caro leitor

Pergunta à Tina... Tudo o que precisas de saber sobre saúde sexual e reprodutiva

Através de um sms para
821115 ou
E-mail: **averdademz@gmail.com**

SAÚDE 18

A dor de ser coveiro

Um coveiro aufere, no máximo, 3000 meticais e abre uma média de quatro covas por dia. Trabalha mais de oito horas e usa o mesmo fardamento durante dois anos (730 dias). Pás e cordas, essenciais para a actividade, são bens que também rareiam. É uma profissão dura que a sociedade não compreende e o Estado não assiste...

Texto: **Redacção/Hermínio José*** • Foto: **Miguel Manguze**

Tem uma expressão vincada e pertence à primeira geração de coveiros do pós-independência, um grupo de moçambicanos sem escolaridade que não teve outra opção a não ser trabalhar dentro dos limites do cemitério. Houve muitos que desistiram pelo caminho, sem estômago para a função, pelo salário de miséria, não se importando de ficar sem fazer nada. Felisberto Manhica, de 53 anos de idade, tinha 19 quando chegou pobre e sem futuro ao emprego no Cemitério de Lhanguene, em 1979. Mas hoje, volvidos 32 anos, continua a ser um cidadão pobre, com emprego, mas sem presente.

Um biblioteca viva

Felisberto pode não ser uma voz autorizada para falar dos números oficiais ou do orçamento que cabe ao cemitério. No entanto, ninguém mais do que ele pode falar dos dramas e do dia-a-dia dos funcionários da última morada. Até porque as diferenças são gritantes. Se no passado os instrumentos de trabalho abundavam e existia mais espaço no Lhanguene, hoje há menos terra, mais trabalho e poucos instrumentos para a função. "Antigamente recebíamos novos fardamentos em cada seis meses. Mas, de há algum tempo a esta parte, o cenário é outro, a troca é feita de dois em dois anos". Mais: "o fardamento que usamos para fazer os enterros de pessoas singulares é o mesmo que voltamos a vestir para o descarregamento de corpos na vala comum". No entanto, "em condições normais devíamos mudar de fardamento o que não acontece antes que passem 730 dias".

Há ainda outros dramas: uma conjugação de factores que num ápice reduzem as margens de manobra destes, nomeadamente o número de covas que um funcionário tem de fazer devido ao crescimento invulgar de agências funerárias no país; os crónicos problemas de transporte da cidade de Maputo; a falta de pás e cordas. Ou seja, são muitos e variados os entraves, indetectáveis à primeira vista. Mas em boa verdade são todos facilmente contornáveis se forem tidos em conta.

Por exemplo, "antes um coveiro fazia duas covas por dia, mas hoje é impossível abrir menos do que quatro". A culpa, no entender de Manhica, é das agências funerárias que mandam corpos sem ter em conta o efectivo de coveiros. "Há funerárias que mandam 10, 20 ou 30 corpos diários para um universo de 25 coveiros. Com esse volume nós somos obrigados a redobrar o esforço para fazer as covas em tempo útil." Mais: "as agências limitam-se a vir deixar os corpos ao invés de se preocuparem com a disponibilidade dos coveiros, elas não querem saber se somos poucos ou não, assim não dá, é preciso que valorizem também o nosso trabalho, nós trabalhamos como se fôssemos escravos, diariamente voltamos para casa cansados, para no fim do mês recebermos misérias", desabafa.

Começou a trabalhar e, de certo modo, mudou as regras do funcionamento normal de uma família: "os meus pais estavam desempregados e eu tinha de garantir o sustento dos meus familiares com o que ganhava". Uma responsabilidade, diga-se, enorme para quem tinha apenas 19 anos. Contudo, "esse peso em cima dos ombros" deu-lhe "forças para suportar as dificuldades do trabalho".

Manhica aprendeu o ofício praticando. No início foi duro: "era complicado trabalhar com a dor dos outros". Porém, "aos poucos meti na cabeça que aquilo não passava do meu ganha-pão. A vida é assim mesmo. Isso é como fabricar caixões ou ser médico. Aprendes a deixar de lado qualquer tipo de sentimento. Até porque na minha casa todos contavam comigo".

Hoje, orgulha-se de ter exercido essa função com brilho e constituído a sua própria família. "Apesar de receber muito pouco consigo alimentar e mandar os meus filhos à escola", diz.

Na primeira pessoa explica-se melhor: "Em '79, pouco depois da independência nacional, o país



passava por momentos difíceis, as famílias, outrora dispersas, precisavam de se estabelecer e não havia emprego para todos. E porque a oferta escasseava e eu não dispunha de instrução formal, submeti ao Concelho Municipal de Maputo uma carta de pedido de emprego. Volvidos três meses, um despacho exarado nomeou-me para um posto no Cemitério de Lhanguene, na qualidade de coveiro, com um salário de dois contos e cem centavos, dos quais eram subtraídos 50 centavos para o pagamento de impostos. Como na falta do melhor o pior serve, não arredei o pé e venho desempenhando até hoje a actividade de coveiro".

O salário não ajuda

À beira da reforma, Felisberto Manhica tem no salário a maior mágoa. Em pouco mais de 30 anos de profissão aufere 3000 meticias, mas isso foi graças ao aumento que beneficiou recentemente. Antes ganhava 2800 meticais. Contudo, o mais grave é que nos 3000 meticais já vem incorporado o subsídio de risco.

Fernado Nhantumbo

Fernando Nhantumbo começou a desenvolver a actividade de coveiro em 2004. Diferentemente do velho Manhica, este jovem, com pouco mais de 30 anos de idade, trabalhou dois anos sem remuneração como ajudante de coveiro. "A direcção do cemitério dava-me um pequeno subsídio que não dava para fazer quase nada a ser apanhar o transporte. Mesmo assim, fui trabalhando para garantir a minha colocação no quadro dos coveiros, o que aconteceu em 2006", conta para depois acrescentar que antes recebia 2.500 meticais, mas com o aumento salarial aos agentes e funcionários do Estado passou a auferir 2700, um valor que inclui, diga-se, o subsídio de risco.

Este coveiro, pai de 4 filhos e residente em Marracuene, disse que o salário que aufere não passa de uma migalha desajustada do actual custo de vida. "O vencimento não corresponde ao nosso trabalho, nós trabalhamos com dificuldades e até excedemos o horário normal de oito horas. Antes trabalhávamos em dois turnos, mas pela exiguidade de coveiros, somos obrigados a trabalhar em turno único, ou seja, das 7h30 às 17 horas", conta para depois juntar que mesmo assim o salário não foi aumentado e durante o tempo de descanso, por volta das 11 horas, não tem direito ao almoço. Segundo nos conta, os preços da refeição praticados por um centro social algures são proibitivos, os pratos partem dos 40 meticais, "este dinheiro para nós é muito porque não recebemos quase nada".

"...até parece que somos escravos"

Fernando conta ainda que nos dias de pico, nomeadamente sábados e terças-feiras, a pressão é maior, quase que não há tempo para descansar. "Nesses dias, como por exemplo hoje (dia 9 de Agosto) fiz 4 covas sozinho. Nós estamos

distribuídos por grupos, normalmente cada grupo tem quatro elementos, mas devido à falta de coveiros existem grupos com apenas dois elementos e não é fácil trabalharmos nestas condições", comenta e acrescenta: "pedimos para que a administração do cemitério procure mais coveiros para responder à demanda, trabalhamos sob pressão e recebemos mal, até parece que somos escravos".

Por seu turno, Henrique Guambe, pai de quatro filhos, e residente no bairro Ndlhavela, Município da Matola, a trabalhar desde 2003 como coveiro, para além do magro salário mensal de 2700 meticais, lamenta o facto de o número de coveiros ser reduzido e não estar à altura de responder eficazmente à demanda, "Nos dias de pico, somos obrigados a atrasar os funerais de certas famílias, dado que geralmente a hora dos funerais coincide e somos poucos coveiros em serviço".

Há pastores que demoram nas orações fúnebres

Guambe aponta o dedo aos pastores e padres. "Alguns deles levam mais de uma hora de tempo a fazer orações e, quando é assim, nós somos obrigados a permanecer minutos a fio com a família para no fim das orações metermos o caixão e tapar a cova." Aliás, algumas vezes, devido à demora das orações fúnebres, vêm-se na contingência de abandonar temporariamente certas famílias, para fazerem outras covas.

É no meio da procura pelo trabalho dos coveiros que algumas famílias acabam por oferecer algum dinheiro. Porém, "há quem diga que nós cobramos algum dinheiro pelas covas, isso é mentira. O que acontece é que certas famílias dão e nós recebemos, aliás, o nosso salário é tão baixo que nem dá para recusar essas ofertas que geralmente não ultrapassam os 50 meticais", diz.

*Recolha



O problema de espaço

A realização de funerais no Cemitério de Lhanguene é uma realidade que salta à vista. Porém, o discurso oficial é feito em torno da falta de lugares no local. Para mitigar tal situação, estão a ser usadas as ruas que separam as campas.

@Verdade ouviu o administrador do cemitério de Lhanguene, Alfredo António Faife, o qual sublinhou que a falta de espaço é um bico de obra que o município tem de enfrentar. Contudo, fez saber que "começou há poucos anos com o processo de retirada de algumas famílias residentes na parte traseira do cemitério". Com tal medida, diz Faife, "haverá mais espaço para a realização de funerais".

O destino das famílias é o bairro do Zimpeto e uma parte delas já dispõe de talhões. No que diz respeito às indemnizações, ainda ficou uma parte das famílias por receber os valores acordados.

Alfredo Faife conta ainda que a área actualmente ocupada pelas residências é de cerca de 15 hectares. "Este espaço é enorme, em cada hectare podem ser feitas 250 covas." Contudo, Faife não parece estar muito seguro quando diz: "se, de facto, as famílias forem retiradas teremos resolvida a questão de espaço." Mas se isso acontecesse Faife ficaria aliviado. "Somos obrigados a desenrascar espaços que na verdade não existem", desabafa.

Faife fez saber que os 58 hectares do Cemitério de Lhanguene estão subdivididos em talhões. "Internamente existe uma área de um hectare reservada à inumação de entidades oficiais do Governo, um hectare para os antigos combatentes e desmobilizados de guerra e os restantes destinados à sociedade civil ou a pessoas singulares".

Ainda em relação à estrutura interna, o administrador do cemitério disse que existe espaço para a comunidade cristã que regista uma maior afluência do que as zonas da comunidade maometana, da hindu e a da comunidade persa.

Um cemitério mal localizado

Municípios entrevistadas pela nossa reportagem reconhecem a importância que o cemitério de Lhanguene tem, mas lamentam o facto de a sua localização não ser boa. "É verdade que é um lugar acessível, mas pelo facto de estar ao longo da EN1 (Avenida de Moçambique), uma zona com um movimento intenso de viaturas, isso perturba de certa maneira o decurso normal das cerimónias fúnebres, por um lado ouve-se o roncar estrondoso de alguns autocarros, sobretudo camiões de grande tonelagem, por outro as gritarias de cobradores na angariação de passageiros", comenta Nela Cossa.

Os coveiros serão submetidos a formação

O administrador do cemitério de Lhanguene, disse que durante uma semana a contar de 15 de Agosto corrente, o município de Maputo vai capacitar os coveiros de todos os cemitérios desta urbe. "Esta capacitação resulta da necessidade de dotar os coveiros de alguns princípios éticos e morais no desempenho dos seus trabalhos. Nós queremos que os coveiros saibam como lidar com as famílias enlutadas, munidos de princípios de relações públicas para saberem como lidar com o público que ocorre àquele local que é sinónimo de tristeza e dor", conta para depois acrescentar que esta não será a única capacitação.

A nossa fonte asseverou ainda que actualmente o cemitério de Lhanguene tem um efectivo de cerca de 25 coveiros e 32 senhoras que se dedicam à limpeza diária do recinto, todos contemplados na capacitação deste mês na cidade de Maputo.

O Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) considera que estudos realizados no país alertam para grande vulnerabilidade das cidades costeiras às mudanças climáticas, resultando no aumento da intensidade, na frequência de ciclones e na subida do nível médio das águas do mar cada vez mais graves sobretudo em Maxixe, Beira, Inhambane, Vilankulo, Maputo, Quelimane e Pemba.

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

Um mercado nos trilhos

Texto e fotos: Helder Xavier

No bairro de Karrupeia, na cidade de Nampula, um mercado pouco comum cresce a olhos vistos ao longo da linha férrea, onde centenas de pessoas ganham o seu sustento vendendo diversos produtos de primeira necessidade. Durante o dia, o comércio não pára, a não ser para deixar o comboio passar.



O dia mal começou, mas um aglomerado de pessoas sobressai aos olhos de quem por lá circula. Aliás, os dias neste local começam bastante cedo. Falta pouco menos de um quarto para as seis horas da manhã. A azáfama dos que fazem dos trilhos um lugar de sobrevivência já se faz sentir com maior intensidade.

Escolher o melhor sítio para se instalar, arrumar e expor os produtos por cima dos carris, são as primeiras coisas que este grupo de homens, mulheres e até crianças fazem quando chegam ao local, depois de percorrerem longas distâncias. Na sua maioria, provêm de diversos bairros limítrofes da cidade de Nampula e não só. E cruzam-se debaixo de um sol intenso para ganhar o sustento diário e, consequentemente, fomentar a economia e contribuir para o crescimento da urbe, ainda que informalmente.

O espaço não é somente um simples mercado. É também uma 'escola'. "Foi neste lugar onde aprendi a ganhar a vida", afirma Abibo Osório, de 21 anos, vendedor de tomate há aproximadamente três anos.

Mas, diga-se, neste local as lições e as regras são outras. Até porque são traçadas todos os dias, das 6h00 e sem hora para terminar, pela necessidade de sobrevivência. E também pelo curso da própria vida. "Comecei por ser ajudante. Carregava mercadorias da minha tia de casa para o mercado e vice-versa, e ela pagava-me 300 meticais por mês. Mas hoje tenho o meu próprio negócio", diz Abibo. Presentemente, o rendimento mensal melhorou. "Agora, por mês, em média, sou capaz de obter 1500 meticais", garante.

Abibo Osório tem de percorrer pelo menos quatro quilómetros a pé até chegar ao mercado, o seu posto de trabalho. Faz esse percurso todos os dias, de segunda a domingo. Vive em Napipine e tem um agregado familiar constituído por cinco pessoas que dependem dele.

"As dificuldades são enormes, pois há falta de emprego e é por isso que optei por ter o meu próprio negócio. Compro tomate para revender", conta. Adquire o produto quando chega o comboio proveniente do distrito de Cuamba, província de Niassa. Mas a sua ambição é fazer prosperar a sua actividade: "Quero vender outros produtos, além

de tomate. Já estou a pensar em comercializar também, com ajuda da minha mulher, peixe e batata".

Ao longo dos carris, o comércio tornou-se na solução para a debilidade financeira de muitas famílias. Aliás, diga-se, o mercado nos trilhos é o local onde os que não tiveram a sorte de nascer num berço com o mínimo de condições lutam pela sobrevivência.

No espaço, vende-se quase tudo, desde tomate e cebola, passando pelos vestuários e calçado, até aos acessórios de telemóvel. O mercado funciona diariamente a partir das primeiras horas do dia, às seis da manhã, e prolonga-se até às 21h00. Durante o período da manhã, a movimentação de gente é intensa, devido à comercialização de peixe fresco. Quando a noite cai, o comércio aglutina-se no lado esquerdo da linha férrea e a agitação é maior. Na margem direita encontra-se uma paragem de autocarros interprovinciais e distritais.



Ninguém sabe ao certo quando e como o mercado surgiu. Mas os que fazem deste espaço o seu posto de trabalho garantem que há muitos anos buscam o sustento neste local. "Quando cá cheguei há



pouco menos de quatro anos, o mercado já existia há pelo menos um ano e meio", conta Carlos Amílcar, de 26 anos de idade, vendedor de naquele local.

Carlos é natural de Quelimane e está em Nampula a ganhar a vida. Faz da vendade roupa usada o seu ganha-pão há pouco mais de seis anos, quando as condições de vida começaram a definir tornando-se insustentáveis.

Porém, as dificuldades financeiras por que passava foram alguns dos motivos que fizeram com que Carlos recorresse a este local. Ou seja, abraçou a actividade informal por causa da necessidade de sobrevivência lá para os primeiros meses de 2000. Mas a sua história começa quando, todos os dias, enfrentava a falta de alimentos para a sua família na terra natal.

"Abandonei a minha terra em busca de melhores condições de vida. Cheguei aqui sem dinheiro e sem nada. Contava apenas com a ajuda de um amigo. Passava por diversas partes da cidade e avistava vários jovens e miúdos da minha idade a exercer alguma actividade rentável e isso motivou-me", afirma.

A urgência de ganhar dinheiro, de forma honesta, para ajudar na renda de casa levou-o a entrar neste mundo e, neste momento, não quer que lhe falem noutra actividade, até porque, comenta, as coisas que tem hoje resultaram do comércio. "Este é meu emprego e é com esta actividade que garanto o sustento da minha família, os meus filhos vão à escola e arrendo uma casa", afirma.

Pai de um casal, Carlos vive maritalmente no bairro de Namutequelua e orgulha-se do trabalho que faz. Interrompeu voluntariamente a 3ª classe, pois não tinha o que comer para poder ir à escola. Presentemente, dedica-se a um negócio que lhe garante uma renda mensal que varia entre 2500 e três mil meticais.

Neste mercado, nos trilhos, durante o dia, debaixo de um sol escaldante, há vidas pautadas por episódios inesperados lutando com dificuldades sem fim para terem o que comer no final do dia.

Depois de Mondlane, parece que a moda pegou

Texto: Victor Bulande

Quando se pensava que o ano 2011 iria ser marcado – na área política – apenas pela renúncia de Alberto Mondlane ao cargo de presidente do Conselho Constitucional, em Março último, eis que o país é surpreendido por uma onda de renúncias, desta vez protagonizadas pelos presidentes dos municípios de Cuamba e de Pemba, facto que acontece pela primeira vez em Moçambique.

O primeiro a abrir mão do cargo foi o presidente do Conselho Municipal da Cidade de Cuamba, Arnaldo Maximiliano Maloa, que apresentou na última segunda-feira uma carta à respectiva Assembleia Municipal, na qual renunciava ao cargo de edil daquela cidade, localizada na província de Niassa.

Arnaldo Maloa evocou a necessidade de dar continuidade aos estudos como tendo sido o motivo que o levou a tomar a decisão de renunciar àquele cargo, que ocupava desde 2009. "Ganhei uma bolsa para estudar e a lei prevê que o edil tem de fazer a interrupção e colocar o cargo à disposição. Tive que fazer uma escolha: ou os estudos ou o município", disse Maloa, citado pelo "O País".

Na mesma semana (quarta-feira), o presidente do município de Pemba, Sadique Assamo Yacub, também apresentou uma carta de pedido de renúncia. Presume-se que a decisão de Sadique Assamo

seja o corolário da sua relação azeda com as estruturas do partido Frelimo a nível daquela urbe.

Assamo chegou a acusar as estruturas daquele partido – do qual é membro – de estarem a orquestrarem uma campanha de perseguição, alegadamente por ele estar a fazer cumprir a lei de terras, no que diz respeito à atribuição dos Títulos de Propriedade e Aproveitamento de Terras. As referidas estruturas chegam ao cúmulo de se "queixar" ao Presidente da República, Armando Guebuza, violando, deste modo, a hierarquia existente no nosso ordenamento jurídico.

Entretanto, aventa-se a hipótese de estes edis estarem a renunciar aos seus cargos a convite da Direcção Central do partido ao qual pertencem – Frelimo –, por estes serem acusados pelas estruturas locais de gestão danosa dos fundos, abuso de poder e de não acatarem as decisões e recomen-

dações do partido a nível local.

O "convite" estende-se aos edis de Chókwè, Jorge Macuácuá, da Manhiça, Alberto Chicumba, e o de Quelimane, Pio Matos.

Em relação ao edil de Quelimane, este diz que quando quiser renunciar ao cargo, "os municípios serão os primeiros a saber porque farei com pompa e circunstância". Na entrevista que concedeu ao Diário da Zambézia, Pio Matos deixou transparecer a ideia de que só obedece aos munícipes, pois foram estes que o colocaram no poder, daí a necessidade de os respeitar.

Num tom de desabafo, chegou a reconhecer haver interesses partidários na gestão dos municípios. "Estou a fazer o terceiro mandato e para isso acontecer tive de engolir muita coisa e, por vezes, representar interesses. Quando isso acontece, então, ficas o mau da fita", concluiu Pio Matos, dando a entender que teve de se ajustar

a algumas conveniências para permanecer no poder. Pio Matos dirige o município de Quelimane desde 1998, ano em que as autarquias foram implantadas no país.

Em reacção às acusações de má gestão, embora não tenha especificado, a ministra da Administração Estatal, Carmelita Namashulua, admite que esta foi detectada nalguns municípios, mas diz que os mesmos resultam da pouca experiência do país no que diz respeito à gestão municipal.

Refira-se que o Ministério da Administração Estatal, Ministério das Finanças e o Tribunal Administrativo têm realizado inspecções regulares às contas dos municípios.

Eleições intercalares ainda este ano

O número 5 da lei 2/97 - Lei das Autarquias Locais - preconiza que, caso falem mais de 12 meses para o fim do mandato, sejam

realizadas eleições intercalares, num prazo de 60 dias após a renúncia. A data das referidas eleições deve ser marcadas 15 dias após tal acto.

Com o mundo a braços com uma crise económica e financeira, não se sabe onde o país irá buscar dinheiro para realizar as referidas eleições, mas o país já deu provas de que quando se trata de política, há sempre dinheiro, embora o mesmo não se verifique quando é para se atender às necessidades do povo.

Hipólito Hamela afastado do IGEPE

Na mesma onda de renúncias e exonerações, o Conselho de Ministros nomeou Apolinário Inguane para o cargo de presidente do Conselho de Administração do Instituto de Gestão das Participações do Estado (IGEPE), em substituição de Hipólito Hamela, exonerado no dia 5 de Agosto.

Embora o Governo não se tenha pronunciado em relação às razões que ditaram o afastamento de Hipólito Hamela, que ocupava o cargo há pouco tempo – um ano e quatro meses –, presume-se que o clima de mau ambiente e de insatisfação que este instalou no seio daquela instituição tenha sido o móbil do seu afastamento.

Os funcionários do IGEPE chegaram a enviar uma carta à imprensa, na qual, para além de o acusarem de má gestão, apontavam o facto de não ter consultado o Conselho de Administração daquela instituição quando vendeu as participações que o Estado detinha na Mabor e na Vidreira de Moçambique.

Diante destas e outras acusações, o Ministério das Finanças, através da Inspecção-Geral das Finanças, fez uma auditoria às contas do IGEPE, cujos resultados são desconhecidos.

Beira	Sexta 12	Sábado 13	Domingo 14	Segunda 15	Terça 16
	 Máxima 27°C Mínima 16°C	 Máxima 29°C Mínima 16°C	 Máxima 26°C Mínima 17°C	 Máxima 24°C Mínima 18°C	 Máxima 24°C Mínima 18°C

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Exmo Senhor Director!

Paulino Fernando António, leitor do Jornal onde V.excia. é digno dirigente, venho por este meio, pedir a sua autorização de publicação da minha carta, que abaixo apresento:

Paulino Fernando António, cliente do Banco Socremo, Delegação da Beira, titular da conta Nr. 49316934, venho por este meio exprimir o meu grito de Socorro à V.excia, pelo seguinte:

1 - Dia 29/04/2011, dirigi-me a uma caixa electrónica (ATM) do Banco Terra a fim de fazer levantamento de valores. Só que, na altura, a máquina não estava disponível. Segui para a ATM do BCI que fica em frente das LAM (tentei nas duas caixas), a situação foi a mesma. Continuei até à ATM do Banco Austral que fica próximo da Companhia das Águas de Moçambique. Aí foi pior. A máquina nem sequer reconheceu o cartão.

Daí, fui à ATM próxima, que é do BCI (próximo das Águas). Aqui, finalmente, consegui levantar o valor de 5.000,00MT (cinco mil meticais).

De referir que o Banco, ao invés de debitar 5.000,00MT (cinco mil meticais) levantados, debitou 15.000,00MT (quinze mil meticais). Neste contexto, fiquei lesado em 10.000,00mt (dez mil meticais). Notei esta diferença através do saldo que mostra o recibo de levantamento.

2 - No dia 02 de Maio/11, fui ao Banco (balcão) para reclamar o sucedido em relação à minha conta. Para isso, pedi o extracto da mesma. Foi ali que descobri que o Banco debitou-me 15.000,00Mt e não 5.000,00Mt no dia 29/04/11.

Imediatamente coloquei a questão. Disseram que devia contactar a Dona Isa, pois era a pessoa indicada para estes casos. Esta mandou fazer a ocorrência e fi-la na hora.

Passado um mês sem resposta, voltei ao Banco para saber. Saí sem sucesso. Ela já não fazia parte do Banco. Mandaram-me falar com o gerente (Sr. Isaías).

Contactei o Sr. gerente, este mandou-me preencher de novo a ocorrência e disse que ia resolver o assunto o mais rápido possível porque estava a preparar o gozo da sua licença disciplinar. Passados alguns dias, voltei ao Banco, também não tive sucesso, senão dizer que ia de férias e que na ausência dele podia contactar o Sr. Feliciano.

Também contactei o Sr. Feliciano. Não dizia nada de jeito, senão: "Estamos a tratar do assunto". No final, disse-me que ia de férias. Mas sobre o meu assunto podia contactar a dona Helena.

No dia 04 de Agosto/11, contactei a dona Helena, ela disse-me que o sistema confirma que levantei o dinheiro. E mais, o assunto foi remetido à Interbancos.

Excias,

Peço que me ajudem, já falei com gerente do Banco, com minha gestora de Conta, Dona Laura e outros elementos daquela instituição bancária, só que me parece estarem limitados. Agora, o que devo fazer para reaver o meu dinheiro?

1 - Como é possível levantar na ATM 15.000,00MT, se o LIMITE diário neste Banco é de 10.000,00?

2 - Será que precisam de tanto tempo para resolver um caso deste?

3 - O que está a acontecer? Será que estou perante um Banco que não merece confiança?

4 - Como pode assim Moçambique desenvolver, se as pequenas economias que a gente consegue alguém as retém?

5 - Se é que vão repor, quem pagará todo o tempo em que o meu dinheiro ficou empatado?

Antecipadamente agradeço a atenção de V. Excia.

Atentamente,

Paulino Fernando António

Contactos: 825142388, 848305363

Emails: paulino@cpmz.co.mz, paulinhochanze@yahoo.com, paulinofantonio@gmail.com

Mediante a reclamação apresentada pelo Senhor Paulino Fernando António, @Verdade contactou a Direcção do Banco Socremo, em Maputo. Quando chegámos ao local, foi-nos dito que a pessoa indicada para esse tipo de assuntos havia saído para o almoço, tendo-nos sido aconselhado a voltar às 14 horas do mesmo dia. Na hora marcada foi-nos indicada uma senhora, esta por sua vez disse que pela dimensão do assunto não tinha competência para se pronunciar, imputando tal responsabilidade ao director da instituição. A essa hora, o director encontrava-se reunido, daí que não nos podia receber. Pediram que deixássemos o nosso contacto telefónico para que o director nos ligasse depois da reunião, o que não veio a acontecer até a hora do fecho da nossa edição (17:00h, da quarta feira).

Entretanto, ficámos a saber de um funcionário do Banco Socremo, que a instituição já tinha recebido, há dias, a reclamação do Senhor Paulino e já estava a dar o devido encaminhamento. O mesmo disse ainda que casos de género levam algum tempo (não especificado pela instituição), porque devem passar pela Interbancos, para que esta possa confirmar se o dinheiro foi ou não levantado.

Mais ainda, a senhora que nos recebeu disse que casos como o do Senhor Paulino, são frequentes nos utilizadores do cartão Ponto24.

NOTA: Caso o director do Banco Socremo nos venha a contactar, publicaremos nas próximas edições a sua versão. Mesmo que tal não aconteça, prometemos entrar em contacto com a Interbancos.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: *por carta* – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; *por Email* – averdademz@gmail.com; *por mensagem de texto SMS* – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Nada de novo na AT

"Não há nada de novo debaixo do sol", diz a Bíblia. Embora as actividades da Autoridade Tributária (AT) estejam fora do âmbito sagrado, Salomão a quem é atribuída a frase, não poderia estar mais certo. Pelo menos foi essa a impressão com que se ficou depois da divulgação do relatório preliminar do já apelidado caso "Madeira de Nacala".

Texto: **Redacção**

Numa conferência de imprensa invulgar e que contou com 27 funcionários da AT – com apenas 11 jornalistas na sala – Rosário Fernandes, presidente da AT, disse que as pessoas envolvidas no caso serão responsabilizadas "independentemente de quem quer que sejam". Porém, certa imprensa associou o nome de alguns generais ao caso, um dos quais, diga-se, foi visto, minutos antes do encontro com os *media*, a abandonar o edifício das Alfândegas.

Fernandes diz que não tem sofrido qualquer tipo de pressão e que "o mais importante é "salvaguardar o interesse do Estado". Refira-se, no entanto, que os nomes dos generais associados ao saque não cons-

tam da estrutura accionista das empresas prevaricadoras.

Disco riscado

No que diz respeito aos contedores a AT sublinhou as informações que já vinham a ser veiculadas por diversos órgãos. Ou seja, Rosário Fernandes confirmou que, de facto, se trata de 561 contedores pertencentes a oito empresas, designadamente Casa Bonita Internacional, Senyu Lda, Yizou e Chanate Lda, Verdura Lda, Mozambique Trading, Tong Fa Lda e Zhen Long Internacional, sendo que as primeiras quatro têm sede na cidade de Nampula e as remanescentes em Nacala. A madeira estava a embarcar para a China em três navios, designadamente La-

tour, Cota Nilam e Barrier.

Refira-se que o Governo, no seu Decreto 12/2002, de 6 de Junho, estabeleceu no seu artigo 12º que "só é permitida a exportação de madeira das espécies de primeira classe, após o seu processamento", aqui em Moçambique, o que não aconteceu com a madeira ora apreendida.

Lembre-se de que a divulgação dos resultados da re-verificação efectiva dos 561 contedores de madeira surge, entretanto, alguns dias depois das 12 associações cívicas moçambicanas terem enviado uma carta aberta ao Presidente da República, Armando Guebuza, denunciando a delapidação dos recursos naturais

e outros por "redes do crime organizado, envolvendo dirigentes do Governo e do partido FRELIMO" naquela acção criminosa contra a economia moçambicana.

O semanário Savana avançou na edição da semana passada que o director geral das Alfândegas, Domingos Tivane sonegou um documento de actualização do preço de referência da madeira e seus derivados. Domingos Tivane recebeu o documento em Junho e só foi tornado público (através dos despachos nº 19/DGA/2011 e 20/DGA/2011 ambos de 14 de Julho) e com carácter de "muito urgente" depois do escândalo, ou seja, 14 de Julho de 2011. Sobre o assunto, Rosário Fernandes deu ex-



plicações não convincentes. Disse o seguinte: "os serviços competentes do Ministério da Agricultura que superintendem a área das florestas, por imperativos da lei, fornecem trimestralmente às Alfândegas o preço de referência da madeira e seus derivados expressos em metros cúbicos e em espécie excluindo os produtos acabados. As ordens de

serviço número nº 19/DGA/2011 e 20/DGA/2011 ambas de 14 de Julho, seguem em obediência ao ofício nº 972/MINAG/DNTF-DNC/010/11 de 14 de Julho de 2011 do Ministério da Agricultura, constituindo o fundamento bastante para a regularização dos encargos fiscais".

Ou seja, a nova tabela com preços de referência vinda do Ministério da Agricultura deu entrada no dia 14 de Julho. Portanto, o documento deu entrada e foi despachado no mesmo dia e publicado com carácter "muito urgente".



NIASSA Produção global com avanços assinaláveis

O Conselho Coordenador do governo provincial do Niassa, reunido semana passada na cidade de Lichinga, na sua segunda sessão, constatou que a produção global da província se situou, no primeiro semestre deste ano, em 9.560.379.487,10 meticais, cifra que, comparada a igual período do ano passado, representa um crescimento de 16,1 por cento. Trata-se de uma realização em 96 por cento em relação ao plano anual, que é de 9.864.776.610,70 meticais.

O director provincial do Plano e Finanças, Feliciano Faduco Dembele, justificou este crescimento como sendo resultado directo da apreciação do preço de minérios no mercado internacional e, por outro lado, da adopção e aprimoramento das técnicas de recolha de dados, com destaque para os sectores das pescas e agricultura.

O relatório lido na altura aponta

que, na área da agricultura, foram semeados, este ano, mais de 480 mil hectares de culturas alimentares, nos quais foram produzidas 923.206 toneladas.

Ainda neste sector, a fonte disse que a província do Niassa produziu mais de 26 mil toneladas de culturas de rendimento, quantidade, entretanto, considerada muito aquém das necessidades se comparada com a do ano passado.

Em relação às áreas sociais, o relatório destaca uma melhoria significativa na cobertura da rede sanitária, tendo em conta a disponibilidade de recursos humanos em todos os distritos, com maior destaque para a colocação de médicos. Contudo, o rácio habitante/médico continua muito alto, sendo que cada médico está para 3556 pessoas e 933 em relação a um técnico de Saúde. / **Notícias.**



TETE Camponeses de Angónia sem adubos inorgânicos

Os camponeses produtores de culturas alimentares no distrito de Angónia, no Planalto Angónia/Maravia, ao norte da província de Tete, estão a enfrentar problemas sérios de falta de fertilizantes para o melhoramento dos solos de produção, mais concretamente de adubos orgânicos. A crise está a contribuir, negativamente, para os rendimentos de produção por hectare e, segundo o administrador do distrito de Angónia, Joaquim Cherehe, o governo está a encetar esforços no sentido de encontrar agentes económicos para a instalação de uma unidade comercial dedicada apenas à venda de insumos agrícolas como fertilizantes, instrumentos de produção agrícola, entre outros equipamentos agrários.

“A maioria dos produtores recorre ao uso de enxada. Conseguimos alocar oito tractores agrícolas com

as respectivas alfaías aos agricultores privados e estão sendo envidados esforços no sentido de conseguir mais quatro novos tractores”, disse o administrador distrital de Angónia

No tocante à produção e produtividade, na campanha agrícola 2009/10, foram produzidas 362.825,5 toneladas de produtos diversos e, em termos de segurança alimentar, foram geradas 150.433 toneladas de cereais, havendo um excedente de 100.181 toneladas disponíveis para comercialização.

A rede comercial do distrito de Angónia é constituída por 35 estabelecimentos comerciais que fornecem produtos da primeira necessidade à população e, igualmente, absorvem os produtos agrícolas excedentes dos camponeses.. / **Notícias.**



MANICA Mais de 900 mil meticais desaparecem na direcção da Educação de Machaze

Mais um escândalo financeiro acaba de abalar o sector da Educação em Manica. Em causa, desta vez, está o sumiço de novecentos mil meticais (900.000,00Mt), cerca de 33 mil dólares, que estavam depositados numa conta bancária da Direcção dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia do Distrito de Machaze.

O director da Administração e Finanças da instituição, Benedito Vasco Muhate, é acusado de extravio destes valores dos cofres do Estado. O valor, segundo foi revelado, destinava-se à assistência de crianças órfãs e vulneráveis daquele distrito, que se localiza ao sul da província de Manica.

O acusado encontra-se fugitivo do

distrito e da província, mas consta que já terá sido encontrado e capturado pela Polícia na província de Inhambane, a sul do país. O caso já foi remetido à Procuradoria Distrital de Machaze e à PRM local, visando apurar o protagonista do referido rombo financeiro e outros intervenientes no processo, para que sejam responsabilizados pelo crime, conforme avançou o porta-voz do Comando Provincial de Manica, Belmiro Mutandui.

A nível da província, casos do género têm sido frequentes, principalmente no sector da Educação e Cultura, onde têm sido levantados salários e montantes relativos a horas extraordinárias de professores “fantasmas”, conforme o porta-voz da PRM avança. / **Canalmoz.**



MAPUTO Detido falso médico no Hospital José Macamo

UM indivíduo que se fazia passar por médico no Hospital Geral José Macamo, em Maputo, foi neutralizado e posto “fora de serviço” na tarde de quarta-feira, depois de ter sido descoberto numa das enfermarias daquela unidade sanitária. O “médico” foi imediatamente encaminhado à 18ª Esquadra, onde

se encontra encarcerado e a aguardar a tramitação legal do respectivo processo.

O administrador do “José Macamo”, Domingos Gentio, contou que o falso médico esteve a circular no recinto. A fonte disse ainda que a primeira situação que despertou



CABO DELGADO Moçambique deverá ser a breve prazo um exportador “substancial” de gás natural

Moçambique deverá ser a breve prazo um exportador “substancial” de gás natural, com a projectada construção de um terminal de LNG na província de Cabo Delgado (norte), de acordo com a Economist Intelligence Unit.

As descobertas de gás efectuadas ao longo do último ano na região pela norte-americana Anadarko Petroleum, salienta a EIU no seu mais recente relatório sobre Moçambique, deverão ter confirmado a viabilidade



SOFALA Activada Linha de Sena: Primeiro carvão chega à Beira

UM total de 2700 toneladas de carvão mineral de Moatize, na província de Tete, extraído pela companhia Vale Moçambique, chegou ao princípio da noite de ontem ao porto da Beira, transportado em 42 vagões e por três locomotivas.

O minério será descarregado num período de 48 horas, devendo permanecer a céu aberto no Terminal de Carvão daquela infra-estrutura ferro-portuária até que, na sequência da chegada de outros lotes, se atinjam 50 mil toneladas, altura em que será exportado.

Depois deste primeiro lote, segundo o presidente do Conselho de Administração dos Portos e Caminhos-de-Ferro de Moçambique, Rosário Mualeia, o comboio vai novamente seguir viagem durante 24 horas para alcançar a vila carbonífera de Moatize para, em quatro horas, se ocupar de um outro car-

do desenvolvimento de um terminal de gás natural liquefeito (LNG).

Estimativas não confirmadas citadas pela Economist apontam para reservas mínimas de 10 biliões de pés cúbicos (mais de 283 mil milhões de metros cúbicos) de gás natural, “muitas vezes mais do que o único campo de gás actualmente em produção em Moçambique”, em Pande/Temane (na província de Inhambane, sul do país)./ **Macauhub**

regamento. Em princípio está prevista a circulação de comboios três vezes por semana.

Na sua avaliação, o primeiro comboio chegou com algum atraso, tendo partido de Moatize às 20.00 horas de domingo e chegou ao porto da Beira depois das 18.00 horas de ontem, circulando a uma velocidade de cerca de 65 quilómetros por hora. Passada uma semana, o tráfego pode atingir uma média diária de seis comboios nos sentidos ascendente e descendente.

Segundo as projecções avançadas por Rosário Mualeia, a primeira exportação de carvão mineral de Tete deverá iniciar-se no dia 28 deste mês, tendo como destino os mercados brasileiro, indiano, japonês e sul-africano. Para o efeito, os navios que farão o transporte poderão chegar ao país no devido momento./ **Notícias**



INHAMBANE Baixas temperaturas devastam culturas em Inhassoro

Pouco mais de 550 hectares de culturas diversas foram recentemente destruídas, no distrito de Inhassoro, em consequência de baixas temperaturas que, nos últimos dias, se registaram naquela região da província de Inhambane.

O fenómeno, também chamado de “stress hídrico”, onde as temperaturas chegaram a atingir quatro graus positivos, atingiu quatro comunidades daquele distrito decorrendo, neste momento, um plano de emergência gerido pelo executivo distrital, visando a substituição das culturas destruídas.

O director dos Serviços Distritais das Actividades Económicas, em Inhassoro, Lucas Vilankulo, explica que o fenómeno foi caracterizado pela formação de cristais de gelo nas folhas de várias culturas da segunda época da presente safra agrícola e, durante o dia, os raios

solares incidiam sobre as plantas.

Esta variação brusca de temperaturas, segundo explicações do director das Actividades Económicas, impediu o desenvolvimento vegetativo das culturas alimentares. Lucas Vilankulo apontou as localidades de Maimelane, Thiane, Vulcanjane e Chidacheque, zonas consideradas potenciais produtoras agrícolas cujas culturas foram atingidas pelas baixas temperaturas originando a sua consequente destruição.

“O stress hídrico não é um fenómeno novo, normalmente, acontece num intervalo de 15 em 15 anos mas também não em grande intensidade tal como aconteceu agora”, explicou Lucas Vilankulo que referiu que na última vez que isso ocorreu, algumas culturas consideradas fortes, como mandioqueiras e papaieiras resistiram, ao contrário do que se verificou este ano. / **Notícias**

conduzida para aquele local por um médico a partir do Banco de Socorros.

Entretanto, perante as autoridades do posto policial de “José Macamo”, o falso médico viria a apresentar-se como um voluntário do Serviço do Adolescente Jovem (SAAJE), um



NAMPULA Barracas combatem fecalismo a céu aberto na Ilha de Moçambique

As autoridades administrativas municipais da cidade da Ilha de Moçambique, na província de Nampula, adoptaram uma nova estratégia no combate ao fecalismo a céu aberto. Tal estratégia consiste na instalação de barracas ao longo da costa para a venda de produtos alimentares, uma iniciativa que está a surtir os efeitos desejados, tendo em conta que se regista uma redução considerável do número de residentes que se dirigem àquele local para satisfazer as suas necessidades biológicas ao ar livre.

É um dado adquirido que na capital do norte as barracas construídas para a venda de produtos alimentares dispõem de condições mínimas para o exercício daquela actividade, para além da iluminação eléctrica que antes não existia. Todos estes factos desencorajam as pessoas de praticar o fecalismo a céu aberto ao longo da praia, naquilo que cons-

tituiu um sério atentado à saúde pública.

O administrador da Ilha de Moçambique acrescentou ainda que, além da prática de actividades desportivas nas praias, têm sido igualmente promovidas campanhas de limpeza, bem assim de sensibilização sobre a necessidade do uso de latrinas ou sanitários públicos construídos em certas zonas do município.

A prática do fecalismo a céu aberto na cidade da Ilha de Moçambique é tida como sendo um dos principais factores que impede ou condiciona a prática do turismo naquela zona mas, com a redução do fenómeno, as autoridades governamentais acreditam que os turistas poderão escalar a Ilha de Moçambique, declarada Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. / **Notícias.**



ZAMBÉZIA Energia eléctrica condiciona desenvolvimento de Mugeba

Os residentes do posto administrativo de Mugeba, distrito de Mocuba, na Zambézia, pedem ao governo provincial para estender, ainda este ano, a energia eléctrica da rede nacional de forma a promover o desenvolvimento socioeconómico da região.

O posto administrativo de Mugeba, com mais de 90 mil habitantes, é potencialmente agrícola, sendo que a região é atravessada por vários cursos hídricos. No entanto, o seu aproveitamento para a irrigação dos campos agrícolas depende da montagem de motobombas de que os camponeses locais não dispõem.

O presidente da Associação Agrícola de Mocuba, Sebastião Moisés, afirmou que, para além da energia eléctrica, o Governo deve repensar no modelo de financiamento da

produção de comida. Os agricultores foram unânimes em apontar que a energia eléctrica poderá aumentar o desenvolvimento socioeconómico daquele ponto do país. Fora a questão do desenvolvimento das actividades agrícolas e de agro-processamento, conforme referiram, devido à falta de energia eléctrica, as escolas e unidades sanitárias também enfrentam sérias dificuldades no seu funcionamento, particularmente à noite.

Entretanto, o governador da Zambézia, Francisco Itai Meque, reconheceu as preocupações apresentadas pelos residentes de Mugeba, e disse que o governo provincial está a mobilizar 2,5 milhões de dólares norte-americanos para financiar a electrificação rural do posto administrativo de Mugeba. / **Rádio Moçambique.**



GAZA Residentes de Chilengue recebem moageira

O Ministério da Indústria e Comércio procedeu, recentemente, à entrega de uma moageira à comunidade de Chilengue, no distrito do Bilene, em Gaza. A entrega da moageira, em cerimónia pública, resulta de contribuições dos quadros daquele ministério que, durante três dias, estiveram reunidos na praia do Bilene em mais um conselho coordenador do sector.

O apoio, de acordo com o Ministro da Indústria e Comércio, Armando Inroga, serviu para, de forma prática e objectiva, mostrar como se materializam as políticas do Governo e a concepção de estratégias para a comercialização agrícola, numa perspectiva de tornar esta actividade factor dinamizador da produção, produtividade e da cadeia de valores.

corpo de voluntários que opera no Hospital Central de Maputo, o que era também falso, pois não conseguiu dizer os nomes dos seus colegas e o local da sua formação, bem como os modos de actuação daquele grupo de voluntários.

Perante estas evidências, a direc-

ção do Hospital, segundo o administrador, não teve dúvidas de que se tratava de um indivíduo que agiu com a pura intenção de se aproveitar dos doentes, embora não tenha sido reportado nenhum caso de roubo de bens dos pacientes ou de cobranças ilícitas. / **Notícias.**

RADAR

COMENTE POR SMS 821115

Editorial

averdademz@gmail.com

João Vaz de Almada
joao.almada29@gmail.com

A norte nada de novo

Após um longo sono letárgico, que incluiu uma passagem prolongada pela capital do norte, Nampula, com direito a escolta policial diária, não fosse o membro do Conselho de Estado ser atacado por algum 'bandido armado', Afonso Dhlakama acordou estremunhado e foi estremunhado que saiu de casa, primeiro para Cabo Delgado e depois para a Zambézia, esta última província conhecida pela sua rebeldia em relação ao poder instituído.

E o que fez Afonso Dhlakama? Subiu para cima do palanque e disse, para quem o quis ouvir, que estava farto das brincadeiras da Frelimo – 'brincadeira da Frelimo' é a sua expressão preferida – e que iria criar quartéis paralelos para, passe o pleonismo, aquartelar, os seus homens, impedindo que estes voltassem a pegar em armas para lutar contra o poder, uma vez que existe, no seu entender, essa forte possibilidade porque o exército há muito que deixou de ser apartidário. "É da Frelimo e não respeita os meus homens". Mas os disparates não ficaram por aqui. O país, e deu como exemplo o Sudão, podia vir a ser dividido em pedacinhos. "É um mal menor." Assegurou ainda que iria haver manifestações – onde é que já ouvimos isto? – e que o mais tardar no Natal a Frelimo já estaria apeada do poder. Para demonstrar a sua força, numa lógica de ninguém se meta comigo, elementos da sua guarda retiraram à força uma AK47 a um agente da polícia da República, julgando humilhar a instituição.

No seu discurso falou ainda dos vergonhosos roubos eleitorais de que é alvo desde 1994 e da partidização de todo o aparelho de Estado pelo partido Frelimo. Ideias frescas, novas, nem uma para amostra. Tudo um permanente "dejá vu". Dá a sensação de que as palavras lhe saem da boca por sair e se fosse uma cassete a fita, de tão gasta, já há muito que se tinha desenrolado nas bobines criando aquele ruído tão característico como desagradável.

Dhlakama é demasiado patético para ser uma alternativa a este Governo. E não era nada difícil sê-lo dadas as inúmeras escorregadelas e os constantes desmentidos e recuos nas decisões numa lógica do que hoje é verdade amanhã é mentira, muito recorrente neste Governo. Assuntos para um líder da oposição pegar não faltam. Não é preciso ser-se um político de excepção para capitalizar os erros deste Governo. Mas, incompreensivelmente, isso foi coisa que o líder da Renamo nunca conseguiu fazer. Só vou dar algumas – as últimas por ordem cronológica – achegas: levantamento dos gastos com as presidências abertas, revolução verde, abolição da cesta básica, corrupção dos gestores públicos, enriquecimento ilícito dos PCA das empresas públicas e as constantes trapalhadas que envolvem a organização dos Jogos Africanos.

Dada a profusão de erros e de irregularidades deste Governo, parece-me ser quase tão fácil como as crianças encontrarem ovos de chocolate no jardim pela Páscoa.

"A política é a continuidade da guerra por outros meios (permitam-me inverter dessa forma uma frase famosa de Clausewitz): essa parece ser a coluna vertebral do que Dhlakama parece estar a dizer na sua luta de oratória castrense.", Carlos Serra in Diário de um sociólogo



Boqueirão da Verdade

"Domingo, que defende, intransigentemente, a liberdade de expressão e de crítica, ainda que em termos viris, acha que não.

Acha que Dhlakama tem de ser chamado à ordem enquanto é tempo. Não por contestar o regime, não por advogar a sua reestruturação, mesmo a sua destruição, direito que lhe assiste, mas por advogar tudo isso, com recurso à guerra", in Editorial do Jornal Domingo

"A Comissão que revê a lei eleitoral decidiu retirar a caução de 100 000 Mt para candidatos à Presidência da República. Se calhar vai aumentar o valor do Triste Fundo", Sérgio Viera in Carta a muitos amigos no Jornal Domingo

"Facilitamos com estas acções as palhaçadas e lesamos a seriedade de uma acto democrático por excelência. Que credibilidade merece um candidato que não consegue que o conjunto dos seus apoiantes angarie 100 000 Mt? Dez meticais por cada um dos dez mil apoiantes? Menos que uma cerveja ou um copo de nipa ou pombe? Sabemos que ninguém se vê punido por alambazar-se com o Triste Fundo, experiências

passadas demonstraram que os dinheiros serviram para a compra de viaturas e outros bens pessoais, farra e amantes. Que vergonha numa sociedade e sobretudo que mau trato à democracia que todos invocam para melhor a traírem. Fazemos de um momento solene uma boa fantochada para agradar a este e aquele extra-parlamentar e alguns ditos doadores, que, por sua vez, exigem boas cauções monetárias para os seus actos eleitorais. A Comissão não merece um abraço, esse reservo-o à dignidade", Idem

"O Governo tem cometido muitos erros (...). Mas agora, surgiu uma lufada de ar fresco com a exoneração de Hipólito Hamela do cargo de presidente do Conselho de Administração do Instituto de Gestão das Participações do Estado. Isso sim, foi filosoficamente correcto porque o Governo desligou-se de Hamela, porque estava a pôr em causa o princípio do certo ou errado, do bom ou do mau, do pessoal ou do colectivo. Era exemplo vivo do Governo a pactuar com a corrupção. Foi um pouco tarde a exoneração, mas valeu.", in Editorial do Jornal Público

"Não podemos permitir que os jovens usem os seus conhecimentos técnicos e tecnológicos para aumentarem mais o sofrimento da população carente. Mas para quê usar dinheiro do Estado na aquisição de viaturas de luxo, num país onde há milhões de pessoas que só almoçam e jantam com chá simples, muitas vezes sem pão? Não chega exonerar Hipólito Hamela daquele cargo no IGEPE; é preciso levar o caso às autoridades competentes para que todos saibam que a porca torceu o rabo!", Idem

"O comum de nós analisa a política enquanto exercício moral, enquanto repositório casuístico. No nosso alfofobre de argumentos entram estruturas predicativas do género: isto não pode ser assim, tem de haver cultura de Estado, etc. O ideal para não poucos de nós seria uma plataforma de ideias e de práticas iguais, muito certinhas, muito didáticas, muito disciplinadas.

Porém, a realidade é diferente. O conflito é o campo estruturante da vida e, naturalmente, da política.", Carlos Serra in Diário de um sociólogo

OBITUÁRIO: Rudolf Brazda
1913 – 2011 – 98 anos

Rudolf Brazda, o último sobrevivente dos "triângulos rosas", sinal identificativo dos homossexuais detidos nos campos de concentração nazis durante a Segunda Guerra Mundial, morreu no passado dia 3 de Agosto em Bantzenheim, no leste da França. "Rudolf entrou num sono profundo na madrugada do dia 3 de Agosto," comunicou um elemento da família. Desde Junho que vivia num centro hospitalar para idosos em Bantzenheim, na região da Alsácia, França. Contava 98 anos.



Bradza nasceu em 26 de Junho de 1913 na Saxónia – leste da Alemanha – no seio de uma família checa de língua alemã e foi um dos dez mil deportados por Adolf Hitler devido à sua orientação sexual. Em 1937 foi condenado a seis meses de prisão por participar numa "uma orgia entre homens" e, mais tarde, foi expulso e levado para a então Checoslováquia. Aqui, foi novamente julgado e condenado a 14 meses de detenção. Após cumprir a pena, Brazda foi deportado para Buchenwald por ser considerado recorrente. Sobreviveu a 32 meses de maus tratos e humilhação graças à sua amizade com um chefe comunista e "um pouco mais de sorte que os outros". No local, do qual foi libertado em Abril de 1945, foi obrigado a usar um triângulo rosa, símbolo que estigmatizava os homossexuais.

O drama dos "triângulos rosas" permaneceu desconhecido até 1980, altura em que foram publicados livros, rodados filmes e encenadas peças de teatro sobre a questão. Brazda saiu do anonimato em 2008, quando a Alemanha inaugurou um monumento para homenagear os "triângulos rosas" e anunciou que apenas uma testemunha do horror permanecia viva. Deixou ainda escrito o seu testemunho dos campos do horror numa obra intitulada "Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazi". Em Abril de 2010 foi nomeado Cavaleiro da Legião de Honra francesa.

SEMÁFORO



VERMELHO – Liga Moçambicana de Futebol

O Moçambola vai parar 45 dias e a desculpa é a participação da selecção sub-23 nos Jogos Africanos de Maputo. Sinceramente, temos dúvidas de que a Liga Moçambicana de Futebol (LMF) interrompa um campeonato apenas por esse motivo. Até porque seria preciso roçar os píncaros da incompetência para tal. Há, no meio desta decisão, uma ordem por baixo da mesa.



AMARELO – Protecção do Espaço Aéreo Moçambicano

A "I Time", a companhia aérea sul-africana de low-cost, anunciou esta semana que iria deixar de efectuar os seus voos Joanesburgo/Maputo, rota iniciada há cerca de um ano por aquela companhia. Segundo o director-geral da empresa, esta rota não é economicamente viável devido às restrições impostas pelas autoridades moçambicanas e sul-africanas, uma vez que a "I Time" só está autorizada a transportar 560 passageiros nos seus cinco voos semanais. Como nos seus voos utiliza um aparelho com capacidade de 157 lugares, 45 vão obrigatoriamente vazios por imposição daquela directiva, facto que inviabiliza a rota. Quem se lixa mais uma vez é o mexilhão, ou seja, o passageiro que quer voar a baixo custo. Mas esse não conta para nada.



VERDE – ANC

Finalmente o partido no poder na África do Sul começa a pôr na ordem o "menino" Julius Malema, o líder da Liga Juvenil do partido. A direcção do ANC reagiu com vigor às declarações exaltadas proferidas por Malema num encontro da Liga em que este afirmou que iria criar uma equipa para unir todas as forças da oposição no Botswana com vista a derrubar o Governo do Partido Democrático do Botswana. Classificou o Governo vizinho como um pedestal do imperialismo e fantoche dos Estados Unidos. O porta-voz do ANC classificou as declarações de Malema de "irreflectidas" e "embaraçosas" e que as mesmas "ultrapassam largamente os seus limites".



@Verdade Convidada

|Andrea Riccardi *
|averdademz@gmail.com

Há pelo menos dez anos – desde o trágico 11 de Setembro de 2001 – que pedimos aos muçulmanos que considerem seriamente a adopção da democracia e rejeitem a violência. A luta contra o terrorismo e pela democracia esteve na origem da guerra no Iraque. Mas, o mundo muçulmano está em plena ebulição há alguns meses. Quer a sua liberdade. Assiste-se a um empolgamento das gerações mais jovens, no seio das quais se inserem outros grupos populacionais. As crianças da era da globalização venceram o medo que paralisava toda a sociedade. Na Tunísia e no Egipto, os déspotas estabelecidos há muito tempo são afastados do poder.

É difícil prever o futuro da “primavera árabe” e o seu impacto na política. Não obstante, demasiados observadores ocidentais limitam-se a questionar se jogará a favor ou contra os islâmicos. A questão é reveladora da falta de confiança neste impulso democrático, assim como de muitas preocupações. Os ditadores árabes defendem-se contra os islâmicos para assegurarem a sua legitimidade. Mas agora o termo “islamismo” é genérico. É preciso fazer a distinção entre os vários actores muçulmanos, porque esta fórmula inclui democratas e conservadores, mas também extremistas e terroristas... Na Turquia, um país que possui o segundo maior exército no seio da NATO, está um partido islâmico no poder. A falta de interesse da Europa pela “primavera árabe” demonstra até que ponto as nossas sociedades civis julgam não pesar no movimento democrático árabe. Pode ler-se num painel dos manifestantes sírios: “O vosso silêncio mata-nos”. É uma mensagem dirigida ao Ocidente.

Ocidente, entre a indiferença e o realismo

No caso da Síria, os ocidentais manifestam uma grande apatia. Não é apenas consequência da guerra na Líbia e da crise económica. O Ocidente sempre demonstrou ser realista em re-

lação à família Assad. Os acontecimentos em Hama são disso testemunha. Foi onde, em 1982, Hafez el-Assad ordenou o massacre de cerca de 20 000 dos seus concidadãos (levados pelos Irmãos muçulmanos). A carnificina foi envolvida por um silêncio generalizado. O realismo triunfou face a um regime “progressista”, capaz de praticar uma política internacional hábil, sob a protecção dos soviéticos.

No mesmo ano, as milícias libanesas cristãs (com a cumplicidade do exército israelita) mataram um milhar de palestinianos nos campos de Sabra e de Chatila. Neste caso, a opinião pública, principalmente de esquerda, mobilizou-se. Lembrou-me de ter visitado esses campos e constatado pessoalmente o horror das destruições. Assistimos, assim, a duas reacções muito distintas. Depois de 1989, a Síria, sempre controlada pela minoria alauita, apresentou garantias contra os islamitas. O regime não está completamente isolado dentro do país e goza até de algum consenso. “Os alauitas comandam, mas representam uma garantia para as minorias”, assegurou-me um influente sírio cristão. É isto que os cristãos, os drusos e os curdos pensam.

O consenso é especialmente evidente em Alep, a pátria das minorias, onde vivem milhares de curdos e 300 000 cristãos. A cidade permanece calma agora que o país se revolta. A burguesia sunita chegou a um compromisso com os alauitas. Mas que fará agora que a contestação faz parte da própria maioria sunita? Não podemos, portanto, subestimar a reacção do mundo chiita (Irão, Iraque e Líbano), para quem a Síria constitui uma encruzilhada importante. Teerão arrisca-se a perder um aliado que lhe é próximo tanto no plano religioso como político – resultado das ligações existentes entre a Síria e as milícias libanesas do Hezbollah.

Agora, o poder alauita acha que não lhe restam outras soluções senão o terror, se não quiser perder o monopólio político e arriscar um ajuste de contas.

Dispara sobre o seu povo, maioritariamente sunita. No Egipto, Hosni Mubarak não disparou sobre a população, e o bloco que o apoiava percebeu que o seu tempo tinha acabado.

A proximidade cria responsabilidade

Será que os Sírios estão a contar com a indecisão dos ocidentais? Reina uma grande indiferença nas sociedades civis europeias, que demonstram inércia face aos graves problemas surgidos fora das fronteiras nacionais. É certo que o Ocidente não pode desempenhar sempre o papel de polícia dos direitos do homem. Mas a Síria está perto da Europa e de Israel. A proximidade gera responsabilidades. Entre a intervenção militar (como na Líbia) e a indiferença, existe um conjunto de opções para o exercício das responsabilidades que nos incumbem: pressões, contactos, busca de soluções, envolvimento dos grandes actores da cena internacional, entre outras.

Para já, não vemos como sair da polarização na Síria, onde um movimento que reúne pessoas dispostas a morrer pela sua liberdade enfrenta um poder suportado pelo medo e sem futuro, que aposta na repressão. Será preciso construir cenários de transição e fazer entender – com algumas decisões oportunas – que a lógica do terror é inaceitável. Depois de uma década de política internacional dominada pela questão islâmica, surgiram novos problemas, mas também novas possibilidades. São necessários critérios diferentes para interpretar a realidade e maiores responsabilidades políticas. E isto, certamente, por parte dos governos mas igualmente das sociedades civis e das forças políticas. O que se passa no mundo árabe e na bacia do Mediterrâneo condicionará os cenários geopolíticos do século XXI, muito mais que os incêndios locais.

* Fundador da comunidade de Santo Egídio/Texto original publicado no jornal Corriere della Sera



@Verdade da Manhiça

|Pentchiço Dambuzza Capetine
|averdademz@gmail.com

A meio do estudo em grupo, uma brusca melodia penhora-nos a concentração. Era uma melodia dissonante de volume altíssimo de incomodar os tímpanos. Com um pedido de desculpa, Isabel retirou do seu bolso o telemóvel ante o olhar intimidante da malta e atende:

– Alô tio, boa tarde – saudou a colega Isabel ao seu co-locutor na linha.

Era tarde de terça-feira por volta das 16 horas e preparávamo-nos para um teste de Química no dia subsequente. Isabel, minha prestigiada colega, é filha de um empresário local muito bem-sucedido e de uma professora de dedicação e profissionalismo largamente reconhecido na Manhiça. A sua posição e condição social dispensavam-lhe o respeito e consideração de todos, pois, à vista, detinha tudo ou de quase tudo de básico que um homem almeja: afecto, liberdade, educação e dinheiro. Muito dinheiro.

– Venha buscar-me daqui a 1 hora, estou em casa do Davidinho – rematou ainda na fala telefónica com o seu tio.

Do início da conversa, desde a saudação até então, a conversa parecia ganhar contornos mais amigáveis que o simples tratamento de sobrinho para o tio. Mas entendeu-se, se calhar seja pela aproximação de que os dois conservavam ou de inspiração à rebelde (a novela que adicionou mais graus de imoralidade estrangeira ao nosso país). Passado o tempo de estudo, estando agora o grupo a deliciar-se com um café e jogando conversa afora, sobretudo de alguns docentes que assediavam sexualmente as alunas entre algumas revelações das que estavam presentes naquela tarde, eis que já no vibrador o telemóvel da Isabel sinaliza uma chamada.

Ela retira do bolso e contempla a proveniência da chamada e com manifesta prontidão retira os livros da mesa sem sequer olhar para o que estava levando ou se esquecia de algo importante dela, ante o tremor do telemóvel ainda na mão.

– Beijinhos queridos, tenho de vos deixar, o meu padrinho espera-me lá fora. Ele veio buscar-me.

– Posso ir à vossa boleia? – Perguntou uma das colegas do grupo por sinal vizinha do suposto padrinho.

– Não... humm – gaguejou nervosa Isabel na réplica – vamos tratar de um assunto familiar, sabes como é, nem?

E bateu porta afora sem sequer dizer adeus. E lá se foi a colega Isabel, sim, na companhia do seu padrinho, o senhor Barrigana de Toyota Corola. Findo o encontro do grupo de estudos, eis que decido-me a ir ao jardim municipal, hoje totalmente arruinado e degradado embora ainda fiel aos seus propósitos: exercitar. Correr, como se diz. Início da noite e o sol já se escondia por detrás do horizonte como se as acções humanas nocturnas o assombrassem. O jardim era um lugar escuro, sem luz e abandonado. Muitos aproveitam-se daquele espaço verde redondo para quase tudo: namorar, estudar, ginástica, fumar, descansar, etc. Mas, naquela noite, a minha ideia era mesmo correr. Chegado ao jardim, ainda em fase de aquecimento, deparei à distância com o “corola” do padrinho da Isabel, imobilizado. Preocupou-me, pois naquele lugar àquela hora, não era normal a estadia de seja lá quem fosse. Dei uma de artista de cinema atrás do inimigo e aproximei-me discretamente da viatura. Usei as árvores e arbustos ali havidos para me esconder da vista deles. Posicionei-me por detrás de uma

árvore fazendo frente à posição da lua, que cheia, dava-me visão ao interior da viatura. Era o padrinho e a afilhada Isabel. Os dois ocupavam o assento de trás do “corolinha” e notei: a Isabel balanceava freneticamente o corpo de cima a baixo e os cabelos soltando-se como se aquele movimento a tornasse numa rebelde roqueira. Ela estava por cima do Barrigana, que permanecia sentado no assento. As mãos, essas do padrinho, paralisavam-se nas altíssimas e paradas dunas que a lua me dava luminosidade no peito da Isabel, contrariando as de Isabel que pela direcção davam à zona dos joelhos do seu barrigudo padrinho, que na hora parecia tê-la emendado. Não mais percebia nada de mim, mas mantive-me estático detrás daquela árvore por mais alguns minutos, se calhar meia hora. O cenário não mudava, a Isabel apenas abrandava mas seguidamente, de um pulso, retomava a uma velocidade de loucura ao movimento. Perdia-me completamente ante o olhar atento ao cenário no interior da viatura. Se atender pelo volume das minhas calças abaixo que dilatava e pelo estado de choque, pois, para além da Isabel ter apenas 15 anos, menos 2 que os meus, era ela a mulher que me esmerava aos sussurros sempre que a via passando, movendo o seu traseiro:

– Eu tenho que ter essa gaja, poooorrrrrrrrrh!

E decidi-me sair dali, cabisbaixo e triste, andando como que embebido pela própria mente e sem saber o que fazer. E assim fiquei, com a fúria do padrinho guardada em mim.

Meses depois, eis que a Isabel me aborda:

– Davidinho! Estou grávida. Não sei o que faço. E o pai diz que não pode assumir e eu não posso nem revelar o nome dele, senão morro. Ajuda-me, por favor, meu amor!

Escrutínio Escolar d’@Verdade



|Francisco Joaquim Pedro
|Cronista

De olhos acesos, aliás, em chamas de Double-Punch, o whisky avulso que lhe queimou não só os olhos que se viam em chamas, mas também a vergonha de agir com dignidade, o guindza, pescador de celulares e carteiras nos bolsos dos distraídos, ladeava. Parecia um leopardo à solta. Exibia uma ânsia artificial entre gente deveras ansiosa por chegar aos postos de trabalho para mais um dia laboral.

- Eish, transporte é um problema sério pá! – comentava consigo próprio, fingindo atraso. Olhava, de quando em vez, para um relógio que lhe decorava o pulso cicatrizado. Um relógio que anunciava o seu desuso com os ponteiros em pausa. Disfarçava preocupação. Dava voltas à toa e enchia a paragem dos escassos transportes.

Não havia coerência entre o que falava e o que gesticulava. Na fala, à semelhança da massa trabalhadora e estudan-

te ali concentrada, o guindza queria conseguir autocarro. Já nos gestos estudava os bolsos gordos de carteiras e celulares de gente que, preocupada em lamber as botas o mais cedo possível, menor atenção dava aos seus haveres.

Os olhos acesos do guindza iluminavam fielmente a bolsa da mamana Dindirika, por detrás desta alcunha está a gordura que lhe fazia andar aos rastos como um hipopótamo em rios secos. Visivelmente distraída, a titia Dindirika não via a hora de assinar o livro do ponto na instituição pública onde enchia a bolsa mais de gorjetas que de salário. Ah sim, na função pública não há salário que engorda ninguém, mas há gorjetas que chegam a construir torres.

- Eish, transporte é um problema pá! Nem um chapa? – dizia o guindza com os olhos depositadas na bolsa daquela funcionária pública. Bolsa gorda como a dona.

Toda a gente lançou os olhos em direcção à estrada donde se via surgir um transporte semicolectivo. Pararam todos em posições que se confundiam com as de um exército prestes a atacar um adversário surpreendente. Tanta a gente que não caberia no comboio de cem vagões queria ser passageiro de um autocarro de 16 lugares.

- Museooo – disse o cobrador, relaxado, com a garantia de encher o carro sem precisar de explodir a garganta como lhe acontece nas horas paradas em que só consegue meia dúzia de passageiros em meia dúzia de voltas de Laulane para Museu e vice-versa. Afastou-se da porta do mini-bus com a alegria de quem vê tanto dinheiro que não cabe na sua sacola.

Na azáfama de entrar no mini-bus que, infelizmente, não poderia levar todos, titia Dindirika sentiu na gordura a massagem agressiva e aranhões de ou-

tros militares da paragem, mas não se apercebia da mão do guindza que, com muito carinho e zelo, lhe despia a bolsa. Trabalhadores e estudantes apertavam-se e acotovelavam-se na porta do mini-bus que os ia engolindo aos bocados até o cobrador lhes dar empurrões de acabamentoo.

- Txhovani, txhovani – dizia o cobrador ensardinando-os – titia gorda, se não cabe desce – dizia ele à mamana Dindirika cuja luta lhe permitiu ganhar espaço, mas sem recinto, no transporte – arranja-te ou desce – ameaçava o cobrador.

Titia Dindirika descobriu-se desprovida de sua bolsa quando ajeitava as vestes desajeitadas na luta pelo difícil lugar no carro. O carro arrancou e aumentava a velocidade em cada grito desatendido da vítima do guindza: – minha bolsa, minha bolsa... – ninguém se importava, pois esses gritos são pão de cada dia.

SELO D’@Verdade

averdademz@gmail.com

TDM

Ilustríssimos e Excelentíssimos
Senhores Administradores da TDM
M A P U T O

Antes de mais e antes que a indignação se esvaia, deixem-me dizer-lhes que a vossa empresa se tornou um pesadelo para quantos, sem alternativas fiáveis, de vós necessitam.

É sempre com o coração nas mãos e uma prece aos céus que aguardo as 19,00 horas de cada dia. Quantas, direi mesmo quantíssimas vezes, V. Ex^{as}. me falam o fornecimento do produto que convosco contratei de boa-fé e, principescamente, pago.

Hoje, 27 de Julho, mais uma vez. São já 19,14 horas e a malfadada luzinha verde não acende.

Mensal e religiosamente, pago na totalidade um serviço que me não foi fornecido na sua totalidade. A isto, em qualquer parte do mundo, se chama roubo.

São 21,25 e, pensando que algo acontecera ao site que estava consultando, reparo que a malfadada luzinha verde estava novamente apagada. Até quando?

Ligar ou reclamar, não adianta. O interlocutor ou está impedido ou nas tintas para quem chama.

Excelentíssimos e Ilustríssimos

senhores. Reduzam um pouco as mordomias de que disfrutais e, esse pouco será mais que o necessário para optimizarem o vosso produto e satisfazerem os que, sem alternativas, a vós recorrem.

Essa desculpa esfarrapada de que somos terceiro mundo, já tem barbas. Os HOMENS são todos iguais. O número de neurónios é o mesmo. Descendemos todos da mesma mãe só que somos todos iguais e todos diferentes. E, vocês, pelo resultado do vosso trabalho, são muito mais diferentes.

E a luzinha malfadada continua apagada e eu, mais milhentos irmãos de desdita, a perdermos tempo precioso de nossas preciosas vidas e conhecimento, esperando, sempre esperando.

Excelentíssimos e Ilustríssimos Senhores, eu não nasci para esperar! Nasci para agir e agitar.

Se tiver, uma centelha que seja, despertado a vossa atenção para esta triste realidade e conseguindo acordar-vos para este aberrante quotidiano, dou por bem empregue o meu precioso tempo perdido. Desassossego é preciso!!!

Se o quiserem, são capazes!!!!

Hélder Martins
Maxixe, 27 de Julho de 2011

O Presidente do Zimbabwe, Robert Mugabe, classificou nesta terça-feira a NATO como “uma organização terrorista”, acusando a Aliança Atlântica de tentar matar o coronel líbio Muammar Kadhafi. O que esta organização está a fazer na Líbia, é contra a lei internacional.

O libertador das crianças-soldados

Murhabazi Namegabe liberta e reinsere as crianças incorporadas nas milícias e grupos armados da República Democrática do Congo. Este é o relato do encontro com um homem de acção e de fortes convicções.

Texto: **SlateAfrique.com** • Foto: **Reuters**

Galardoado em 2011 com o Prémio das Crianças do Mundo, Murhabazi Namegabe conhece bem o significado do seu nome, mas baixa a cabeça, cruza as mãos e observa um curto silêncio. “Murhabazi significa... alguém que nasceu... durante a guerra.” Porque nasceu a 11 de Novembro de 1964, em plena revolta do antigo primeiro-ministro Pierre Mulele, em Bukavu, uma cidade na província de Kivu Sul, no leste da actual República Democrática do Congo.

Ninguém escolhe o dia do seu nascimento. Por isso, Murhabazi suporta-o como a uma cruz. “Nascer e crescer durante a guerra é uma infelicidade!”, comenta dolorosamente este católico fervoroso, filho de uma comerciante e de um operário. Mas um outro conflito agita a sua infância: em 1967, Bukavu cai nas mãos do mercenário belga Jean Schramme, revoltado contra o Presidente marechal Mobutu Sese Seko. Têm de fugir. A sua família refugia-se em Kaziba, uma cidade a 55 km.

Libertar arriscando a vida

Aluno brilhante, com onze irmãos e duas irmãs, Murhabazi Namegabe sonha em vir a ser médico ou bioquímico. Mas é impossível escapar ao destino. Em dialecto shi, “Namegabe” significa “o que fazemos depende da forma como a vida nos preparou”... Tudo se desencadeia a 20 de Novembro de 1989. A Assembleia Geral das Nações Unidas adopta a Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Logo que completa a sua formação em Técnicas Médicas, o futuro professor começa a reunir amigos vindos das

áreas da sociologia, do direito e da psicologia com o objectivo de ajudar “as crianças em situação particularmente difícil”.

Assim nasceu, em 1992, o Instituto de Voluntariado ao Serviço da Infância e da Saúde (BVES – Bureau pour le Volontariat au service de l’Enfance et de la Santé). Esta ONG ocupa-se de crianças em ruptura familiar, malnutridas, prostituídas, saídas da prisão. Com o genocídio de 1994 no Ruanda, confronta-se com um fenómeno novo: as crianças de rua e as crianças-soldados. “Todos estavam assustados”, recorda Murhabazi Namegabe com o olhar distante. “Devido ao seu passado no genocídio, ninguém queria ocupar-se destas crianças, nem dos militares que os acompanhavam!”. Apoiado pela UNICEF, o BVES lan-



çou um programa de acompanhamento psicossocial e de reeducação – prelúdio de uma reintegração das crianças nas suas comunidades de origem, agora instaladas em campos de refugiados.

Depois desta experiência-piloto, o BVES participou directamente na libertação de cerca de 4500 crian-

ças-soldados, entre as quais cerca de 200 raparigas usadas como combatentes e escravas sexuais. As negociações para a desmobilização são apoiadas pela Missão da ONU para a Estabilização da República Democrática do Congo (MONUSCO), a UNICEF ou a organização alemã IFA/Zivik. Mas nem por isso as conversações com as chefias das milícias e grupos armados rebeldes ou pró-governamentais são mais fáceis. Muitas vezes, o defensor da libertação das crianças ou contra o seu recrutamento teve um fim trágico: entre 1996 e 2008, foram mortos sete colaboradores do BVES.

36 mil crianças desmobilizadas

Murhabazi Namegabe não fala muito sobre as ameaças de morte e golpes que sofreu. Com a frieza de quem sabe estar condenado ao perigo, conta-nos, no entanto, uma das aventuras que quase lhe custaram a vida.



-me de ser assassinado, exercendo pressão através da comunidade humanitária internacional.”

Dez por cento das 36 mil crianças desmobilizadas, através da acção directa ou indirecta do BVES, foram acolhidas num dos 35 centros de enquadramento da organização. Durante três meses ficaram aos cuidados de 333 voluntários e beneméritos, que são apoiados por diversos parceiros (fundos mundiais para os direitos humanos, Amnistia Internacional, CICR, etc.), que, entre outras acções, facilitam o acesso de raparigas e seropositivos aos cuidados de saúde.

“Abordamos a reinserção social através do espírito de comunidade. As crianças aprendem sobre agricultura de subsistência, criação de pequenos animais, carpintaria, construção civil, mecânica, reparação automóvel, técnicas de cabeleireiro, culinária, e reparação de pneus.” Alguns dos jovens reinseridos sensibilizam os seus antigos companheiros de infortúnio para as alegrias da vida civil com as equipas do BVES, que englobam, cada vez mais, elementos dos dois

sexos para facilitar a libertação das raparigas.

Guloseimas para esquecer as drogas

Qual é o balanço? A maioria acabará por retomar uma vida normal. Mas para os mais “selvagens” e “traumatizados”, a recuperação é mais difícil. Sobretudo se houver “falta de recursos especializados”, lamenta Murhabazi Namegabe, que pondera encetar um terceiro ciclo académico para se tornar investigador ou professor. “Temos psicólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos. Mas fizeram apenas estudos generalistas. Por isso, escapam-nos os casos que requerem especialistas.”

Particularmente entre os 30% de crianças dependentes de drogas ou do álcool. “Não dispomos de meios para os desintoxicar. O que fazemos é apenas propor guloseimas e bolachas para os fazer esquecer as drogas. Com a reinserção socioeconómica, as crianças encontram-se num ambiente de trabalho, de formação profissional ou escolar

em que as outras não se drogam. Funciona: as crianças testemunham que abandonaram a droga”, explica Murhabazi Namegabe.

Em 2009, a Coligação para acabar com a utilização de crianças-soldados, um movimento de que foi coordenador na RDC entre 2000 e 2007, atribuiu-lhe o título honorário de “embaixador da mão vermelha”. Reconhece, no entanto, que quando regressam a casa, alguns sofrem uma recaída e não chegam a reintegrar-se. Um outro problema é o das crianças apanhadas nas malhas das milícias e grupos armados. Apesar de a lei proibir o recrutamento de menores de 18 anos e dos apelos do BVES junto da Amnistia Internacional e outras instituições, “continua a haver grupos residuais de crianças-soldados, principalmente em Ituri, no Kivu Norte e Sul e em Maniema”.

Mas ninguém desiste. De facto, Murhabazi Namegabe sublinha que, para além de uma filha biológica, é também “o pai dos milhares de crianças sob a protecção do BVES”.

Após meio século de poluição petrolífera, a Nigéria precisa da maior limpeza de sempre

Em Ogoniland não há exploração de petróleo desde 1993, mas o consórcio liderado pela Shell nunca reparou os danos ambientais causados. Há povoações a beber água poluída por benzeno.

Texto: **Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

A poluição causada por 50 anos de exploração petrolífera no Delta do Níger, no Sul da Nigéria, é tão grave que pode exigir a maior operação de limpeza jamais realizada, estima o Programa de Ambiente das Nações Unidas (UNEP), num relatório ontem divulgado. Devem ser precisos 25 a 30 anos e mil milhões de dólares (mais de 700 milhões de euros).

O relatório aponta grandes falhas ao consórcio que explorou o petróleo na região durante aquele período, liderado pela Shell, mas que incluiu também a Companhia Nacional de Petróleo da Nigéria, a Agip e a Elf, que formaram uma nova entidade, a Shell Petroleum Development Company of Nigeria (SPDC).

É na região de Ogoniland, no estado de Rivers, que o relatório se concentra. As empresas petrolíferas foram dali expulsas em 1993 por um movimento armado – mas continuam a verificar-se derrames, porque continua a fluir crude pelos oleodutos e as estruturas da exploração de petróleo não foram devidamente desactivadas.

Em 2008 e 2009 verificou-se um derrame que se estima ser duas vezes superior ao do petroleiro Exxon Valdez. Foi na zona de Bodo, e a Shell reconheceu nesta semana ser responsável por ele, depois de ser processada num tribunal de Londres.

Mas esse derrame, apesar de gigantesco, é só o início. O meio século de implantação da indústria petrolífera naquela zona de África causou uma enorme destruição no solo, nos cursos de água, na vegetação e nos aquíferos subterráneos, revela este estudo científico da ONU. Foram visitadas 200 localidades, analisados 122km em torno de oleodutos, estudados 5 mil registos clínicos e 4 mil amostras de água e solo. Esta avaliação do UNEP é financiada parcialmente pela Shell, como parte das negociações com vista a uma futura reconciliação das petrolíferas com o povo Ogoni.

Um dos casos estudados em pormenor é a povoação de Nsisioken Ogale, na região administrativa de Eleme. Em muitas zonas de Ogoniland, os aquíferos subterráneos têm hidrocarbonetos e a conta-

minação pode chegar até cinco metros de profundidade – em sete poços, os níveis de contaminação eram, pelo menos, mil vezes superiores aos permitidos pela lei nigeriana.

Nesta povoação, que fica perto de um oleoduto, é necessária uma intervenção urgente: ali, as pessoas bebem de poços em que a água tem 900 vezes mais benzeno (um reconhecido carcinogénio) do que os níveis máximos recomendados pela Organização Mundial de Saúde. E perfurar mais fundo não é solução: tanto os poços mais superficiais como os mais profundos estavam contaminados.

Sem cumprir critérios

A Shell tem dito que a maioria dos derrames no Delta do Níger são causados pelo roubo de crude e sabotagens. A refinação artesanal de petróleo, que se tornou mais intensa a partir de 2009, diz o relatório do UNEP, deixa graves cicatrizes negras na paisagem. É feita com petróleo retirado dos oleodutos e dos poços que ainda produzem e queimado ao ar livre, com um con-



junto de barris e tubos de metal, normalmente à beira dos cursos de água, para ser depois transportado para outros locais.

Mas a ONU separa esta questão – um problema de falta de oportunidades locais e de autoridade e policiamento – da avaliação de responsabilidades do consórcio liderado pela Shell e das acções de

remediação que as petrolíferas fizeram (ou não) durante estes anos.

“É evidente, a partir desta avaliação de campo, que a limpeza da contaminação levada a cabo pela SPDC (o consórcio liderado pela Shell) não cumpre os critérios da legislação nigeriana, nem sequer os padrões da própria SPDC”, lê-se no relatório.

Assim, com casos como o da povoação que bebe água com benzeno, “não há nenhum local na região de Ogoniland onde se tenha tentado fazer a remediação dos aquíferos”, escrevem os peritos da ONU.

Há muitos outros indícios de uma situação grave: grande contaminação do solo e dos cursos de água, mesmo em locais onde os últimos derrames ocorreram há 40 anos – isto porque os poluentes se enteram no solo até mais de cinco metros de profundidade. Foram depositados contaminantes em locais não confinados, provocando a fuga de materiais tóxicos, e muitos dos locais que as petrolíferas dizem ter limpo continuam altamente poluídos.

O relatório da ONU aconselha uma alteração dos métodos de limpeza e uma série de medidas de restauração ambiental.

A Shell ainda não reagiu. “Vamos estudar o conteúdo do relatório cuidadosamente e comentaremos mais tarde”, disse um porta-voz à Reuters, por e-mail.

Os rebeldes da Al-Shabab na Somália começaram a tirar os seus efectivos de Mogadíscio no fim-de-semana passado, aumentando as esperanças de que os grupos humanitários serão capazes, finalmente, de intensificar as entregas de alimentos aos necessitados, após anos de bloqueios impostos pela milícia insurgente.

MUNDO

COMENTE POR SMS 821115

Repressão já fez mais de 2000 mortos na Síria

Num bairro conservador junto a Damasco reúnem-se "sírios de todas as idades e confissões". Em Hama, os activistas continuam determinados.

Texto: **Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

Há cristãos a entrarem em mesquitas sem saber rezar para se juntarem aos muçulmanos nos protestos que se seguem às orações. Pessoas a convencerem outras a não pegar em armas. Grupos que protegem os que visitam os familiares dos mortos. Há poucos jornalistas a conseguir entrar na Síria, mas os relatos que chegam dão conta de um país que se está a redescobrir – por causa da própria repressão.

Nos últimos meses, Hama foi cenário dos maiores protestos contra Bashar al-Assad. O regime quis vergar a cidade e agora Hama também quer dizer resistência.

"Quando estamos num túnel, ainda não vemos a luz ao fundo, mas sabemos que estamos na direcção certa. Eu tenho a certeza de estar a andar na direcção certa", disse Ahmed a Gaëtan Vannay, da Rádio Suíça alemã. Preso, torturado e libertado, depois de confessar ter recebido dinheiro para se manifestar, Ahmed tornou-se ainda mais activo. "Todos os opositores que encontrei em Hama partilham esta determinação, mesmo depois da entrada nos tanques, no domingo, dia 31", escreveu Vannay num texto publicado pelo diário francês Le Monde.

Saleh al-Amwi é outro opositor, religioso, membro do comité de

coordenação dos manifestantes e muito respeitado por ter estado na rua desde os primeiros dias; tem dedicado as suas energias a acalmar as famílias dos "mártires" e a convencer os que querem pegar em armas a não fazê-lo.

Sadi, poeta e opositor de há muito, levou Vannay a "uma casa como outras no centro de Hama", conhecida apenas por alguns. É para lá que são encaminhados vídeos – conseguidos por jovens que arriscam a vida ou comprados a militares que aproveitam para fazer dinheiro – da repressão para publicar na Net. Ali se contactam manifestantes noutras cidades através do Skype, serviço de telefone online.



Nesta casa fica a saber-se que Hama "não está sozinha". Em Homs, também se sai à rua neste Ramadan. Como em Deir Ezzor. E gritam-se slogans de apoio a Hama.

Há meses que os analistas escrevem que Damasco é a chave deste braço de ferro, entre um regime disposto a tudo para se agarrar ao poder e uma população (ou parte dela) que depois de tantos mortos (mais de 2000) e detidos (13 mil, segundo estimativas de ONG) sente já não poder recuar. Houve notícias de protestos na cidade velha, logo em Março e Abril, mas depressa a capital se tornou mais notícia por ser palco de imensas concentrações de apoio ao regime organizadas pelo Baas, partido no poder há 30 anos.

Mas também há revolta em Damasco, confirma-se num texto publicado no blogue francês rue89 por Alice Michaux. Mes-

mo se no centro os protestos – frequentes – começam tão depressa como acabam, estratégia para evitar a prisão, enquanto ecoam "sirenes das ambulâncias que vêm dos bairros revoltosos", nos subúrbios.

A cidade está pejada de propaganda do regime, há bandeiras com a cara de Assad e cartazes onde se lê que "a liberdade não começa pela destruição de bens públicos, começa pelo trabalho". A partir de Junho, os

universitários habituaram-se a partilhar secretárias com os mukhabarats (agentes dos serviços secretos). Isto desde que alguns estudantes que vivem na cidade universitária se recusaram a colar retratos do Presidente nas portas dos quartos: vários foram mortos a tiro.

A caminho dos subúrbios

Alice Michaux descreve como muitos habitantes de Damasco se põem a caminho dos subúrbios à quarta ou quinta-feira à noite para os protestos de sexta-feira. Berzé, Douma, Qaboun, Qadam, há muitos à escolha. Os habitantes dão-lhes casa e todos se protegem uns aos outros. Em Midane, por exemplo, bairro conservador, reúnem-se "sírios de todas as idades, meios, confissões e convicções". Michaux escreve que as duas frases que mais ouve dos que arriscam ir aos subúrbios são: "É incrível, eles já não têm medo." E ainda: "É incrível, os sírios não se conheciam. Com a revolução, começámos a conhecer-nos."

Assad determinado a combater "terroristas"

A repressão fez pelo menos 30 mortos na última terça-feira, dia em que o Presidente Bashar al-Assad quis mostrar que não está incomodado com



as crescentes condenações (da ONU à Arábia Saudita) e se disse determinado a continuar o combate contra "os grupos terroristas", que acusa de estarem por trás de protestos que visam "o caos".

Um dos poucos aliados de que Assad dispunha antes desta violenta repressão era o Governo turco. As críticas turcas têm sido cada vez mais duras: o primeiro-ministro, Recep Tayyip Erdogan, já disse que "a paciência se está a esgotar". Mas foi precisamente à saída de um encontro com o ministro turco dos Negócios Estrangeiros, Ahmet Davutoglu, que Assad assegurou que o seu regime não vai "abrandar" no combate aos manifestantes.

Davutoglu foi a Damasco para convencer Assad a fazer exac-

tamente o contrário. "Os próximos dias vão ser decisivos, tanto para a Síria como para a Turquia. O nosso principal objectivo é o fim do banho de sangue e das mortes de civis", disse Davutoglu no regresso a Ancara, onde descreveu a reunião de três horas e meia com Assad como amistosa, aberta e específica.

No terreno, o Exército e as milícias do regime continuaram as operações em Deir Ezzor (Leste), onde segundo o Observatório Sírio dos Direitos Humanos foram mortas 17 pessoas em bairros "tomados de assalto". As outras mortes do dia aconteceram em Binnech (Noroeste), Hama (Norte) e Homs (Centro). Segundo grupos de direitos humanos, mais de 2000 pessoas foram mortas desde 15 de Março.

Pelo direito a ter casa, israelitas indignam-se contra políticos

Mais de 300 mil pessoas saíram à rua para protestar contra a injustiça social e os preços desmesurados da habitação. O primeiro-ministro prometeu mudanças.

Texto: **Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

Os organizadores esperavam 200 mil, mas as ruas de Telavive encheram-se de 300 mil pessoas para protestar contra os custos exorbitantes da habitação em Israel e pedir justiça social – e dizer aos políticos que já não se sentem representados por eles.

"É o nosso Maio de 68 e não pararemos até que nos ouçam", disse o jovem escritor Itai Rouner, avançando com um cartaz em punho pela Rua Kaplan, onde fica a sede do Governo, na noite do passado sábado (6). Mas noutras cidades houve também manifestações, como Jerusalém, Kiryat Shomna, Eilat, Tzemaeh, Petach Tikva, Raanana, Ashkelon, Dimona, Hadera e Rosh Pina.

Na capital, há duas semanas que está instalado no elegante Boulevard Rothschild um acampamento de "Indignados" – como o da Porta do Sol, em Madrid, e sobretudo como o que houve ali bem perto, na Praça Tahrir, no Cairo, onde os egípcios conseguiram fazer cair um ditador.

O Governo fez aprovar na semana passada uma lei que disse ser fundamental para lutar contra a crise da habitação: autorizará a construção de novos projectos residenciais em terrenos públicos, sem cumprir formalidades

como estudos de impacto urbanístico e ambiental. Permitirá, também, a construção de novos colonatos nos territórios ocupados da Cisjordânia – algo que levou à paralisação das negociações de paz com a Autoridade Palestiniana.

Para lá do jogo territorial

Ora, a aprovação desta lei acabou por agudizar o movimento de protesto dos que se queixam de não encontrar casa dentro das suas posses. Isto porque os colonatos não são propriamente populares.

Um relatório da organização Peace Now diz que 15 por cento do orçamento público para a construção é dedicado a expandir os colonatos da Cisjordânia, onde vivem apenas quatro por cento dos israelitas. E, segundo o Centro Adva, uma instituição de investigação, de acordo com o New York Times, Israel gasta duas vezes mais com os residentes dos colonatos do que com os restantes cidadãos.

Os israelitas que saíram à rua, como tantos fizeram este ano nos países árabes e também na Europa, não estão a fazer o velho jogo de cadeiras territorial

entre árabes e judeus. "Vão é construir mais penthouses e vivendas para os ricos, não apartamentos que possamos comprar ou alugar", explicou ao El País Tali Klagesbrun, uma activista e professora de 30 anos que desfilou na manifestação de Telavive.

Com o seu salário de 4500 shekels por mês (cerca de 36.000 meticais), é um desafio alugar um apartamento, mesmo num bairro modesto da cidade, por 3000 shekels (cerca de 24.000 meticais). Nos últimos seis anos, os preços de arrendamento subiram 250 por cento em Telavive, face à procura; mas os salários mantiveram-se estáveis, não terão subido mais do que um por cento, adianta ainda o jornal espanhol.

O escritor e Nobel da Literatura, Amos Oz, resumizou o sentimento de revolta num artigo publicado esta semana no jornal israelita Ha'aretz, em que enumerou os locais onde encontrar os "recursos necessários para criar justiça social em Israel".

O primeiro, disse, são "os milhares de milhões que Israel investiu nos colonatos, que são o maior erro na história deste país, bem como a sua maior injustiça". A segunda fonte de



fundos é constituída por "somas gigantescas canalizadas para as yeshiva (escolas religiosas) ultra-ortodoxas, onde crescem gerações de vagabundos ignorantes, cheios de desprezo para com o Estado, o povo e a realidade do século XXI".

Uma comissão para mudar

Em resposta à manifestação de sábado passado à noite, e ao protesto que tomou conta de Telavive, e que tem gozado

de apoio popular, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu prometeu iniciar um diálogo e anunciou a criação de uma comissão para pensar nas mudanças. Esta será liderada por um economista de renome, Manuel Trachtenberg.

"Não se pode ignorar a amplitude da contestação social. Sabemos que é preciso fazer mudanças, e havemos de fazê-las de forma responsável", declarou ontem Netanyahu. "Queremos dialogar de forma

autêntica (...), mesmo que não seja possível satisfazer todas as exigências."

Até onde poderá ir o movimento? "O que aconteceu é um despertar colectivo sem precedentes. O que começou como uma batalha pelo alojamento a preços justos está a crescer como uma bola de neve, a transformar-se numa ambição de mudança de todo o sistema", disse um dos organizadores do movimento, Gil Sasson, citado pelo jornal Yediot Aharonot.

Hospitais, funcionários da saúde e ambulâncias estão virando um alvo cada vez mais frequente nos conflitos do mundo, da Líbia à Somália, privando milhões de doentes e feridos de tratamento médico, disse o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) na quarta-feira.

Distúrbios alastram a várias cidades inglesas

A noite de terça para quarta-feira foi calma em Londres, a capital inglesa. O mesmo já não se pode dizer de Manchester, Liverpool e Birmingham, cidades que sofreram o contágio da violência londrina. Entretanto, o primeiro-ministro, David Cameron, destacou 16 mil agentes da polícia para defender as ruas de capital e autorizou o uso de balas de borracha. Até quarta-feira já havia quatro vítimas mortais e cerca de 900 pessoas detidas.

Era previsível. Londres está em estado de alerta máximo desde a passada terça-feira. A polícia aconselhou os donos dos restaurantes a manter as portas fechadas, apesar do reforço do dispositivo policial sem precedentes nas ruas da capital. A noite de terça para quarta-feira foi calma, após três dias consecutivos de violentos distúrbios. Mas se Londres esteve tranquila noutras cidades como Manchester, Birmingham, Wolverhampton, Salford e West Bromwich os encapuçados não esperaram pela noite para semear o caos, actuando mesmo à luz do dia.

Perante o agravar da situação, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, com o aval da Polícia Metropolitana, autorizou o uso de balas de borracha para reprimir os saqueadores. O Governo adiantou ainda que estes poderes excepcionais manter-se-ão em vigor “enquanto forem necessários”. Cameron pediu, esta quarta-feira, às forças de segurança uma actuação “mais contundente contra os criminosos” e prometeu acelerar os procedimentos judiciais contra pelo menos 100 perturbadores. “Irei sentir toda a força da lei, porque se são suficientemente adultos para cometer estes tipo de crimes são também suficientemente adultos para enfrentar a justiça e a condenação”, disse, numa clara referência à juventude dos saqueadores. As autoridades ponderam ainda a utilização de gás lacrimogénico e de canhões de água, uma solução que poria termo a 180 anos de política de “força mínima” da polícia britânica.

Violência chega a todo o país

Na terça-feira, a violência, longe de acalmar, estendeu-se a outras cidades do Reino Unido. Em Manchester, dois mil jovens enfrentaram a polícia numa das principais ruas da cidade, onde uma centena de manifestantes entrou num centro comercial e assaltou vários estabelecimentos. Segundo a BBC, diversos



distúrbios foram responsáveis pela suspensão, até novas ordens, do serviço da empresa de autocarros National Express nas rotas que opera em Birmingham, Wolverhampton e Manchester.

Outro dos cenários de violência na noite de terça-feira foi Liverpool, a cidade dos Beatles, onde foram lançados cerca de 200 cocktails molotov no sul da cidade, na área de Toxteth, provocando grande prejuízo nos estabelecimentos comerciais da zona bem como em veículos que se encontravam estacionados. De acordo com a polícia, na sequência destes confrontos foram detidas 44 pessoas.

Registaram-se ainda pequenas escaramuças nas zonas de West Midlands – centro do país – e a polícia deteve na noite de terça-feira 109 pessoas pelos incidentes registados em Birmingham, West Bromwich e Wolverhampton. Ainda assim a polícia fez saber que os distúrbios em Birmingham não atingiram a intensidade da véspera (segunda-feira).

Em toda a Inglaterra, na madrugada de terça-feira, foram detidas 400 pessoas, o que eleva para 900 desde a vaga de violência iniciada no passado sábado. A 111 delas foram imputadas acusações pelas autoridades judiciais. 69 indivíduos enfrentam acusações por roubo, e 13 por perturbação da ordem pública. Há ainda a registar, entre outros, casos de furtos, agressões à polícia e posse ilegal de armas.

Gente que não tem nada a perder

Queimam edifícios sem outro fim que não seja a destruição, agredem a polícia, e, muitas vezes, quem tenha a má sorte de se cruzar no seu caminho. Não fazem qualquer tipo de reivindicações. Dá a impressão, ao ver as imagens televisivas em que muitos deles surgem com o rosto descoberto, que muitos agem como se não tivessem nada a perder.

Os meios de comunicação social ingleses confirmavam esta

terça-feira que a polícia estava a perseguir os agitadores em Salford, um subúrbio de Manchester. As autoridades admitiam que alguns edifícios haviam sido incendiados e que dezenas de pessoas haviam enfrentado os agentes da autoridade antes de serem dispersos

londrinos, alastraram os seus actos de vandalismo a toda a capital, causando o pânico.

Algumas imagens captadas por telemóveis são arrepiantes: uma mulher salta da janela da sua casa incendiada sendo amparada na queda pelos braços



por estes. Em Birmingham, um cameraman da Sky News foi atacado. Também nesta cidade, na noite de terça-feira, morreram três pessoas atropeladas quando montavam na rua um sistema de vigilância popular.

Mohamed Shafik, director de uma fundação em Manchester, assegurava na terça-feira à noite à cadeia de televisão BBC que nesta cidade os jovens estavam muito bem organizados e contavam com líderes fortes.

Imagens arrepiantes

Recorde-se que foi na noite de sábado que a violência explodiu em Londres, mas esta limitou-se à zona norte, sobretudo ao bairro pobre de Tottenham e arredores. No domingo, os jovens saqueadores aterrorizaram outros distritos da capital. Na noite de segunda-feira, os agitadores, diante da presença passiva da polícia desarmada que nada fez para impedir o saque das casas comerciais, o que provocou a indignação e ira dos

Opinião



Ferreira Fernandes
Diário de Notícias, Lisboa

Londres explicada como deve ser

Para contar a violência no Peru, nos anos dos guerrilheiros do Sendero Luminoso, podíamos, e se calhar devíamos, estudar o que foi o confronto do Império Inca com a Conquista espanhola, no séc. XVI. Se calhar devíamos saber mais do caudilhimismo peruano. E do conflito entre as oligarquias de Lima e a ideologia maoísta do Sendero... Se calhar. Mas se quisermos conhecer aquela violência, mesmo, bastam duas páginas de Vargas Llosa, no seu romance Lituma nos Andes. Aquelas que contam o casalinho de turistas franceses, imprevidentes, subindo os Andes em camioneta de carreira e mandado parar pelos guerrilheiros: ele acabou implorando que o matassem e à companheira, depressa... E nós percebemos que, às vezes, há eruditas explicações desnecessárias. Ontem, foi um vídeo de Londres que me expôs a simplicidade que às vezes nos fala fundo como nada mais. Londres, se quisermos ir por caminhos muito cultos, é hoje a metáfora perfeita do capitalismo, com as Bolsas na agonia e os bairros dos pobres a explodir. Mas eu prefiro o meu vídeo: uma manada de hienas à volta de uma cria ferida. Esta sangra e as hienas lambem-na e parecem ajudar, mas quando vêem que ela é fraca atacam. No vídeo, as hienas usam capuzes e a cria tem uma mochila que é roubada. Não fora isso, o vídeo podia passar no National Geographic, como filme sobre savanas. Em todo o caso, conta o que se passa em Londres com uma verdade que não li em parte nenhuma.





AMÉRICA DO NORTE

Camareira de Nova York inicia ação civil contra Strauss-Kahn

A camareira de Nova York que acusa Dominique Strauss-Kahn de estupro abriu um processo civil na passada segunda-feira contra o ex-diretor do Fundo Monetário Internacional, acusando-o de um “ataque violento e sádico”. Dominique Strauss-Kahn chegou a ser preso por causa do incidente, e teve de renunciar ao comando do FMI e abdicar de suas ambições de disputar a presidência da França.

As acusações penais, no entanto, perderam força nas últimas semanas devido a dúvidas dos promotores a respeito da credibilidade da acusadora. Repetindo o que a camareira Nafissatou Diallo vem dizendo à imprensa, ela declarou na ação que Strauss-Kahn saiu nu da casa de banho na suíte do hotel Sofitel, em 14 de maio, e a obrigou a fazer sexo oral nele. “Acreditando ser imune às leis deste país, o réu Strauss-Kahn atacou sexualmente a sra. Diallo de forma inten-

cional, brutal e violenta, e nesse processo humilhou, degradou, violou e privou a sr. Diallo da sua dignidade como mulher”, disse a peça inicial do processo.

Strauss-Kahn, de 62 anos, nega as acusações, e seus advogados dizem que qualquer contato sexual com Diallo foi consensual. O processo aberto por Diallo, de 32 anos, imigrante analfabeta da Guiné, não especifica a indemnização solicitada. / *por Redação e Agências*



ÁFRICA

Campo de tortura descoberto em região de diamantes no Zimbábwe

Um programa do canal televisivo inglês BBC descobriu a existência de um campo de tortura na região de Marange, rica em minas de diamantes, no Zimbábwe. O programa Panorama ouviu depoimentos de vítimas de espancamentos e violência sexual no local. O governo do Zimbábwe foi procurado pela BBC mas não deu resposta oficial às denúncias.

As informações foram divulgadas num momento em que a União Europeia tenta aprovar parte da exportação de diamantes vindos do Zimbábwe. A comercialização das pedras do país está sob embargo.

Em documento interno do bloco, ao qual a BBC teve acesso, a União Europeia diz que duas minas na área passaram a obedecer os padrões internacionais, e quer que os diamantes destas áreas sejam aprovados imediatamente para exportação - o que suspenderia parcialmente um embargo imposto em 2009.

O embargo passou a vigorar por determinação do chamado Kimberley Process (KP), organização internacional que fiscaliza o comércio de diamantes. O órgão denunciou assassinatos e abuso por parte das forças de segurança do Zimbábue nos campos de diamantes de Marange. O KP foi criado pela indústria de diamantes, governos de vários países e organizações não governamentais para evitar a entrada no mercado de diamantes vindos de áreas de conflito.

Testemunhas afirmam que os campos de tortura estão em atividade há, pelo menos, três anos. Em Marange, polícia e militares recrutam civis para procurar diamantes de forma ilegal, e trabalhadores que exigem uma fatia maior dos lucros são levados para os campos de

tortura. Civis flagrados procurando diamantes por conta própria também são levados para os campos. O principal campo descoberto pela reportagem é conhecido na região como “Base Diamante”.

Segundo testemunhas, o campo fica numa área afastada. Ele é formado por barracas militares em uma área sem cobertura, cercada por arame farpado, onde prisioneiros eram mantidos. Este campo fica perto de uma área conhecida como Zengeni, em Marange - uma das mais importantes áreas de exploração de diamantes do mundo. O campo fica a cerca de 1,6 quilómetro da mina Mbada, que produz diamantes que a União Europeia quer aprovar para exportações.

A companhia responsável pela mina é chefiada por um amigo pessoal do presidente do Zimbábwe, Robert Mugabe. “É um local de tortura onde algumas vezes os mineiros não conseguem andar por causa dos espancamentos”, disse à BBC uma das vítimas, libertada do campo principal em fevereiro.

“Eles davam-nos 40 chicotadas pela manhã, 40 à tarde e 40 à noite”, disse o homem, que ainda não conseguia usar um dos braços por causa dos espancamentos, e mal conseguia andar.

“Eles usaram pedaços de madeira para bater-me embaixo dos meus pés, enquanto eu estava no chão. Eles também acertaram meus tornozelos com pedras.”

Ele e outros homens foram mantidos como prisioneiros no campo por vários dias antes da chegada de outros prisioneiros. Mulheres eram libertadas mais rapidamente, frequentemente depois de estupros, segundo testemunhas.



AMÉRICA CENTRAL/ SUL

Estudantes lançam o “Inverno Chileno” contra a herança de Pinochet no sistema educativo

Nunca no tempo da democracia a Praça Itália, onde convergem todas as grandes avenidas de Santiago do Chile, se tinha visto assim: cercada de muros de contenção para que os manifestantes não a ocupem. Mas o que se passou na capital chilena foi uma verdadeira revolta estudantil, em protesto por uma melhor educação pública, da qual resultaram mais de 870 detenções e ferimentos em 90 polícias.

Os protestos de quinta-feira, que aconteceram também em várias outras cidades chilenas, foram os maiores, mas não foram os primeiros. Os estudantes do secundário e universitários estão a protestar há cerca de dois meses no que alguns chamam o “Inverno Chileno”, por oposição à Primavera Árabe: greves de fome, tomadas de escolas, uma manifestação maciça em que a palavra de ordem era um beijo — a sociedade chilena está a dar vazão à revolta, à “profunda insatisfação com o modelo neoliberal e as suas consequências para aqueles que não fazem parte da elite económica”, escreve o New York Times.

A insatisfação com a educação congrega a maior fúria dos que se sentem deixados para trás numa economia que tem crescido graças às minas de cobre

do país e aos altos preços alcançados por este minério. Estudantes e professores juntaram-se para enfrentar o Governo de direita de Sebastián Piñera, exigindo mudanças radicais no sistema educativo chileno, em que as escolas e universidades públicas são o parente pobre.

Entre outras medidas, os manifestantes, que cortaram as avenidas da capital, queimando pneus e contentores e batendo em painéis - como nos tempos da ditadura -, exigem que seja instituída na Constituição a garantia da educação pública gratuita de qualidade.

O problema da educação, na verdade, remonta ao tempo da ditadura e a um decreto do general Pinochet, de 1981, que incentivava o desenvolvimento de universidades privadas. O Estado cortou muito no financiamento das universidades públicas, conta o New York Times, e surgiram dezenas de estabelecimentos privados, frequentados hoje pela grande maioria dos 1,1 milhões de estudantes chilenos.

Só que a qualidade destas universidades é muito variável. “É um sistema muito caótico e desconcertado”, disse ao jornal nova-iorquino Maria Olivia Monckeberg, autora de dois livros sobre o

Todos os prisioneiros destes campos conversaram com a reportagem da BBC sem se identificar.

Um ex-integrante de uma unidade paramilitar da polícia que trabalhou no campo principal, em 2008, disse à BBC que torturou prisioneiros e também usou cães, que eram estimulados a atacar os detidos no local. “Eles algemavam o prisioneiro e soltavam o cachorro, para mordê-lo”, contou.

O homem, que também falou à BBC sem se identificar, contou ainda que uma mulher foi mordida no seio pelos cães enquanto trabalhava no acampamento. “Não acho que ela sobreviveu”, disse.

O KP havia pedido à polícia do Zimbábwe para garantir a segurança da área, mas testemunhas disseram à BBC que a polícia e os militares do país é quem gerenciam os campos de tortura.

Nick Westcott, um porta-voz do grupo de trabalho em monitoramento do KP, disse que a descoberta dos campos “é algo que não foi relatado ao Processo Kimberley”.

Em junho, o presidente do KP, Matieu Yamba, anunciou formalmente que a proibição da exportação de diamantes de duas minas importantes de Marange tinha sido suspensa, uma decisão que a União Europeia não aceitou.

Agora a União Europeia lançou uma proposta que visa acabar com o impasse. A proposta concorda parcialmente com a suspensão da proibição, mas insiste que o monitoramento internacional deve continuar em toda a região de Marange. / *por Redação e Agências*



EUROPA

Asilo na Europa – uma miragem no outro lado do mar

O Mediterrâneo é uma vala comum. Desde o início do ano, já lá morreram 1.820 pessoas. Eram refugiados a caminho da Europa e morreram de sede sobre a água, afogados no alto mar ou perto da costa de Lampedusa, congelaram na frieza da política europeia para os refugiados.

A ilha de Lampedusa é uma jangada de salvação no Mediterrâneo para os que fogem dos seus países. Muitos nunca a alcançam; e para aqueles que o conseguem, não é grande ajuda. São recambiados. A maior parte dos refugiados eram imediatamente embarcados de regresso ao lugar de onde vinham. A parte da política europeia para os refugiados que funciona melhor é, de facto, a política de repatriamento. Sempre que se percebe que os velhos acordos podem ser assinados de novo, e rapidamente, com os novos governos do norte de África, os ministros dos negócios estrangeiros e da administração interna dos países da UE congratulam-se. Os acordos de repatriamento encaixam perfeitamente no lema “longe da vista, longe do coração”.

Gastam-se grandes somas para garantir que o ‘asilo’ esteja exatamente no local de onde os refugiados vêm, mas ninguém se preocupa muito com o que depois acontece aos deportados. Como Poncius Pilatus, lavam-se daí as mãos.

A Europa protege as suas fronteiras, mas não os refugiados. Os que morrem são vítimas de falta de assistência. Foi assim que 25 jovens acabaram de morrer sufocados por gases de escape do motor de um barco, quando iam da Líbia para Itália. A morte no Mediterrâneo tornou-se uma rotina assustadora, aceite como um destino a que não se pode fugir. A Europa aceita com resig-



ÁSIA

Nagasaki recorda aniversário do bombardeio atômico com mensagem antinuclear

A cidade japonesa de Nagasaki recordou na última terça-feira o 66º aniversário do bombardeio atômico que matou mais de 100 mil pessoas, com uma chamada em favor da energia renovável em lugar da nuclear e a participação, pela primeira vez, de um representante dos Estados Unidos na cerimônia.

Às 11h locais, o exato momento em que a bomba “Fat Man” explodiu sobre Nagasaki, os sinos lembraram no Parque da Paz as vítimas do segundo ataque nuclear da história, que matou de forma instantânea cerca de 70 mil pessoas.

Além do encarregado de negócios da embaixada americana no Japão, James P. Zumwalt, assistiram à cerimônia o primeiro-ministro do Japão, Naoto Kan, e representantes de outros 45 países.

O prefeito de Nagasaki, Tomihisa Taue, referiu-se durante a sua Declaração



OCEANIA

Morreu o “Rato Branco” da resistência francesa

Conhecida como “Rato Branco”, Nancy Wake foi uma espia australiana que trabalhou com os aliados na Segunda Guerra Mundial. Morreu neste domingo, em Londres, aos 98 anos. Wake foi uma das agentes secretas dos Aliados na resistência francesa mais condecoradas.

Ficou conhecida pela sua capacidade de manter-se indetectável, e também por ter ajudado centenas de membros dos aliados a fugir da França ocupada pelos nazis. “Rato Branco”, que chegou a ser a pessoa mais procurada pela Gestapo, trabalhou como enfermeira durante um breve período de tempo. Depois seguiu a carreira de jornalista na Europa, chegando mesmo a entrevistar, em 1933, Adolf Hitler em Viena. Em 1939, casou com um empresário francês, Henri Fiocca.

Quando os nazis invadiram a França,

nação estas mortes no Mediterrâneo, a que os romanos chamavam filosoficamente Mare Nostrum, com medo de que a prestação de socorro possa atrair ainda mais refugiados. A ajuda oferecida é considerada como um encorajamento à fuga. Esta é a razão pela qual a marinha não enviou navios de apoio para socorrerem as pessoas nos barcos que deixavam entrar água; esta é a razão por que não existem programas europeus de assistência e receção. Goste-se ou não, a morte no Mediterrâneo faz parte de uma estratégia de dissuasão.

A Frontex, a agência europeia que coordena as ações dos estados membros ao longo das fronteiras, tem a responsabilidade de interceder os refugiados, mas não a de os ajudar. As patrulhas aéreas e terrestres da Frontex obrigam os refugiados a optarem por rotas ainda mais perigosas para lhes escaparem. O papel da Convenção de Genebra para os Refugiados, que acaba de completar 60 anos, encheu-se de rugas. E a promessa de que a União Europeia seria um espaço de liberdade, segurança e justiça só se aplica aos povos europeus.

Quando a organização alemã para ajudar aos refugiados, Pro Asyl, foi criada há 25 anos, a maioria dos refugiados chegavam da Europa de leste. Fugiam às ditaduras socialistas ou às guerras na Jugoslávia, que se desintegrava, e pediam asilo na Alemanha. Nas palavras do Presidente da Pro Asyl, Juergen Micksch, os refugiados eram ‘arautos’ do colapso iminente do bloco soviético. A situação hoje é semelhante. Os migrantes deslocados do sul são os mensageiros de tumultos políticos, culturais e sociais. Os estados membros da UE, no entanto, continuam a tratar os Estados, durante e depois dos distúrbios, da mesma forma que antes destes. As



primeiras negociações com os novos regimes tinham como objetivo levá-los a assinar acordos de repatriamento. Serão realmente estes os interesses mais prementes das democracias europeias? É esta a imagem que a Primavera árabe deve reter da UE e da sua democracia: um grande acontecimento exclusivo e autossuficiente?

O que está a acontecer diariamente no Mediterrâneo começou exatamente há vinte anos quando, em agosto de 1991, chegaram às costas do sul da Itália barcos com refugiados da Albânia. Foram perseguidos pela polícia nas ruas de Bari e detidos no recinto desportivo. Quase não havia pão e água, nem sequer para as mulheres e crianças. Um estado inteiro entrou em pânico. Foram enviadas unidades militares para patrulharem o mar Adriático e intercederem os refugiados que já tinham desembarcado. Nessa altura, a resposta dada por Itália foi considerada uma loucura. No entanto, foi a partir dessa loucura que a estratégia da UE se desenvolveu.

A Europa tem que parar de tentar erigir uma nova Cortina de ferro. Tem que oferecer proteção aos perseguidos e dar uma hipótese de sucesso aos migrantes. A Europa sem humanidade não é a Europa. / *por Süddeutsche Zeitung de Munique*

O número de sobreviventes da bomba atômica reconhecidos oficialmente pela cidade era em março passado de 40.908, com uma idade média de 76,8 anos.

O primeiro-ministro do Japão defendeu, assim como há três dias na cerimônia que lembrou o bombardeio atômico de Hiroshima, a redução da dependência japonesa com relação à energia nuclear e uma investigação a fundo sobre as causas do acidente na usina de Fukushima após o terremoto de 11 de março.

Kan voltou a defender no seu discurso os três princípios não nucleares do Japão (não possuir, produzir ou introduzir armas atômicas no país), ao tempo que destacou o compromisso da nação asiática para liderar os debates globais que buscam acabar com a proliferação nuclear. / *por Redação e Agências*



era o alemão morto, e quanto mais morto, melhor”, explicou. “Só lamento não ter matado mais.” A antiga espia regressou à Austrália em 1949, onde tentou várias vezes ser eleita para o Parlamento, mas sem sucesso. Em 1957, voltou para Inglaterra e casou com um piloto da Força Aérea, John Forward.

Desde que teve um ataque cardíaco em 2003, Wake vivia numa casa de repouso para veteranos em Londres. Morreu depois de ter sido hospitalizada por uma infecção no peito, e, segundo a BBC, será cremada. As cinzas serão espalhadas em Montlucon, no Centro da França, local que presenciou muitas das suas façanhas. / *por Redação e Agências*

ECONOMIA

COMENTE POR SMS 821115

No âmbito da visita presidencial que o chefe de Estado, Armando Emílio Guebuza, efectua à República Popular da China entre os dias 9 e 15 deste mês, uma missão empresarial moçambicana visita a província chinesa de Henan, visando identificar oportunidades de negócios e estabelecer parcerias.

Um fundo (quase) impossível

Para os que já começaram a beneficiar do Fundo para o Combate à Pobreza Urbana, o sentimento é de satisfação. Mas, para outros, é uma experiência desagradável, pois o excesso de burocracia e critérios de atribuição duvidosos são os principais entraves.

Texto: **Hélio Norberto** / Redacção • Foto: **Miguel Manguze**

Há cinco anos que Felisberto Macamo, de 30 anos de idade, se dedica ao comércio informal. Nunca teve um trabalho formal. Vendeu recargas de telemóveis ao lon-

plo, Dulce Chiponde, de 50 anos de idade, conta que a sua vida já não é a mesma, desde que optou pelo negócio de criação de frango para abate.



go das artérias da cidade de Maputo, mas, hoje, dispõe de uma pequena mercearia no bairro 25 de Junho (Choupal), Distrito Municipal Ka Mubukwane, onde mora. O seu objectivo é ampliar o negócio. Mas falta-lhe o essencial: dinheiro.

Aliás, a falta de financiamento é o seu maior obstáculo para a materialização do seu desejo. Ouviu falar da

Solteira e mãe de três meninas, das quais duas são já casadas, a paixão pelo negócio de frango começou ainda na infância, quando cuidava de galinhas da capoeira do seu pai. Com o andar do tempo, foi-se intensificando e, presentemente, tornou-se na sua fonte de rendimento.

Quando ficou a saber da existência do fundo para as zonas urbanas, Dulce não pensou

Dulce iniciou esta actividade por volta de 1998, mas, em 2000, teve de interromper. Motivo: parte do lucro do negócio investia na construção da sua casa. Depois de 10 anos, retomou, graças aos subsídios de aposentadoria no Aparelho do Estado, concretamente no Ministério da Agricultura, onde trabalhou por pouco mais de vinte e cinco anos.

O negócio começou com apenas 100 pintos. Hoje, está em constante crescimento. A alocação dos “sete milhões” aos distritos municipais foi a sua bóia de salvação. “O Governo está, com este projecto, a cumprir com o seu papel de desenvolver a vida dos moçambicanos”, disse.

Com uma capoeira para quinhentos pintos, Dulce está disposta a dar início à actividade, o mais breve possível. E não quer que lhe falem em fracasso. “Quem conhece o trabalho que faz, não falha, por isso não tenho medo de nada”, adiantou.

Projecto de criação de frangos para abate

Dulce submeteu um projecto de criação de frangos para abate. E considera suficiente o valor que recebeu. Ela espera vender cada frango a 120 meticais. O lucro por cada animal será de 21 meticais.

Os restantes 91 serão destinados às despesas de cada animal, durante os 45 dias da incubação. Este valor subdivide-se em vacinas, antibióticos, vitaminas, carvão para manutenção de uma temperatura equilibrada para a sobrevivência dos pintos, e energia eléctrica.

O mesmo valor cobre o salário do único emprego do aviário que, para Dulce Chiponde, que auferirá um salário mensal de 3 mil meticais. Para 100 pintos, despendem-se cinco sacos de 50Kg de ração, dentro de 45 dias, o que significa que cada pinto consome pouco menos de três quilos deste produto durante os dias de incubação.

Como conquistar a clientela

Uma boa alimentação, associada à aplicação de vacinas, antibióticos e vitaminas, segundo Dulce, garantem um crescimento de qualidade para o frango e consequentemente atraí os clientes.

“As pessoas gostam mais das coxas do frango, e quando este é bem alimentado, es-

tas partes desenvolvem-se mais”, conta.

Investir em estaleiro

Bento Cumbe, de 33 anos de idade, pai de três meninas, e residente no bairro George Dimitrov, ou simplesmente Benfica, herdou o estaleiro do pai. Esta actividade é uma tradição da família que perdura há cinco gerações.

Há 15 anos que se dedica ao negócio de fabrico e venda de blocos e ventiladores. Porém, não se limita a esta actividade. Ao lado do seu estaleiro, Bento tem uma cabina de telefone público e uma banca, onde vende produtos alimentares.

Seguindo o conselho do secretário do bairro, Bento Cumbe recebeu da Administração Municipal aproximadamente 85 mil meticais, dos 100 mil disponíveis para aquela área de actividade.

O valor recebido é reembolsável em 24 meses, numa amortização de 3.535 meticais mensais. No contrato celebrado entre o mutuário (Bento Cumbe) e a Administração de Ka Mubukwane, pode-se ler a dada altura que o valor só começa a ser cobrado a partir de Novembro do corrente ano, o que significa que tem três meses para começar a pagar a sua dívida.

“Faço este trabalho há mais de dez anos, tenho experiência suficiente e estou con-

Qual é o objectivo da criação do fundo?

Na perspectiva de impulsionar o rápido desenvolvimento dos distritos de Moçambique e também descentralizar a economia do país, foi criado pelo Governo, em 2006, através do decreto 33/2006, o Fundo de Investimento em Iniciativas Locais.

Até 2010, os “sete milhões” eram apenas alocados aos 128 distritos do país. Neste ano (2011), o fundo foi estendido para as capitais provinciais e para os distritos municipais, com vista a colmatar o índice de pobreza que se verifica nestas zonas, a chamada pobreza urbana.

Para o caso do município de Maputo, foi introduzido nos cinco distritos municipais que outrora haviam sido excluídos do processo, nomeadamente os de Ka Mubukwane, Ka Mavota, Ka Maxaquene, Ka Chamanculo e Ka Pfumu, com excepção de Ka Tembe e Ka Nhaca, que desde 2006 já beneficiavam do fundo.



fiantes de que tudo vai correr bem e vou reembolsar o dinheiro”, disse.

No seu estaleiro, Bento emprega duas pessoas - cada uma recebe dois mil meticais mensais. Antes de obter o financiamento, com este negócio, conseguia amealhar 15 mil meticais, e acredita que com o fundo o seu ren-

dimento vai aumentar.

“Estou feliz, mas também estou comprometido com o Estado e comigo mesmo, porque este dinheiro não é só para mim, devo devolver para que os outros também possam ter”, comentou Cumbe.

Mercado garantido

Quanto ao mercado, Cumbe disse que o seu mercado já está garantido, pois tem os seus clientes e normalmente tem feito trabalhos por encomenda. De quando em vez, tem vendido os seus produtos ao mercado de Xiquelene (Praça dos Combatentes), pois lá, segundo afirmou, a procura é maior em relação a muitos mercados da cidade de Maputo.

Com o dinheiro, Cumbe pensa em ampliar o seu estaleiro no bairro George Dimitrov e, posteriormente, abrir um novo estaleiro em Boquisso, Distrito de Maracuene, onde dispõe de um terreno para o efeito.

Com efeito, vai empregar mais pessoas e tornar-se, segundo prevê, um grande empresário. Os seus sonhos vão mais além. “Eu estou a ser ajudado pelo Estado, por isso penso que também devo ajudar os outros que precisam. Quando tudo começar a correr bem, vou dar empréstimos aos outros, para que todos possam ter uma vida melhor”, disse.



existência dos “sete milhões” para as cidades, e decidiu tentar a sorte. Mas a sua experiência não foi boa. Além de uma lista infindável de exigências, ficou a saber que se estava a dar prioridade aos projectos agro-pecuários, o que acabou por fazer com que desistisse da ideia. E ficou aborrecido com a situação.

Ao contrário de Macamo, no Distrito Municipal Ka Mubukwane, os mutuários do fundo destinado à redução da pobreza urbana falam de satisfação. A título de exem-

plares, Dulce Chiponde, de 50 anos de idade, conta que a sua vida já não é a mesma, desde que optou pelo negócio de criação de frango para abate.

O reembolso do valor que solicitou à administração do município de Maputo começou em Outubro do próximo ano (2012), ou seja, ela tem pouco mais de um ano para potenciar o seu negócio sem se “preocupar” com as amortizações.

O Governo moçambicano decidiu aumentar o fundo de infra-estruturas distritais, de 2,5 milhões para sete milhões, com efeitos a partir deste ano. A verba destina-se a atender às pressões que os distritos têm em relação ao investimento, construção e/ou reabilitação de estradas, postos de saúde, escolas, entre outras infra-estruturas.

ECONOMIA

COMENTE POR SMS 821115

Sonhos de água tornam-se realidade

Um projecto hídrico transfronteiriço reforça a luta contra a insegurança alimentar e a pobreza ao longo do Rio Komati, que atravessa África do Sul, Suazilândia e Moçambique. O projecto, administrado pela Autoridade Hídrica da Bacia do Komati (Kobwa), reuniu 66 famílias numa iniciativa de agricultura colectiva na região de Hhohho, norte de Suazilândia.

Texto: Charles-M. Mushizi/IPS • Foto: Miguel Manguzeu



A Kobwa é um órgão intergovernamental criado em 1993 pela África do Sul e a Suazilândia para o manejo compartilhado do rio. Este organismo "criou uma reserva importante, de 332 milhões de metros cúbicos de água, que é distribuída pelas comunidades locais para garantir um manejo sustentável e efectivo deste recurso escasso nesta parte da África, graças ao compromisso dos governos dos dois países", disse o director executivo do projecto, Sipho Nikambule.

Para ele, a melhor maneira de fazer isto era reassentar as comunidades ou famílias em torno de projectos agrícolas compartilhados. "Isso já permitiu concretizar actividades em grande escala e beneficiar mais pessoas de uma vez", acrescentou Nikambule. "Vimos de diferentes aldeias a 50 quilómetros daqui para nos estabelecermos na aldeia de Nyonyane, graças a este projecto, e para trabalhar na produção de 200 hectares de cana-de-açúcar e verduras, aproveitando um ponto de irrigação compartilhado instalado pela Kobwa", afirmou o chefe de Nyonyane, Luke Kunene.

"A superfície que agora cultivamos colectivamente equivale à área combinada que as famílias cultivavam individualmente nas suas aldeias antes de nos juntarmos em Nyonyane. E depois de cobrir os gastos operacionais e a contribuição para o funcionamento do projecto, os benefícios são divididos segundo o tamanho de cada área", explicou Kunene.

Antes, cada membro da comunidade tinha a sua propriedade individual. Mas isto já não era viável porque os terrenos eram muito pequenos, suficientes apenas para a agricultura de subsistência, disse Kunene. "Agora temos um projecto muito mais amplo, que nos une e gera ganhos de aproximadamente 750 mil dólares ao ano", acrescentou.

Como na maior parte do ano a

água escasseia, o terreno está cada vez mais seco, disse Henson Lukhele, motorista de autocarro que vive na área. "Esta é a base da insegurança alimentar, já que a produtividade agrícola claramente diminuiu. O projecto reviveu a agricultura nesta parte do país e restabeleceu os recursos para as famílias que vivem ali, incluindo a minha", acrescentou. Lukhele é a favor do projecto, pois, segundo ele, o manejo efectivo da água é um desafio enorme nesta parte do país que se tornou árida.

O administrador ambiental, Sibongaye Mkhathshwa, acredita que, no contexto da mudança climática, as dificuldades que a Suazilândia enfrenta estão em dois planos: acesso a água e luta contra a insegurança alimentar e a fome. "Este projecto tem em conta os desafios actuais e dá respostas que os moradores de Nyonyane podem sentir nas suas vidas quotidianas", afirmou. Segundo Mkhathshwa, "a água é um recurso escasso na Suazilândia. Isto significa que todo o esgoto deveria ser reciclado, purificado e redistribuído. Quando alguém visita o norte do país vê que a seca está a atacar a agricultura".

A Kobwa construiu um canal de 24 quilómetros de comprimento que abastece a comunidade agrícola de Nyonyane, acrescentou Mkhathshwa. Segundo Phillip Maduna, morador de Nyonyane, "o projecto permitiu, inclusive, a construção de duas escolas primárias e uma secundária para os moradores. Outro desafio é que toda a aldeia tenha acesso a água potável. Temos água para irrigação, mas para beber não é comum".

África do Sul e Suazilândia responderam com 60% e 40%, respectivamente, para a instalação e o funcionamento do projecto, avaliado em US\$ 238 milhões de dólares. A iniciativa já beneficiou dois mil habitantes da Suazilândia e seis mil da África do Sul desde 2002, o que se reflecte em aspectos como mais emprego e os estudantes terem novas escolas.

Crise da dívida pública: há algum líder por aí?

Face à crise do euro, os líderes mundiais parecem paralisados, na melhor das hipóteses, e irresponsáveis, na pior. Mas uma situação tão grave exige chefes de governo capazes de pegar o toiro pelos cornos.

Texto: The Guardian de Londres

O grito sobe de tom: esta crise é um momento para a liderança. Mas a liderança é necessária onde e com o consentimento de quem? Perante o apocalipse financeiro estas perguntas levam-nos a locais ainda mais complicados. Embatem contra a progressiva expectativa de democracia: do amanhã que pode ser melhor do que o hoje. Talvez isto não seja sempre verdade.

Apesar das suas diferenças, capitalistas, socialistas, liberais e conservadores estão unidos por uma ideia comum. A assunção de uma

ideia de progresso linear da civilização humana: a crença, raramente expressa porque raramente contestada, de que as coisas estão sempre a melhorar ou – se não for esse o caso – podem melhorar se escolhermos as políticas correctas.

Sob este ponto de vista, uma mudança para pior é vista como um retrocesso: razão para condenar um grupo de políticos por terem escolhido as políticas erradas, e eleger outros, que prometem coisas diferentes. A normalidade voltará rapidamente. Resol-

veremos o problema, provavelmente tentando um novo rumo – e continuaremos por um caminho ascendente.

Para muitos países, o Ocidente tem estado certo – quase sempre – ao aplicar estas regras. Pode continuar a estar certo, ao aplicá-las agora. A ciência e a tecnologia dão saltos em frente. O mundo rico tem a esperança de vida mais longa de sempre. A vida, para a maior parte das pessoas, é agradável. Mas, para além de uma preguiçosa elite europeia em férias enquanto tanta coisa corre mal, subsiste uma

possibilidade miserável.

E possível que nenhuma primeira do G7, nenhum telefonema, nenhum brilhante discurso de Barack Obama, nenhum ar calmo de Cameron possam quebrar a paralisia. O terror da crise financeira não é o facto de exigir uma série de respostas políticas complexas que, se forem seguidas, voltarão a colocar a economia no caminho do crescimento. O terror da crise financeira é que nada pode ser feito para atrasar o julgamento final: e a sentença é o declínio.

Publicidade

Nunca se falou tanto por tão pouco.

tudo bom pra ti

A única rede que oferece chamadas de borla e as tarifas mais baixas.

- Chamadas de borla nas recargas de 200 MT e 500 MT.
- Só 1 MT/Min para os teus Bradas.
- Só 5 MT/Min para qualquer rede nacional a qualquer hora.
- Ganha um carro por semana até Dezembro e muitos mais prémios.

Aproveita a melhor qualidade de rede, o melhor serviço e os melhores preços.

Chamadas para os teus Bradas, válidas das 0h às 6h, todos os dias para 4 números Vodacom. As Recargas de 200 MT e 500 MT oferecem 100 e 500 minutos grátis na Vodacom válidos por 7 e 30 dias, respectivamente. Termos e condições aplicáveis.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

A Somália ofereceu esta terça-feira amnistia aos militantes que ainda combatem na capital, Mogadíscio, três dias depois de o presidente do país, xeque Sharif Ahmed, ter declarado vitória sobre o grupo insurgente al Shabaab, que retirou da cidade a maioria de seus combatentes.

Capital da Somália livre da milícia islâmica, mas presa da fome

Al-Shabab retirou-se da cidade, o que pode demonstrar que os seus líderes estão divididos. Mas a crise humanitária não se alterará muito.

Texto: Público de Lisboa • Foto: Público de Lisboa

A coberto da noite, a milícia islamista Al-Shabab deixou no passado sábado Mogadíscio, a massacrada e faminta capital do país em ruínas que é a Somália. “Uma retirada por motivos de mudança estratégica”, disse um porta-voz dos mujahedin locais, afiliados da Al-Qaeda. Uma “libertação completa do inimigo”, que anuncia o dia em que “o resto do país, em breve, será igualmente libertado”, declarou o Presidente Sheikh Sharif Ahmed.

Desde 2007 que esta milícia, herdeira dos Tribunais Islâmicos que chegaram a governar a Somália, entrou em Mogadíscio. Os Tribunais Islâmicos foram derrotados por forças etíopes e foi formado um governo de transição, que tenta responder pelo Estado somali e restabelecer alguma ordem, recebendo apoio internacional – mas não tem sequer conseguido controlar Mogadíscio, nem com o apoio da força de 9000 homens da União Africana.

Corrupção, política tribal e um exército mal pago não têm ajudado na luta contra a Al-Shabab, que domina os territórios onde a seca e a fome provocaram uma catástrofe humanitária que deixou 3,7 milhões a precisar de ajuda alimentar urgente.

“Não foi a força que permitiu à Al-Shabab permanecer em Mogadíscio tanto tempo. Foi a incompetência e a fraqueza do (Governo de transição)”, disse à Reuters Afyare Elmi, professor no Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Qatar.

A retirada da milícia islâmica da capital da Somália – uma das cinco zonas onde as Nações Unidas declararam existir fome declarada – pode não trazer paz. “O Governo pode não conseguir ocupar as áreas deixadas vagas e outras milícias de clãs podem ocupá-las. O desafio é expandir-se para estas áreas e impor lei e ordem”, disse Elmi.

Crueldade

Os residentes de Mogadíscio ficaram felizes com a partida

da milícia que queria destruir tudo o que soasse a ocidental, punindo com cortes de mãos, chicotadas e execuções públicas quaisquer infracções às suas regras. Ouvir música e usar calças se for mulher são para eles crimes e a as punições são de requintada crueldade. Chicotadas e cortar mãos são banais, há apedrejamentos para as adúlteras e se alguém era considerado um espião, a pena era a execução pública – cortando-lhe a cabeça.

E agora que a seca e a fome levam os somalis a fugir aos milhares, aos milhões, em busca de alimentos, de ajuda, são muitos os relatos de somalis impedidos de avançar pela Shabab.

A crueldade para com os seus compatriotas revelava-se também no roubo da água dos próprios rios que abasteciam as aldeias, para irrigar plantações que têm sob a sua protecção. Ou detendo os refugiados, impedindo-os de prosseguir viagem para fora das zonas dominadas pela milícia, procurando ajuda ocidental – regra geral fora do país, no Quênia ou na Etiópia, pois após a má experiência da intervenção norte-americana, em 1993, popularizada no filme Black Hawk Down, poucas organizações se atrevem a entrar no país.

Aliás, a Al-Shabab tem também entravado a entrada da ajuda humanitária nas áreas que domina. Sheik Yoonis, um porta-voz da milícia, disse num e-mail enviado a repórteres do New York Times que a declaração de fome na Somália era “um exagero”.

Divisões entre os líderes

Mas há notícia de divisões entre os chefes da Al-Shabab – e que será isso que está por detrás da retirada de Mogadíscio. Uma facção tem por objectivo a imposição de um programa islâmico mais duro a toda a nação. Outra, com mais ligações internacionais, quer promover a jihad (guerra santa) e derrubar o governo transitório, que encara como um marioneta do Ocidente, ao mesmo tempo



que deseja promover laços com células regionais da Al-Qaeda, diz a Reuters. A facção mais internacionalista tem ganho peso com a chegada de guerrilheiros estrangeiros.

As ofensivas do Governo e da União Africana, bem como os ataques de aviões robóticos norte-americanos nos últimos meses, têm enfraquecido as milícias, levando a retiradas separadas de cada um dos grupos – mas na sexta-feira houve uma saída maciça, em veículos 4x4 de caixa aberta com metralhadoras automáticas montadas em cima, de guerrilheiros e das suas famílias.

Várias testemunhas disseram à Reuters terem visto estas caravanas da Al-Shabab dirigir-

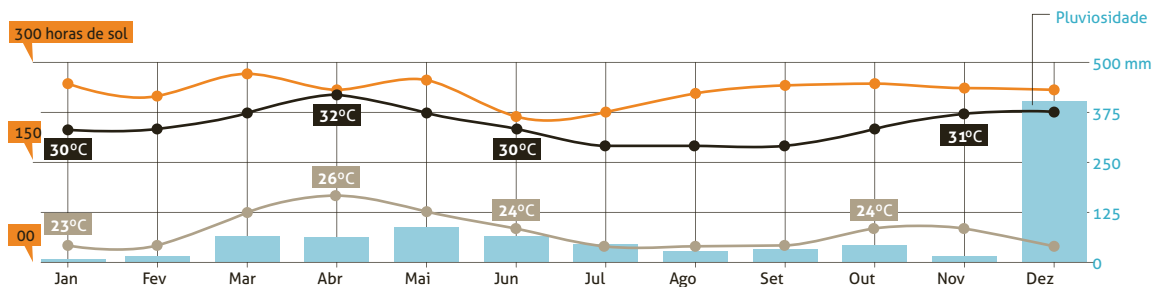
Fome no Corno de África é uma tempestade perfeita em termos de crise humanitária

Há 12,4 milhões de pessoas a precisar de ajuda urgente para sobreviver em toda a região e 3,7 milhões estão a passar fome só na Somália. A pior seca em 60 anos, a desagregação do Estado e a guerra criaram uma catástrofe humanitária.

Texto: Público de Lisboa • Foto: Público de Lisboa

O clima

Médias mensais ao longo do ano em Mogadíscio (2009)

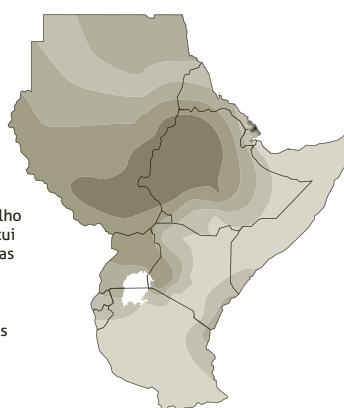


Valores médios de chuva
Julho a Setembro (registos de longo prazo)

Pluviosidade (mm)

- <50
- 50 a 150
- 150 a 300
- 300 a 500
- >500

O período entre Julho e Setembro constitui a estação das chuvas em quase todo o sector norte e também na parte oriental das regiões equatoriais.



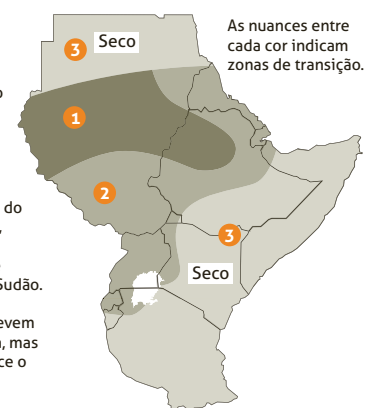
Estimativas de pluviosidade para 2011
Julho a Setembro

Probabilidades

Zona 1: Grande probabilidade de cair chuva acima do normal no centro do Sudão e na região ocidental da Etiópia.

Zona 2: Grande probabilidade de a chuva estar dentro dos valores normais na Eritreia, Djibuti, Uganda, Ruanda, Norte do Burundi, Noroeste da Tanzânia, Quênia Ocidental, Noroeste da Somália, Sudoeste da Etiópia e partes (a Sul e a Nordeste) do Sudão.

Zona 3: As restantes regiões devem manter-se em situação de seca, mas só no Sul da Somália permanece o risco de fome, diz a ONU



Cronologia política e climática

- A seca
- O Estado falhado da Somália

70000 aC
Estudos genéticos de 2008 concluíram que a população pode ter diminuído para 2000 pessoas devido a uma seca extrema no Leste africano.



600
Foi estabelecido o sultanato de Adel. A região da Somália viveu uma época de ouro, sendo os somalis conhecidos pela sua capacidade de engenharia hidráulica, essencial à retenção da escassa água.

1500
O sultanato desintegra-se em cidades-estado em 1500.

1800
No início do século XIX, o Egipto ocupa partes do território, que acabaria por se tornar um protectorado inglês.

1900
Franceses e britânicos dividem o território da Somália; Itália cria um protectorado nas planícies centrais.

1940
Durante a II Guerra Mundial a Itália ocupa a "Somália britânica", que passará para a gestão da ONU.



2011
O ACNUR adverte que a violência política e a seca obrigaram 54 mil somalis a deslocar-se no mês de Junho. Rebeldes islamistas da Al-Shabab pedem ajuda internacional para a população com fome nas zonas que controla; a ONU e as suas agências estão proibidas de entrar. A Etiópia pede 398 milhões de dólares para alimentar a sua população.

2010
País continua em guerra, prosseguem os ataques da milícia islamista al-Shabab.

2009
A Oxfam fala em 6,2 milhões a necessitar de ajuda alimentar de emergência na Etiópia. No Quênia, há combates entre as tribos pela posse de poços de água e colheitas no Norte.

2009
Eleito mais um chefe para o governo de transição, Sharif Ahmed. Pertenceu a organizações islâmicas e foi escolhido por ser um potencial bom mediador.



O al Shabaab, grupo afiliado à rede al Qaeda, controla boa parte do sul da Somália, qualificou como “tática” a sua retirada de Mogadíscio e afirmou que a sua violenta campanha para derrubar o governo, apoiado pelo Ocidente, vai continuar.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

-se para a cidade Baidoa, a 250 quilómetros da capital: “Vi 40 veículos armados pouco depois da hora das preces matinais”, disse, por telefone, Aweys Sharif, a partir da cidade de Afgoye, 30 quilómetros a sul da capital.

Esta retirada poderá permitir alcançar melhor quem precisa de ajuda em Mogadíscio, aonde continuam a chegar refugiados todos os dias, depois de terem andado dias e dias sem comer. Muitas vezes deixando filhos, mães ou pais enterrados pelo caminho.

A última preocupação salientada pelas Nações Unidas é o surto de sarampo nos campos de refugiados de Dollo Ado,



na Etiópia. A Al-Shabab tem impedido também a vacinação das crianças, por ser uma coisa ocidental, pelo que nas condi-

ções de sobrelotação dos campos, uma eventual epidemia pode espalhar-se como fogo em mato seco.

Efeitos da fome no corpo humano por falta de nutrientes

A actividade cerebral diminui, provocando danos cognitivos que podem ser irreversíveis. Podem surgir problemas do foro psicológico

As gengivas sangram e os dentes caem

A oxigenação do coração torna-se insuficiente

Os rins e o fígado funcionam deficientemente. A barriga incha devido aos parasitas que se alojam nos intestinos. E também devido à deficiente circulação sanguínea, que pode causar edemas (fluidos que o organismo não consegue expelir)

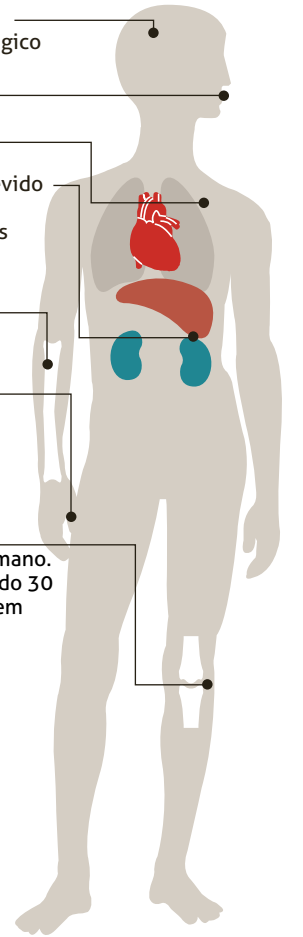
Os ossos tornam-se frágeis e quebradiços

A capacidade de andar e usar as mãos diminui devido a perturbações nas ligações nervosas

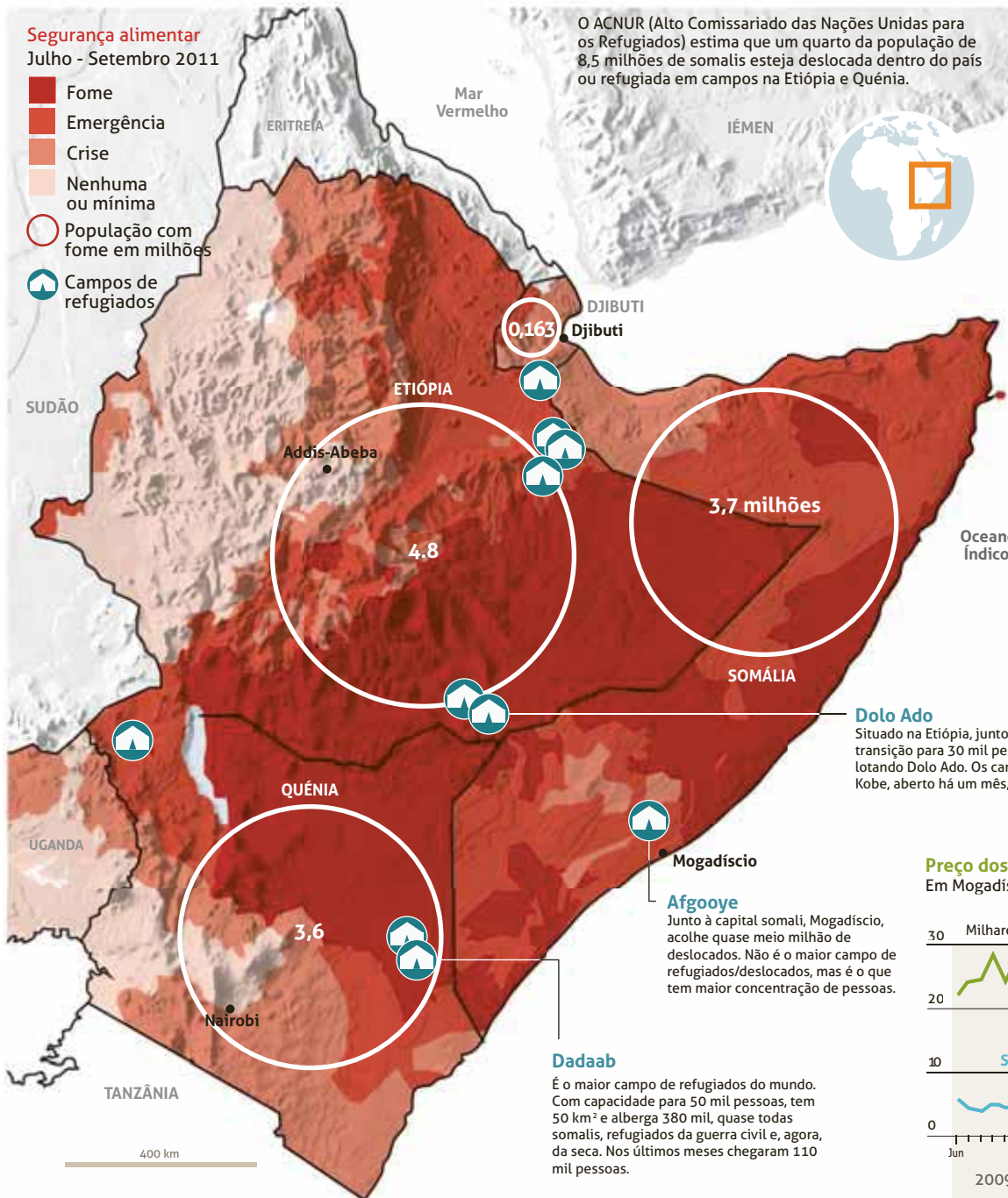
Os músculos enfraquecem e surgem dores nas articulações

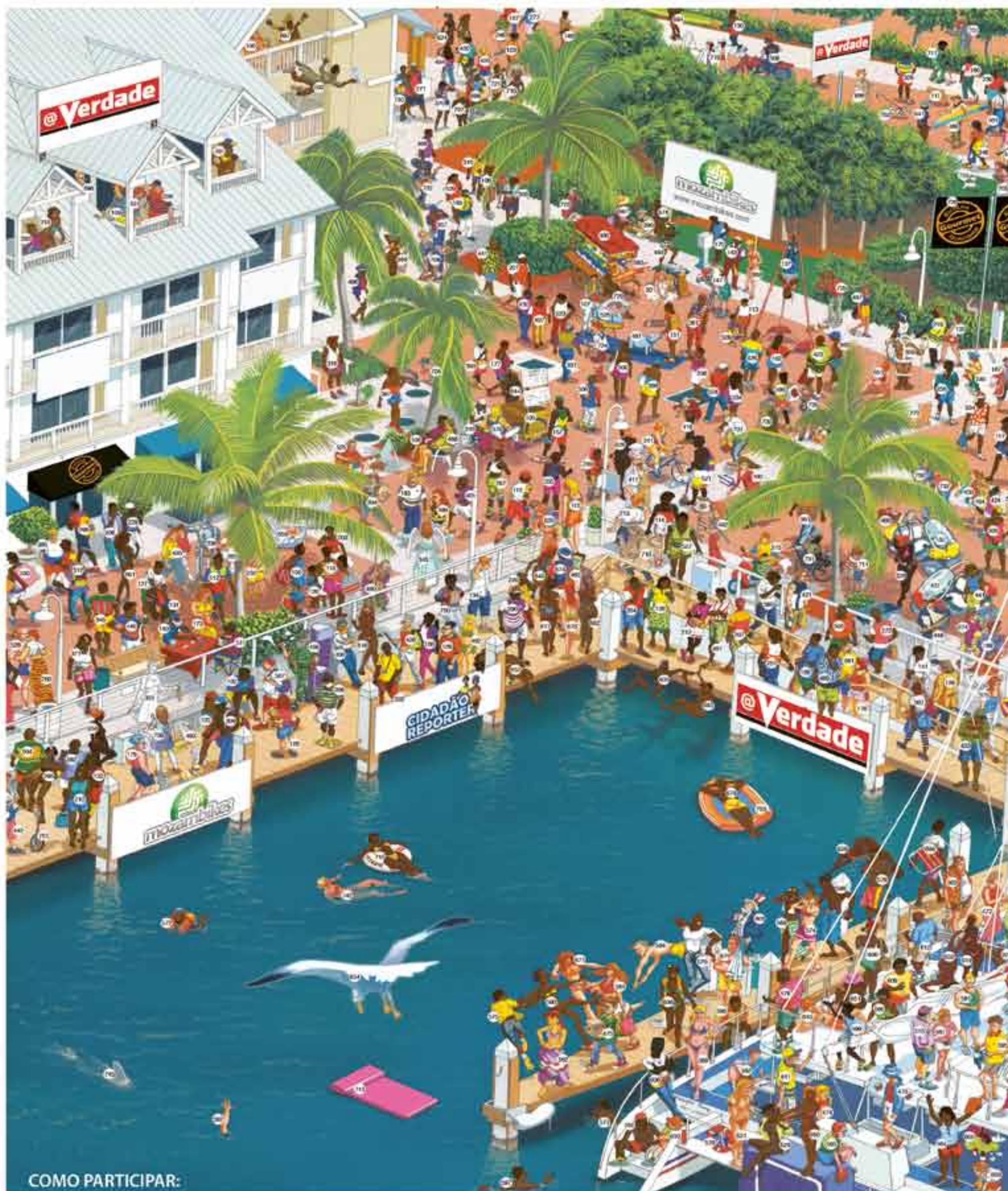
Definição de fome

Acesso deficiente ou nulo a bens alimentares (água incluída) considerados essenciais para o bom funcionamento do corpo humano. Diz-se que um país, ou uma região, vive em estado de fome quando 30 por cento da população está subnutrida e morrem duas pessoas em cada mil por dia



A seca no Corno de África





COMO PARTICIPAR:



1 Para participar e ganhar prémios tem que enviar um SMS com a palavra VERDADE para o número 6677 e acertar nas perguntas que receber e encontrar as figuras no cenário. Todos os SMS contam, acumula os pontos e ganha. 5 Pontos por resposta certa e 1 Ponto por resposta errada.



2 Guarda o Cenário contigo para que possas responder acertadamente às perguntas que irás receber por SMS. Quando descobirres a que personagem corresponde a pista que recebeste por SMS, basta enviáres um SMS com V seguido do número da personagem (ex: V245) para o número 6677.

PRÊMIOS:



3 Se não tiveres o Cenário contigo basta enviáres VERDADE para o número 6677 as vezes que quiseres. O Cenário irá estar disponível nas páginas centrais do Jornal. A VERDADE é também em www.verdade.co.mz

Env
Jog

Pode en-
dados
encont
8424003

Responde
e Ganha!
@Verdade



via **VERDADE** para o **6677** e encontra a verdade.
a, diverte-te e habilita-te a ganhar prémios todas as semanas.

encontrar o regulamento em www.verdade.co.mz. Ao participar neste passatempo estará a autorizar o tratamento dos seus
para futuras campanhas de Marketing da Verdade. Pontuação e mecânicas de atribuição de prémios podem ser
dados no regulamento. Cada sms tem o custo de 5 meticals e é válido para ambas as operadoras. Linhas de apoio
310 e 828217825



Um ano depois, derrame da BP ainda causa doenças

Quando os moradores de Jean Lafitte, no Estado da Louisiana, nos Estados Unidos, ficaram a saber da explosão da plataforma da British Petroleum (BP), o prefeito Tim Kerner incentivou todos a unirem-se para limpar as águas do Golfo do México. Foi a única coisa que lhe ocorreu fazer para impedir que o óleo destruísse a sua comunidade, cujos integrantes trabalharam dia e noite com esse objectivo. Agora, um ano depois de a BP ter conseguido fechar o poço que acabou por espalhar o equivalente a cinco milhões de barris de petróleo no Golfo do México, a maioria dessas pessoas está doente.

Texto: Lily Hough/IPS • Foto: Lusa



“Temo que os meus vizinhos venham e digam: não te teria ouvido e continuado com o trabalho se soubesse que isso me mataria”, disse Kerner.

A sua história foi uma das muitas compartilhadas por Kerry Kennedy, presidente do Robert F. Kennedy Center for Justice and Human Rights (RFK – Centro Robert F. Kennedy para a Justiça e os Direitos Humanos), numa conferência realizada no dia 27 de Julho, um dia depois de ter enviado uma delegação à costa do Golfo do México para avaliar o alcance da crise sanitária causada pelo derrame.

“Os moradores da área estão doentes. Desconhecem a causa exacta da enfermidade, mas, como nunca sofreram desta maneira antes do derrame e todos participaram na limpeza nos seus barcos de pesca, suspeitam que tenha algo a ver com as toxinas”, disse Kennedy.

O óleo começou a espalhar-se no dia 20 de Abril de 2010, quando a plataforma de exploração Deepwater Horizon, que a BP arrendara da firma suíça Transocean, explodiu e dois dias depois afundou. Somente em Junho daquele ano foi possível conter o derrame.

Segundo Anne Rolfes, directora fundadora da organização ambientalista Louisiana Bucket Brigade, quase 75%, dos que estiveram em contacto com o petróleo ou o dispersante nele despejado disseram ter apresentado sintomas que correspondem aos da exposição química.

A organização de Rolfes associou-se à Academia de Liderança em Resiliência a Desastres, da Universidade

de Tulane, para realizar uma pesquisa com a população que vive nas comunidades afectadas.

“Tosse, irritação respiratória e ocular foram os sintomas mais comuns”, disse Rolfes. Os consultados “descreveram que os sintomas apareceram e desapareceram repentinamente, e isto seria consistente com uma espécie de onda de exposição química, mesmo quando se considera aspectos como as alergias”, acrescentou.

Contudo, Kennedy disse que os médicos da área não estão certos quanto à vinculação dos sintomas dos seus pacientes ao petróleo.

“Não têm a perícia necessária para fazer um diagnóstico em toxicologia, não sabem como tratar esse diagnóstico, e se tentarem tratá-lo correm o risco de perderem as suas licenças médicas”, afirmou.

“E numa região predominantemente rural onde a maioria dos pacientes é de trabalhadores independentes e sem nenhum seguro, os centros médicos ficam muito longe e o acesso a especialistas em toxicologia é quase impossível”, acrescentou Kennedy.

Mesmo que os conhecimentos estejam disponíveis, “poucos podem pagar os caros exames e remédios necessários para tratar um envenenamento”, continuou. Nessa ocasião, os colegas de Kennedy expressaram a esperança de que o Congresso norte-americano preserve o financiamento de uma rede de “centros de excelência” em matéria de saúde.

Esta cobrança é oportuna, quando o debate sobre o orçamento sacode os par-

lamentares com pedidos de redução de fundos para programas cruciais para as vítimas pobres do derrame de petróleo, que agora têm novas preocupações relacionadas com a saúde.

“Pensamos que é uma crise séria, e o governo federal tem de aferrar-se a isso de um modo mais agressivo e dar os meios para garantir que as centenas de milhares de pessoas afectadas pelo derrame tenham cobertura de saúde”, enfatizou Philip Johnston, presidente da directoria do RFK Center.

Houve pouca menção à BP e aos seus sócios, os quais, enfrentando as possíveis ramificações legais do desastre, comprometeram-se a criar um fundo de compensação de 20 biliões de dólares para ajudar os prejudicados pelo derrame.

No começo de Julho, o procurador-geral dos Estados Unidos, Eric Holder, informou a Kenneth Feinberg (designado para administrar as demandas relacionadas com a BP) que o Departamento de Justiça iniciaria uma auditoria independente com base em críticas à trans-

parência do processo seguido por Feinberg.

Um informe, apresentado no dia 25 de Julho, diz que o processo é um “fracasso abjecto”, e que até agora o fundo pagou apenas 16% das demandas apresentadas.

Um estudo da organização Advogados pelos Direitos Humanos Ambientais (AEHR) reportou discrepâncias no modo como Feinberg administrou as reclamações de fundos de desastres anteriores pagos com dinheiro de contribuintes – como o caso do 11 de Setembro de 2001 – e as do Fundo de Compensação do derrame Petrolífero da BP, cujos pagamentos derivavam da própria companhia petrolífera.

“Concluimos que, em desastres anteriores, os que apresentaram reclamações não precisaram de mostrar provas de causalidade. Tudo o que precisaram de fazer foi dizer que estavam doentes” e que estavam nesse lugar, disse Michele Roberts, coordenador de campanhas e políticas da AEHR.

No caso do fundo de compensação da BP, os moradores da área do Golfo ficaram a saber que as suas reclamações são rejeitadas se não pode provar que a BP ou o dispersante usado são a causa da sua doença, disse Roberts, acrescentando que a inconsistência é “uma violação directa dos direitos humanos”.

Rolfes disse que, enquanto não vir a construção de centros de saúde em cada distrito prejudicado pelo derrame, não considerará que a resposta foi adequada.

“Agora precisamos de atenção com a saúde e isso deveria ser financiado pela BP. Não está certo que seja o contribuinte a arcar com os gastos do desastre petrolífero causado pela BP”, afirmou.



Caro leitor

Pergunta à Tina... Métodos definitivos para o Planeamento Familiar.

Olá pessoal! Hoje vou dar-vos a conhecer um pouco acerca dos métodos definitivos para o Planeamento Familiar. Os métodos definitivos são realizados no hospital, com aplicação de anestesia e não são feitos em qualquer pessoa, devendo-se ter em conta a idade e o número de filhos que a pessoa ou casal tem, visto que estes métodos são permanentes. A Laqueação consiste no corte das trompas femininas evitando, assim, que os espermatozoides possam vir a encontrar os óvulos. Esta cirurgia não altera o perfil hormonal da mulher, e não está relacionada com ganho de peso ou diminuição do desejo sexual. A Vasectomia é uma cirurgia segura e rápida que consiste no corte dos canais por onde os espermatozoides passam. Esta cirurgia não altera a vida sexual do homem: a erecção e a ejaculação continuam como antes, apenas não há a presença de espermatozoides. Estes métodos resolvem a questão relacionada com a gravidez, porém, não protegem contra as ITS/HIV. Os preservativos são os mais indicados para a dupla protecção. Acredito que vocês devem ter dúvidas em relação aos métodos de planeamento familiar, pelo que aguardo as vossas questões

Envie-me uma mensagem através de um sms para **821115** ou **8415152**
E-mail: **averdade.mz@gmail.com**

Olá Tina. Quando a minha mulher engravidou pela primeira vez não notei nada de anormal, mas nesta segunda tem usado muitos comprimidos de aplicação vaginal que provocam um certo cheiro. Ela diz que tal é devido ao corrimento, anda constipada e a tosse não pára. Isto não criará problemas ao feto?

Olá! Agradeço pela partilha desta dúvida, é sempre bom esclarecer questões que nos inquietam. O corrimento aumenta durante a gravidez devido a factores hormonais próprios da gestação. O corrimento mais comum é a vaginose bacteriana, que se prolifera por alteração do pH (alcalinidade ou acidez). Tem cheiro forte, como o de peixe cru, e é amarelado. Para o tratamento, o ginecologista deve diagnosticar e tratar a paciente juntamente com o seu parceiro. Muitas vezes, por falta de conhecimento, o parceiro sexual não faz o tratamento por “não sentir nada e não ter secreção”, o que dificulta a solução do problema caso tenha vida sexual activa. Isto para dizer que tu também deverias estar em tratamento, porque senão o tratamento fica incompleto e o resultado esperado não é satisfatório. Para o tratamento, de certeza que o médico receitou uma medicação específica para grávidas, visto que ela não pode fazer uso de comprimidos comuns, devido ao seu estado. Quanto às consequências, dizer que, se o corrimento não for bem tratado, pode causar desde ruptura da bolsa, parto prematuro até infecção no pós-parto. Quanto à tosse, por vezes é normal na gravidez, mas só o médico depois de a observar é que pode descrever melhor o estado dela e, se não tiver nada anormal, ela pode fazer receitas caseiras à base de mel, cenoura, cebola e até limão para ajudar a combater a tosse. Procura acompanhar a tua esposa às consultas de pré-natal, para poderes esclarecer mais dúvidas que tiveres com o médico (a) que acompanha a gravidez dela. Muitas felicidades!

Oi Tina. As minhas mais cordiais saudações a si em particular e à sua vasta equipa de profissionais que a cada dia nos têm ajudado nas nossas preocupações no que tange à saúde. Foi mesmo a partir do vosso jornal que me pude informar melhor sobre o vosso papel, por isso aproveitei o momento para deixar ficar a minha questão: estou curioso em saber se é normal num homem, numa relação sexual, assim que se liberta o esperma, sentir cócegas na cabeça do pénis por uns segundos. Sinto isso quando mantenho uma relação sem a camisinha. Por favor, ajude-me a matar a minha curiosidade. Jaime Omar, cidade de Maputo. Forte abraço para vocês.

Oi Jaime! Agradecemos pela força e dizer que é por vocês que semanalmente estamos aqui para responder as preocupações que nos enviam. A tua dúvida parece ser simples, mas nem tanto. Fico sem saber se sentes mesmo cócegas ou então é um arrepiado devido à sensibilidade sofrida durante o processo do orgasmo. Se não for um sintoma preocupante (ardor ou comichão) podes ficar tranquilo que deve ser uma forma peculiar de o teu organismo reagir após a ejaculação. Fiquei preocupada em saber que por vezes tens tido relações sexuais sem camisinha, espero que tenhas consciência dos riscos que corres.

Cuida-te e procura usar o preservativo em todas as relações sexuais que tiveres de forma a evitar a gravidez indesejada, assim como as ITS/HIV.

A ministra para a Coordenação da Acção Ambiental, Alcinda Abreu, disse que Moçambique ainda “não está a ver” o dinheiro prometido pelas nações mais industrializadas destinado a mitigar os efeitos das mudanças climáticas nos países pobres. A criação do Fundo Verde Climático foi resultado de um acordo saído da cimeira das Nações Unidas sobre mudanças climáticas, havida no ano passado em Cancún, México.

AMBIENTE
COMENTE POR SMS 821115

“A terra vai arrefecer nos próximos vinte anos”

Para o meteorologista brasileiro Luiz Carlos Molión, a contaminação da atmosfera devido à acção do Homem não está a provocar um aquecimento substancial do planeta.

Texto: Virgílio Azevedo / Revista “Única” Sup. jornal “Expresso”

Luiz Carlos Molión, professor da Universidade Federal de Alagoas, no Brasil, e representante dos países da América do Sul na Comissão de Climatologia da Organização Meteorológica Mundial (OMM) não acredita no aquecimento global provocado pela actividade humana. Polémico, com um discurso simples e claro, o meteorologista brasileiro defende que as subidas de temperatura dos últimos anos está relacionada com a actividade do Sol e com os oceanos, que ele considera os dois grandes reguladores do clima global da Terra. Por isso, afirma que o planeta vai arrefecer nos próximos 20 anos.

Defende que as emissões de dióxido carbono de origem humana são incapazes de causar aquecimento global da Terra. Porquê?

Luiz Carlos Molión (LCM) – Quando verificamos a variação de dióxido de carbono (CO2) ao longo dos últimos 150 anos, percebemos que não se relaciona com a temperatura. Por exemplo, entre 1925 e 1946 houve um aquecimento muito forte, principalmente no Ártico, mais de quatro graus centígrados. Mas em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, as actividades humanas lançavam apenas 6% do carbono que lançam hoje para a atmosfera.

Como explica então esse aquecimento?

LCM – Analisando os dados, concluímos que houve uma coincidência incrível: nesse período, na primeira metade do século XX, o Sol apresentou o máximo de actividade nos 400 anos de registos que existem. É essa a explicação, até porque de 1916 a 1962 não houve nenhuma grande erupção vulcânica. Grandes erupções vulcânicas, como a do Pinatubo, nas Filipinas, em 1991 – considerada a maior do século XX –, injectam material directamente na estratosfera. Cria-se uma espécie de véu em volta da Terra que reflecte mais radiação solar de volta para o espaço tendo tendência para arrefecer o planeta.

O que se passou depois da Segunda Guerra Mundial?

LCM – Depois da Segunda Guerra Mundial, em que a industrialização se acelerou, foi necessária mais energia, e as emissões de CO2 aumentaram. No entanto, a temperatura global caiu entre 1947 e 1976. E estudos feitos a partir dos cilindros de gelo extraídos na estação meteorológica de Vostok, na Antárctica, revelaram que nos três últimos períodos interglaciais – há 130 mil anos, 240 mil anos e 340 mil anos – as temperaturas foram seis a dez graus mais elevadas do que no período interglacial que estamos a viver agora. No entanto, o CO2 na atmosfera não passava das 300 partes por milhão (PP), quando hoje estamos com 385 (PP). Como justificar temperaturas mais elevadas com CO2 baixo?

Então, o CO2 nunca controlou o clima global?

LCM – Exactamente. Os cilindros de gelo mostram muito bem isso: a temperatura sobe antes e só cerca de 800 a 1200 anos depois é que o CO2 sobe.

Porquê?

LCM – Porque os oceanos estão frios, durante as eras glaciares, a produtividade do plâncton e das algas é muito grande e, por isso, tendem a fixar o CO2. Quando ocorre um aquecimento, há maior libertação do CO2 que estava dissolvido na água do mar, o que significa que o CO2 que está hoje na atmosfera não é necessariamente de origem humana, muito pelo contrário: o carbono que a actividade humana lança na atmosfera é apenas 3% de todos os fluxos naturais que saem dos oceanos, dos solos e da vegetação.

O papel dos oceanos nas mudanças climáticas é muito importante?

LCM – É. Vivemos num planeta com 71% da área coberta por oceanos, em particular o Pacífico, que ocupa 35% da superfície terrestre. Quando a temperatura do Pacífico muda, ela influencia o clima global. Sempre que o Pacífico aqueceu, a temperatura global aumentou; no período de 1947 a 1976, quando o Pacífico arrefeceu, houve um arrefecimento global do planeta. Agora, o oceano está de novo numa fase fria e deve persistir assim nos próximos 20 anos, caso esta seja uma oscilação natural.

Além dos oceanos, dá mais importância à influência dos ciclos solares no clima da Terra?

LCM – Dou. O clima da Terra é controlado pelo fluxo de radiação solar, e existem ciclos de longo prazo, chamados Ciclos Milankovitch, que mudam a forma da sua órbita. É o caso do ciclo de 100 mil anos de cada era glacial, relacionado com a forma geométrica da órbita da Terra, que passa de quase circular para levemente elíptica. Talvez seja essa a causa das eras glaciares.

Quando a Terra está com uma órbita quase circular, durante o ano todo recebe praticamente o mesmo fluxo de radiação solar. Mas quando essa órbita é uma elipse mais alongada, há um período em que a Terra está mais próxima do Sol e recebe mais radiação e outro em que está mais distante e recebe menos radiação. Em consequência, é o Hemisfério Norte, onde há mais continentes, que sofre uma maior variação.

Os defensores do aquecimento global falam numa subida das temperaturas em 100 anos, período muito mais curto do que os Ciclos de Milankovitch, que são de 24 a 100 mil anos. Por isso dizem que esse aumento é causado pela actividade humana.

LCM – Não estamos a falar de um aumento absurdo de temperatura. O que ocorre hoje é dentro do que se espera da fenomenologia física. Por exemplo, o último El Niño, em 1997/98, provocou um aumento de 1,1 graus centígrados na temperatura média do Hemisfério Norte. Outro grande controlador do clima que não é tido em consideração em vários modelos climáticos são as erupções vulcânicas. Com a erupção do vulcão Pinatubo, em 1991, houve reduções da temperatura até 0,5 graus centígrados. Assim, a conjugação dos efeitos de um El Niño forte e de uma erupção vulcânica pode provocar uma variação da temperatura global da Terra até 1,5 graus centígrados.

Então, a variação de 0,6 graus centígrados dos últimos 150 anos de que falam os defensores do aquecimento global não é nada num planeta que passou regularmente, no último milhão de anos, por nove glaciações, cada uma com 100 mil anos, o que totalizou 900 mil anos. Ou seja, em 90% deste período, a temperatura da Terra foi mais baixa do que é agora, o que significa que os períodos interglaciais são a excepção e não a regra. Nas eras glaciares, em que as temperaturas baixaram 10/12 graus centígrados, aí sim, a vida animal e vegetal foi afectada e milhares de espécies desapareceram.

Em suma, não há influência da actividade humana nas alterações climáticas da Terra?

LCM – Exactamente. A superfície da Terra tem 71% de oceanos e 29% de continentes. Nestes 29% cerca de 15% são constituídos por terras geladas e areia. Sobram 14%. Destes, felizmente que ainda 7% estão cobertos por florestas tropicais e temperadas. Fica apenas 7% da superfície terrestre

que é manipulada pelo Homem. E o que o Homem faz é uma modificação no ambiente local onde vive.

As cidades estão sujeitas ao chamado efeito de ilha de calor urbano, um fenómeno que vale para todo o planeta, embora no Hemisfério Norte as cidades tenham também o calor residual do aquecimento das residências e dos automóveis. Mas, em termos gerais, a radiação que chega do Sol é repartida em dois fluxos: um fluxo de energia gasta para evaporar a água e o outro para aquecer o ar.

Numa cidade não há água para evaporar; a água da chuva cai e, devido à impermeabilização dos solos, escorre e vai-se embora. Assim, praticamente toda a energia solar incidente vai aquecer o ar, e as temperaturas são, dependendo da urbanização, 5 a 6 graus centígrados acima da temperatura da região em que a cidade está localizada. Por isso temos a sensação de que a temperatura está a aumentar, mas, como este efeito é local e não se propaga globalmente, as nossas actividades não interferem no clima.

A Terra vai arrefecer nos próximos 20 anos?

LCM – Tudo indica que sim. O clima da Terra é antes de mais dependente do Sol, que está a atingir o chamado mínimo do Ciclo de Gleysberg, que é da ordem dos 90 a 100 anos. A cada 90 100 anos, o Sol entra nesse período, onde passa pelo menos 22 anos com o mínimo de actividade. Começou em Janeiro de 2008 e, se o Sol mantiver o mesmo comportamento dos últimos 300 anos, significa que vai produzir menos energia e, consequentemente, vai gerar arrefecimento.

Isto significa que estamos a caminhar para uma nova era glacial?

LCM – Não, porque os registos dos cilindros de gelo recolhidos na Antárctica mostram que uma era glacial leva cerca de 100 mil anos para chegar a uma diferença de 8 a 10 graus centígrados. Vai ser um arrefecimento muito pequeno, que em média talvez não passe de 0,5 graus centígrados. O problema é como esse arrefecimento se vai manifestar: através de invernos rigorosos, com massas de ar polar mais intensas.

Os defensores do aquecimento global falam também na subida do nível do mar devido à fusão dos glaciares e dos gelos dos pólos.

LCM – Não há evidência desses fenómenos. Medir o nível do mar não é fácil, porque vivemos num planeta que é formado por grandes placas tectónicas, e elas estão em constante movimento. Numa placa que está a sofrer uma subducção – que está a afundar – um mareógrafo afunda também, e a impressão que o cientista tem é de que o nível do mar está a subir, mas se corrigirmos o movimento tectónico não existe nenhuma evidência. O degelo é perfeitamente natural, já ocorreu no passado. Em 2007 houve uma redução de 2,7 milhões de quilómetros quadrados no gelo do Ártico, mas em 2010 o gelo perdido já tinha sido praticamente todo recuperado.



CARTOON



...E perdeu mesmo a graça

O Moçambola vai parar com uma certeza: só um milagre poderá afastar a Liga Muçulmana do título. Ou seja, este final de corrida transformou-se num monólogo. Em Outubro, portanto, quando o campeonato retomar o seu curso normal, a emoção estará apenas na zona de despromoção. É uma prova nivelada por baixo.

O Maxaquene começou o Moçambola como um corredor de 100 metros, com passada larga e uma superioridade insultante. Cedo instalou-se no lugar mais alto do pódio. Chegou a ter uma vantagem de oito pontos sobre o segundo classificado. Atrope- lou, literalmente, o Costa do Sol no seu reduto para afastar quais- quer equívocos sobre a sua su- premacia. Foi ao campo da Liga Muçulmana roubar um ponto. Os tricolores, diga-se, jogavam de olhos postos no título.

Venceram o primeiro jogo do Estádio Nacional doZimpeto e “amargaram” a festa do Despor- tivo. Pelo meio, viram a direcção envolta em polémica e come- çaram a perder o fulgor de que dispunham no ponto de partida. Agora, à beira da meta, são uma equipa moribunda e sem esto- fo. Ou seja, a direcção do Ma- xaquene tomou uma maratona por uma prova de 100 metros e a Liga Muçulmana, uma equipa que parece mais fiável em ma- ratonas, agradeceu. O Costa do Sol aproximou-se. Hoje, sonha com a Taça de Moçambique e o objectivo, no Moçambola, é ga- rantir a segunda posição.

Os jogos
Os jogos da jornada 20 confir- maram um cenário triste do Mo- çambola. Temos um campeonato muito pouco competitivo e sem graça. Uma equipa domina e as outras, impotentes, estendem- -lhe a passadeira. Por outro lado, com a aproximação da derradei-

ra fase do campeonato, voltaram os jogos com muitos golos. Aliás, a 22ª jornada teve apenas um jogo sem golos: o Ferroviário de Nampula - Maxaquene. O Maxaquene, já se sabe, garan- tira triunfos em cima da hora na primeira ronda do campeonato, com reviravoltas, e pagara a fac- tura física. Salvado, que repetira quase sempre os mesmos joga- dores, perdeu Tike e Liberty e



depois a equipa ressentiu-se.

Imponente locomotiva
O Ferroviário de Nampula, com uma segunda volta irrepreensí- vel, travou os tricolores. Impôs um empate sem abertura de contagem. Efectivamente, em dois jogos difíceis, os locomoti- vas amealharam mais pontos do que o previsto. É certo que

somam dois empates consecuti- vos, mas nem o líder e os clubes históricos guardam saudades da agreste província de Tete, casa do Chingale e do HCB de Songo.

Outro jogo que contava para o título
Outro jogo importante da ronda disputou-se em Tete, no 27 de Novembro, com o HCB a impor- -se de forma fácil sobre o Costa

passado, o Ferroviário da Beira teve no de Maputo o parceiro ideal para um jogo que encantou as bancadas. Um jogo grande transformado num grande jogo, por duas equipas inteligentes, ousadas e recheadas de talento. Um empate por três bolas, é cer- to, castigou os locomotivas do norte, mas é uma boa publicida- de para o Moçambola.

do Sol (2-0) e a encurtar para quatro pontos a distância que lhes separa dos canarinhos. As- sim, o Costa do Sol soma a se- gunda derrota consecutiva no Moçambola e fica bem mais lon- ge da luta pelo título.

O jogo
Praticando o melhor futebol que se lhe viu desde o campeonato

O Desportivo, que venceu o Vi- lankulo FC com mais um pontapé revitalizador de Zainadine Júnior, voltou aos bons resulta- dos e continua colado ao Costa do Sol. Num duelo táctico entre duas equipas a recuperar de de- saires recentes, valeu a inspira- ção de um defesa que não cabe nesse rótulo: Zainadine é um jogador total.

Resultados 20ª Jornada				
Liga Muçulmana	2	x	0	Icomáti
Fer. Nampula	0	x	0	Maxaquene
HCB Songo	2	x	0	Costa do Sol
Sporting	1	x	1	Chingale
Fer. Maputo	3	x	3	Fer. Beira
Vilankulo FC	2	x	3	Desportivo
		x		

Classificação MOÇAMBOLA						
	J	V	E	D	B	P
1º Liga Muçulmana	20	14	04	02	28-10	46
2º Maxaquene	20	09	08	03	24-13	35
3º Costa do Sol	20	10	03	07	22-17	33
4º Desportivo	20	09	04	07	19-14	31
5º Chingale	20	08	07	05	19-15	31
6º Fer. Nampula	20	09	03	08	26-22	30
7º Fer. Maputo	20	08	05	07	29-25	29
8º HCB Songo	20	06	10	04	19-11	28
9º Vilankulo FC	20	07	05	04	21-21	26
10º Fer. Beira	19	04	10	05	15-20	22
11º Incomáti	19	06	03	10	09-21	21
12º A. Muçulmano	19	04	04	11	16-25	16
13º Sporting	20	04	04	12	12-30	16
14º Matchedje	19	3	04	12	14-29	13

MELHORES MARCADORES
8 GOLOS: Dário Monteiro (Liga Muçulmana), Luís (Fer. Maputo)
7GOLOS: Eboh (A. Muçulmano)
6 GOLOS: Chana (Fer. Nampula), David (Costa do Sol), Liberty (Maxaquene) e Tanday (Vilankulo FC).
JOGO EM ATRASO
A.Muçulmano X Matchedje (domingo, no campo da Liga Muçulmana)

A CAMINHO DOS JOGOS AFRICANOS

Sinóia, um dos maiores do nosso boxe

A transpirar mas sereno, no rosto a expectativa. Em suspense estavam os membros da delegação moçambicana aos Jogos Africanos de Nairobi 1987, que não esperavam outro veredicto: a proclamação de Lucas Sinóia, muito jovem na altura, como vencedor. Enganaram-se. Graças ao favoritismo do corpo de juízes, o braço erguido foi o do jogador da casa, um queniano que estava com o sobrolho aberto e a cara ensanguentada.

Contou, decisivamente o factor casa. A delegação moçambicana protestou, mas debalde. Mesmo assim, o nosso peso-médio, ao ganhar o combate para a decisão do 3.º e 4.º, chegou à medalha de bronze, por sinal a primeira con- quistada por um moçambicano na maior prova continental. Para além de Sinoia, integraram a selecção de boxe Tiago Sebastião, Archer Fausto, Alberto Machaze e Moisés José. Os tempos eram ou- tros e para o país o importante era participar, fazer perfilar a nossa bandeira entre as outras de África e... ganhar experiência.

Em 30 segundos pôs ko um ganês

Lucas Sinóia ganhou a partir daí tudo o que um pugilista neces- sita, para além da experiência. Tendo frequentado em ocasiões diferentes as escolas soviética e americana, o nosso “cobra”, qua- tro anos depois, era temido no Continente. Na nossa zona, frente a basutos, suázis e tswanas, limi-

tava-se a jogar para o espectáculo e para os pontos. Nos Africanos do Cairo 1991, as coisas eram a sério. Face a isso, protagonizou o KO mais rápido dos Jogos. Uma memorável história que im- porta recordar. Estava-se em pleno dia 25 de Ju- nho de 1991, no Cairo. Às 9 horas, a delegação moçambicana feste- java, um pouco às corridas, mais um aniversário da nossa Indepen- dência, uma vez que Lucas Sinóia, que naturalmente não pôde mar- car presença na festa, tinha um combate frente ao campeão do Gana. Vencer o caótico trânsito da capi- tal do Egipto não foi fácil. Quando os moçambicanos deram entra- da no recinto, já o campeão de Moçambique se encontrava no ringue, juntamente com o ad- versário, a receber instruções do árbitro. Com o sempre entusiasmado Marcelino dos Santos, veterano da luta armada à cabeça, todos se prepararam para presenciar um jogo que teoricamente nos era

desfavorável, pelo peso do país que defrontávamos: o Gana! O combate começou. Não subira ao ringue o Sinóia a que estávamos habituados, aquele que primeiro quer conhecer o adversário, fa- zendo o que na giria futebolísti- ca se chama de “estudo mútuo”. Muito pelo contrário. Lucas en- trou decidido a não dar qualquer hipótese ao ganês, partindo de imediato para o corpo-a-corpo. De repente... passavam-se ape- nas 30 segundos do primeiro as- salto e o adversário já havia sido enviado ao tapete. Sinóia desferi- ra uma sucessão de murros cruza- dos dirigidos à zona do estômago e quando o adversário se tentou proteger, veio então a opção por atingi-lo contundentemente no queixo. Foi o mais rápido KO dos Jogos do Cairo. Sinóia já estava maduro e trazia o país no coração. Passado facilmente o primei- ro obstáculo, o “senhor que se seguia” era um argelino. O seu treinador estava em pânico. Gri- tou, em toda a peleja, para que o pupilo não deixasse o nosso

campeão aproximar-se. A opção do argelino foi bater, pontuar e recuar. Sinóia não estava tão atacante como na véspera. Terá feito o suficiente para vencer aos pontos, mas o “nome” do país do seu adversário foi decisivo para a sua eliminação. O argelino aca- bou por seguir em frente, tendo chegando ao ouro, mas a crítica considerou Sinóia o melhor do seu escalão.

Mão dos juízes em harare

Para os Jogos Africanos de Harare 1995, o Governo proporcionou uma boa preparação aos nossos pugilistas, pois quem chegasse ao pódio qualificar-se-ia-se para a Olimpíada de Atlanta 1996. Si- nóia foi enviado para os Estados Unidos da América para um es- tágio. Dali, foi directamente para Harare. Lucas ganhou as duas pri- meiras eliminatórias, mas perdeu na terceira, diante de um egípcio. Perdera a qualificação para Atlanta, mas restava uma chance para lá chegar: uma dura compe-



tição na Tunísia, onde os 53 pa- íses africanos lutariam pelos lu- gares ainda vagos. No seu peso, 67 kg, havia 18 pugilistas para dois lugares. O seu treinador, o cubano Luiz Filipe Martini, sabia que a missão era difícil, mas não impossível. O moçambicano bri- lhou e conseguiu a qualificação para a Olimpíada de Atlanta.

Ponto final na África do Sul

No ano de 2000, o nosso boxe entrou em queda livre e o “co- bra” já quase não tinha interna- mente adversários à altura. Fazia muito esforço no treinamento individual, mas não via retorno. Pesava 67 kg, sem diminuir, nem aumentar. Subestimou a rigidez do regime que se exige a um profissional.

Para subir aos ringues nos Jogos Africanos da África do Sul, em 2000, teve que se esforçar para perder dois quilos num dia. Era então o melhor do seu peso na Zona VI. Os adversários temiam- -no. Porém, confessa que perdeu o primeiro combate frente a um tswana aos pontos, por excesso de confiança. Assim se esfumou a possibilidade de qualificação para a Olimpíada de Sidney. A situação do pugilismo no país foi piorando, ao ponto de ele, pesso- almente, ter de procurar patrocí- nios para o treinamento. E foi desta forma, um tanto in- glória, que os Jogos Africanos da África do Sul marcaram o fim da carreira de Lucas Sinóia, um dos mais emblemáticos e nobres atletas moçambicanos da gera- ção pós-Independência.

Texto: Renato Caldeira • Foto: Arquivo

A Nigéria vai enviar uma delegação de 456 atletas e dirigentes aos Jogos Pan-africanos de setembro próximo em Moçambique, anunciou um responsável da Comissão Nacional Desportiva nigeriana.

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Borg vs McEnroe, a guerra continua acesa

O que têm em comum um sueco calmo e discreto e um americano temperamental e de língua afiada? À partida nada, no fim quase tudo. Entre esse percurso, o duelo lendário do ténis está para durar. Podia haver amizade sem rivalidade? Podia. Mas não era a mesma coisa.

Texto: **Expresso** • Foto: **Reuters**

Alguna vez se arrependeu do feito e das reacções que tinha em court? "Já andaste lá dentro? Sabes como o ténis pode ser um jogo frustrante? Ah, pois é... (tradução não literal, mas a melhor para rimar com o gesto de desdém) Mas preferia ser lembrado pelo que jogava e não pelo que retilava. Isso depende de vocês, jornalistas..."

John McEnroe anda de mesa em mesa há meia hora (tudo cronometrado), mas não demora a encontrar a diferença na nossa mesa em relação às outras: um jarro de morangos. Primeiro olha, depois fixa, por fim perde a vergonha que nunca teve e chega à fruta em nada proibida. No meio da distração, aumentam as perguntas que tentam dar música ao norte-americano. "É mais fácil ter sucesso na América ou na Suécia?" "Söderling pode chegar a número um do ranking ATP?" Como sempre, o ex-jogador marca as notas e não vai em conversas. "Söderling tem de enervar-se mais", refere. "Ultrapassar os outros que estão à frente? Fácil – parte-se-lhes os joelhos ou manda-se partir, como aquela da patinagem caso Tonya Harding, em 1994", acrescenta. "Söderling tem de corrigir pequenos detalhes para dar o próximo passo, como ser mais agressivo. Mas acredito que ainda pode chegar ao topo", defende Björn Borg uns 15 minutos depois. O ex-jogador sueco deixa-se ir em cantigas quando lhe falam do compatriota. Resultado final: vitória para ambos. Três décadas depois, o duelo mais lendário da história do ténis continua vivo e vai a de break. Desta vez sem fitas na cabeça, mas de boxers.

O lançamento da nova linha de roupa interior da Björn Borg juntou dois ícones do desporto. Os estilos e personalidades quase antagónicas resultam numa improvável mas marcante amizade. "Fora da Suécia é o meu melhor amigo. Encontramo-nos e falamos com regularidade ao telefone. Até mesmo quando estamos meses sem nos vermos parece que estivemos juntos na véspera...", resume Borg. Mas no desporto como na vida, um pouco de rivalidade faz sempre bem. E as regras são ainda mais simples do que no ténis – cada um desenhou dois boxers inspirados nos tempos em que eram jogadores e quem vender mais ganha. "Ele sabe que vai perder esta competição, mas o melhor foi passarmos mais tempo juntos", diz o sempre calmo sueco. "Perder? Naa... Ele sabe que não vai ser assim, mas o importante é que a iniciativa tenha sucesso e a seguir a isto possamos conquistar o mundo! Quem são esses Ralph Lauren e Calvin Klein?", responde o sempre extrovertido norte-americano. Que comece o jogo!

Primeiro set - os jogadores

Björn Borg, hoje com 55 anos, continua a jogar ténis com mais prazer do que nunca. Aliás, até se lesiona como se fosse um atleta de alta competição: durante os 90 minutos do evento realizado na zona de Wimbledon, o sueco ajeitou não menos de 90 vezes a tala no mindinho da mão esquerda. Ossos do ofício, neste caso marcas da raqueta.

Com apenas 13 anos, Borg já passeava em torneios Sub-18. O fascínio por uma pequena raqueta dourada que o pai ganhou num torneio de pingue-pongue despertou-lhe o gosto, os jogos de hóquei apuraram-lhe a técnica (reza a história que terá melhorado a pancada a duas mãos; Borg encolhe os ombros e ri-se). Daí nasceu uma carreira precoce: foi o tenista mais novo a alinhar num jogo da Taça Davis e ganhou o primeiro Roland Garros aos 18. "Nós jogamos ténis, ele joga outra coisa qualquer", dizia o ex-tenista Ilie Nastase.

Nessa altura, McEnroe, três anos mais novo, já se tinha fixado em Nova Iorque, apesar de ter nascido na Alemanha. O pai, membro da Força Aérea, voltou aos Estados Unidos para ser agente publicitário e estudar Direito. Com esta mudança, a esquerda de John, o filho mais velho, começou a dar que falar e, também com 18 anos, mas ainda na condição de amador, chegou às meias-finais de Wimbledon (perdeu com Jimmy Connors).

Borg e McEnroe conquistaram 18 Grand Slams: isso é história. Mas foram os duelos entre ambos que permitiram chegar ao patamar de lendas, sobretudo o da final de Wimbledon de 1980, considerado por muitos o melhor jogo de sempre. "Uma rivalidade assim não aparece todos os anos. Nunca tive tanto respeito por alguém e havia uma química boa entre nós que elevava o meu jogo. Eu sou mais *cool*, ele mais temperamental, mas o que criámos no ténis foi especial", comenta o sueco. "Quando recordo essa final... Ganhei o quarto set e pensei: foi



à vida, vai-se abaixo mentalmente! Qual quê... Essa força foi um dos legados que aprendi com ele. Mas o momento foi um jogo em New Orleans. Perdi, discuti com toda a gente, e no final chamou-me na rede. Pensava que ia dizer que era um idiota, mas a única coisa que me aconselhou foi aproveitar e desfrutar, porque o talento estava lá. Fiquei rendido após esse momento", acrescenta o norte-americano, sempre a trocar olhares cúmplices com o amigo.

A conversa com os dois mitos reforça uma ideia que às vezes passa ao lado – a nível de contabilidade de títulos, ganhar Wimbledon, Roland Garros ou o US Open vale bem mais do que todos os outros troféus. McEnroe ganhou menos Grand Slams, mas teve mais anos de carreira. O famoso "You cannot be serious" disparado aos berros para um árbitro valeu-lhe uma multa, deu o título à autobiografia, mas foi só o episódio mais mediático de anos e anos de avisos, sanções monetárias e suspensões. Até quando nem uma repreensão levava não deixava o crédito por mãos alheias – depois de ter ganho Wimbledon em 1981, foi excluído do jantar de honra mas respondeu com um lacónico "Ainda bem, passo a noite com a família e amigos em vez de aturar bêbados de 70 e 80 anos que dizem sempre que me comporto como um idiota. Por mim, não há problema nenhum..." Entre as 170 semanas que esteve no topo do ranking, o americano tirou dois períodos sabáticos (o último envolveu rumores de uso de drogas) antes de pendurar as raquetas, em 1992, como 20 do mundo.

Também aí Borg foi precoce: aos 26 anos acabou a carreira. Mais tarde, nos anos 90, tentou voltar mas o corpo já não correspondia à mente. "A minha grande virtude sempre foi a persistência e basta ver a quantidade

de jogos que consegui virar. Quando tens medo de perder nunca te atreves a ganhar", salienta em todas as entrevistas onde ouve a pergunta fetiche: "Qual era o seu segredo?" Ice Man era um autêntico Ice-Borg que tinha batidas cardíacas anormais para um atleta, mas nunca se percebeu se o abandono e sobretudo a fuga do recinto após perder a final do US Open em 1981 foram motivadas por excesso de racionalidade ou emoção. Certo é que o sueco, eleito um dos jogadores mais supersticiosos, esteve 109 semanas como número um antes de começar uma vida nova. Que continuou, entre outros aspectos, com dez minutos comuns – é o tempo que chega a levar para arranjar devidamente o cabelo.

Segundo set - os ex-jogadores

"Todos adoram o sucesso mas odeiam quem tem sucesso", reclama McEnroe. Por ser comentador televisivo dos Grand Slams, o norte-americano não pode dispensar o *blazer* que tenta tirar em todas as janelas de oportunidade. A polémica é um rasto que deixa em todas as declarações, mas não solta bombas como "a Kournikova é virgem? Então eu nunca contestei uma decisão dos árbitros!" Tantas vezes levou na cabeça que o cabelo também já não é muito. E vestígios de bronzeado? Nem vê-lo, ao contrário de Björn Borg. Do outro lado da rede, ou neste caso do pequeno palanque, está um *sex symbol* que sabe envelhecer como o vinho: pele queimada, cabelo grisalho penteado com todo o cuidado, fato apumado como se de um casamento se tratasse. Trinta anos depois, quem são eles?

"Sou um típico sueco, mais calmo, tímido, menos impulsivo que John. Ele gosta de arte, de investir em propriedades, viajar e sair. Eu divido a minha vida: no Verão gosto de barcos, ilhas, desportos aquáticos ou estar com a família. Estou sempre no mar, faço exercício, jogo ténis... No Inverno é diferente, estou dependente das actividades dos miúdos, do futebol à música. Bianca e Kasper (filhos) andam a experimentar mais instrumentos, como guitarra, baixo ou bateria", descreve Borg. McEnroe, que em miúdo só queria ser como o sueco porque "parecia um viking com pinta de estrela de rock dentro e fora de campo" – o que despertava também a coíça feminina – deixou de lado os projectos musicais (aprendeu a tocar com Eddie Van Halen e Eric Clapton, começou a dar concertos com a Johnny Stryth Band, mas após lançar o primeiro álbum parou), desistiu de tentar fazer programas televisivos – ainda entra em alguns filmes e séries, mas a falta de audiências nos *talkshows* foi uma derrota como nunca teve no ténis – e dedicou-se a outras causas: além da John and Patty McEnroe Foundation, que receberá 4% dos lucros da campanha "Björn loves John" para distribuir por instituições de beneficência (haverá ainda um leilão online de dez peças dos antigos jogadores e... uma partida com ambos), tem uma academia de ténis e uma galeria de arte. Mas o que o norte-americano gosta mesmo é de estar na conversa com Borg. "Falamos da família, dos velhos tempos, do mundo. Gosto do seu sentido de humor e também isso faz de nós uma combinação vencedora."

Do jornalista que coloca uma fita na cabeça a outra que faz questão de puxar os boxers para cima porque são da Björn Borg, os dois ex-tenistas têm motivos em força para se dispersarem. McEnroe até pode disparar outro "You cannot be serious" mas os tempos de casamentos falhados, relações conturbadas, alegado uso de comprimidos e drogas ou polémicas por vezes desnecessárias acabaram. Melhor, fazem parte do passado; agora o jogo é outro. E ainda agora está a começar.

Época nova, o mesmo FC Porto

Na quarta tentativa, o FC Porto conseguiu tornar-se a primeira equipa portuguesa a vencer por três vezes consecutivas a Supertaça. Em Aveiro, contra o V. Guimarães, foi o defesa Rolando a vestir a pele de goleador ao marcar os dois golos da vitória portista, por 2-1.

Texto: **Redacção/Agências**

Na estreia oficial como treinador principal do FC Porto, Vítor Pereira conquistou o 70.º título da história dos "azuis e brancos". Um ano depois de Villas-Boas se estreiar como treinador principal na Supertaça, em Aveiro, Vítor Pereira repetiu os passos do antigo "chefe". No entanto, desta vez a pressão era maior: em 2010, Villas-Boas tinha tudo a ganhar – e ganhou – contra o favorito Benfica; no passado domingo, qualquer resultado que não fosse uma vitória do FC Porto seria rotulado como um fiasco do novo técnico.

Apesar das cautelas de Manuel Machado – o treinador reforçou o meio-campo e deixou Edgar no banco – o início foi um *déjà vu* para vimearenenses e portistas. Há cerca de dois meses e meio, na final da Taça de Portugal, James Rodríguez precisou de 118 segundos para colocar o FC Porto na frente do marcador. Agora, em Aveiro, foram poucos mais.

Após um primeiro aviso de Rolando (remate contra Nilsson), a bola sobrou para Moutinho. O médio colocou de calcanhar em Hulk, o brasileiro centrou "de letra" e 184 segundos depois de Pedro Proença apitar para o início da partida Rolando, de cabeça, fez o 1-0. Para o defesa, aliás, a sensação não foi nova: no ano passado, no mesmo estádio e na mesma prova, Rolando marcou contra o Benfica ao fim de 180 segundos.

Com apenas um reforço no "onze" – Falcão ficou no banco

e Kléber foi a novidade –, Vítor Pereira confirmava a aposta na "continuidade" e a resposta era positiva. No entanto, tal como aconteceu no Jamor, o V. Guimarães conseguiu empatar na sequência de um canto. Aos 33', numa altura em que o jogo estava "morno", Fucile falhou o corte no primeiro poste e Toscano desviou de cabeça para o fundo da baliza de Helton.

O jogo, a nível de qualidade, estava a "milhas" da final da Taça de Portugal, e seria outra vez uma bola parada a desempatar: aos 41', Rolando voltou a assumir o protagonismo e, na sequência de um livre, fez o 2-1.

O segundo tempo mostrou um FC Porto cauteloso, preocupado em gerir o resultado, e um V. Guimarães sem argumentos para provocar grandes incómodos a Helton. Sem carregar muito no acelerador, os portistas estiveram sempre mais próximos do 3-1 do que os minhotos do empate. A única grande oportunidade dos vimearenenses nos últimos 45 minutos acabou por surgir de um deslize de Rolando, aos 77', onde acabou por ser Maicon a evitar que Maranhão fizesse o golo da igualdade.

Com uma exibição q.b., mas que mostrou a fiabilidade da última época, o FC Porto conseguiu uma vitória inequívoca apesar das ausências de James e Álvaro Pereira e de Falcão e Guarín apenas terem jogados os últimos minutos.

AC Milão derrota rival Inter e conquista Supertaça da Itália

Texto: **Redacção/Agências**

O campeão italiano AC Milão marcou dois golos em nove minutos do segundo tempo e virou o jogo contra o rival Inter de Milão no passado sábado em Pequim, vencendo por 2 x 1 a final da Supertaça da Itália.

O AC Milão, que pôs fim ao reinado de cinco anos do Inter no campeonato italiano ao erguer a taça em Maio passado, lutou para se recuperar por meio do atacante e ex-Inter Zlatan Ibrahimovic e Kevin-Prince Boateng. O Inter dominou a primeira etapa, quando o meio-campista holandês Wesley Sneijder, alvo de fortes rumores nos *media* pela sua possível ida para o Manchester United ou City, abriu o marcador aos 22 minutos com uma cobrança de falta depois de Gennaro Gattuso escapar de um cartão vermelho.

Contrariando o andamento do jogo, Ibrahimovic igualou de cabeça aos 25 minutos da segunda etapa depois de receber de Clarence Seedorf, e nove minutos depois Boateng conferiu o golo da vitória. "Clássico é sempre clássico. Realmente tivemos dificuldades com a resistência nos primeiros 30 minutos, os jogadores pareciam cansados", disse Massimiliano Allegri, técnico do Milan, em conferência de imprensa. "Mas no segundo tempo acabou por ficar muito

melhor. Não demos mais hipóteses ao Inter, excepto a Wesley Sneijder."

A derrota foi um início de mau agouro para o novo técnico do Inter, Piero Gasperini, que substituiu Leonardo na pré-temporada. "Jogámos muito bem no primeiro tempo", disse Gasperini na tentativa de listar pontos positivos. "Quanto ao boato da saída de Sneijder, iremos conversar sobre isso na semana que vem, após voltarmos à Itália."

A nova temporada da liga italiana começa em 28 de Agosto, quando o AC Milão visitar o Cagliari. O Inter, campeã da Copa da Itália no primeiro semestre após conquistar o tricampeonato na temporada anterior sob o comando de José Mourinho, recebe o Lecce. As partidas estão ameaçadas por uma greve da associação italiana de jogadores devido a um desentendimento de longa data com a liga sobre um contrato colectivo – duas greves foram evitadas por pouco na última temporada.

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

A Hyundai divulgou o primeiro esboço da geração-2012 do i30 antes do Salão Automóvel de Frankfurt, que decorre entre os próximos dias 15 e 25 de Setembro.

Multa radical contra estacionamento em locais proibidos

Um autarca na Lituania adoptou uma estratégia insólita para evitar o estacionamento proibido de automóveis: abalroar os carros mal estacionados com um tanque. A medida deve-se às queixas regulares de cidadãos sobre os "abusos" cometidos pelos condutores de carros desportivos e de alta cilindrada.

Texto: Redação/Agências • Foto: youtube.com



No vídeo, que pode ver no Youtube em <http://youtu.be/xtfySmhDASs>, Arturas Zuokas, presidente da Câmara da capital lituana Vilnius, vai dentro de um tanque blindado e abalroa um Mercedes classe S, estacionado numa via destinada exclusivamente a ciclistas.

O dono do automóvel entra em cena alguns momentos depois e fica chocado com a destruição do seu carro. Zuokas cumprimenta-o e diz-lhe para não voltar a estacionar em ciclovias.

"Queria enviar uma mensagem clara às pessoas com carros luxuosos e caros que não podem estacionar onde quiserem, ignorando os direitos de peões e ciclistas", afirma o autarca de 43 anos.



O vídeo mostra ainda o carro a ser rebocado e o presidente da Câmara a varrer os vidros na rua.

Na verdade, trata-se de uma acção de sensibilização encenada pelas autoridades municipais que visa combater o estacionamento ilegal de proprietários de carros luxuosos, como Ferraris e Rolls Royce, em ciclovias.

"É uma falta de respeito e estas atitudes não serão toleradas. É

claro que temos que ter senso de humor na minha linha de trabalho e pensei que esta seria uma boa forma de chamar a atenção para o facto de a cidade pretender ser pró-activa na luta contra o estacionamento ilegal", acrescenta o autarca.

Na cidade capital de Moçambique, as autoridades têm assistido impavidamente ao estacionamento ilegal um pouco por toda a urbe. Fica aqui uma ideia para o edil de Maputo tentar disciplinar os estacionamentos em locais proibidos.

Um carro sustentável (e inteligente)

A Alemã BMW prepara uma nova família de automóveis eléctricos, feitos de fibra de carbono, que contam com um sistema de navegação que permite mudar a forma como conduziremos nas grandes cidades no futuro.

Texto: Revista INFO • Foto: Revista INFO



Conhecida pelos seus carros desportivos e modelos luxuosos, a montadora alemã BMW está agora mergulhada num novo objectivo: pensar o futuro da mobilidade sobre rodas.

Baptizada de i, essa estratégia envolve o lançamento de uma nova família de carros eléctricos e híbridos, movidos a bateria e mais sustentáveis, além de um novo sistema para mobilidade urbana, que pretende redefinir o papel dos automóveis nas cidades.

Em Março passado, a BMW apresentou os dois primeiros modelos dessa nova iniciativa: o compacto i3, movido a bateria, e o híbrido desportivo i8.

Eles são baseados nos protótipos Megacity, Vision EfficientDynamics e Vision ConnectedDrive. "Serão carros totalmente novos, sustentáveis, com estilo diferente e qualidade premium", disse Ulrich Kanz, director de projecto de mobilidade sustentável da BMW.

"Na família BMW, a letra M é sinónimo de carros de alta performance. Os modelos i terão em comum o desafio permanente da sustentabilidade", afirma Tobias Hahn,

porta-voz da montadora bávara.

Os dois novos modelos serão construídos numa linha de montagem instalada em Leipzig, na Alemanha, e serão complementados por uma nova parceria.

No final de Fevereiro, a montadora anunciou um investimento de 5 milhões de dólares para abrir a My City Way, empresa estabelecida nos Estados Unidos, operada por dois indianos, designadamente Sonprcet Bhatia e Puneet Mehta.

A companhia desenvolveu um aplicativo com mapas e informações sobre tráfego e entretenimento usado em metrópoles como Nova York, Los Angeles, Paris, Londres, Tóquio, Xangai e outras 34 cidades no mundo. Ele fornece informações para plataformas Android e iOS e, futuramente, para BlackBerry.

É útil para encontrar a melhor alternativa para chegar a um destino usando os vários meios de transporte, enquanto o carro fica a recarregar as suas baterias num lugar de estacionamento público. "Essa integração com os smartphones será fundamental", remata Hahn.

Publicidade



Curso de Auditoria Informática

Inscreva-se e obtenha o ser certificado de participação

30-Ago. a 01-Set. de 2011 nos Escritórios da KPMG em Maputo

Data limite para inscrições: **26 de Agosto 2011**

Custo por pessoa: **22.815,00 MT (IVA incluído)**

(10% de Desconto para mais de cinco participantes da mesma Organização)

O Departamento de Auditoria e Consultoria de Tecnologias de Informação da KPMG oferece uma ampla gama de serviços destinados a auxiliar as organizações a melhorar a eficiência e eficácia da sua Governação de Tecnologias de Informação e Sistemas de Controlo Interno, direccionados a todos os auditores informáticos e auditores internos.

O curso, concebido por este departamento, irá abranger as seguintes áreas:

- O papel da Auditoria Informática nas organizações;
- Fundamentos da Auditoria Informática;
- Padrões da Auditoria Informática;
- Responsabilidades do Auditor Informático;
- Execução da Auditoria Informática;
- Ferramentas e Técnicas da Auditoria Informática;
- Análise de Dados (CAATs);
- Teste de Controlos das Aplicações; e
- Comunicação dos Resultados da Auditoria.

O presente curso irá desafiar os participantes a desenvolverem planos e ferramentas de auditoria informática que ajudem a melhorar a governação, a gestão de riscos e os processos envolvendo as TI e os controlos internos automatizados nas suas organizações.

Nota: Todos os participantes deverão trazer um computador portátil

As inscrições deverão ser endereçadas à atenção de: **Sandra Nhachale** pelo endereço:

Edifício Hollard, Rua 1.233, nº. 72C – Maputo, ou:

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358 | Cell: +258 82 317 63 40 | Email:

snhachale@kpmg.com



© 2011 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.

Programação da



CARTAZ
COMENTE POR SMS 821115



Segunda a Sábado 20h35

CORDEL ENCANTADO

Patácio tenta discursar depois do anúncio do rei. Açucena fica enciumada com o fato de Dora ter entrado para o cangaço por causa de Jesuíno. Herculano manda Úrsula costurar sua roupa. Penélope termina sua matéria sobre Brogodó. Augusto vai à casa de Maria Cesária para pedi-la em casamento. Açucena fica arrasada ao saber que Euzébio e Virtuosa não vão com ela para Seráfia. A sertaneja e Jesuíno se encontram na igreja de Miguézim. Florinda e Petrus ficam juntos. Timóteo ameaça Augusto para sair da cadeia, mas Baldini o imobiliza. Batoré convida Helena para um chá. Açucena, Felipe, Augusto e Maria Cesária se preparam para partir para Seráfia. Jesuíno chega para se despedir de Açucena.



Segunda a Sábado 21h35

MORDE & ASSOPRA



Ícaro questiona Akira pelo fato de ter mentido para a polícia. Abner esconde Naomi em seu quarto e Celeste desconfia. Hortência ajuda a despistar Celeste. Xavier chama Elaine/Élcio para ir à delegacia e ela planeja roubar sua foto. Elaine/Élcio tranca Xavier na cela e vai embora com a foto. Abner insinua que ele e Celeste não precisam se casar, mas ela insiste. Naomi se aproxima de Abner. Herculano encontra Xavier trancado na delegacia e avisa Wilson. Wilson descobre que Elaine/Élcio roubou a foto

do foragido e fica intrigado.

Dulce marca o batizado de Amadeu e, em comum acordo com Anecy, convida Janice e Roney para serem os padrinhos.

Dulce fica tonta e Janice se preocupa. Tânia avisa Guilherme que seu pai mandará as passagens para eles irem para o Rio de Janeiro. Marcos segue o conselho de Aquiles e concorda em transferir o prédio do café para Natália. Ícaro leva Akira à delegacia para dar um novo depoimento a Wilson.

de Celeste e fica sabendo que Abner a rejeitou. Celeste diz para Áureo que usará a tiara da mãe em seu casamento. Minerva descobre que Isaías sacou todo o dinheiro das contas no exterior e a deixou sem nada. Wilson apura porque Elaine/Élcio roubou a foto do fugitivo da delegacia.

Xavier sugere que Naomi está escondida na casa de Abner. Irene e Cristiano tentam ficar a sós, mas são atrapalhados pelo pessoal do SPA. Melissa fala com Padre Francisco sobre deixar o hábito. Abner age de forma estranha e Celeste desconfia que ele esteja escondendo uma mulher em casa. Abner pede para Bento esconder Naomi em sua casa quando ele se casar. Naomi diz a Abner que tem um amigo que pode ajudá-la a fugir. Áureo convida Josué para ser seu par como padrinho.

Abner, Hortência, Raquel e Tonica reclamam das roupas que Áureo criou para eles. Xavier convida Elaine/Élcio para acompanhá-lo ao casamento, mas o Doutor Eliseu o enxota. Os convidados chegam à igreja para o casamento de Abner e Celeste. Ícaro procura Júlia antes de ir para a igreja. Celeste pega a tiara do armário de Salomé e Áureo a ajeita em sua cabeça. Ícaro reconhece a tiara usada por Celeste e provoca a maior confusão. Wilson prende Celeste e Salomé.

Akira conta que viu Naomi entregando suas joias para Pimentel. Wilson traz um cão farejador para ajudar nas buscas a Naomi. As denúncias de Minerva estampam todos os jornais e Isaías fica furioso. Padre Francisco conversa com Melissa e pergunta sobre seu relacionamento com Wilson. Surge um clima de sedução entre Cristiano e Irene e eles se agarram. Isaías se aconselha com um advogado e decide tirar a casa de Minerva. Ícaro diz a Júlia que quer falar com ela sobre eles dois.

Ícaro se declara para Júlia, mas ela o repele. Os policiais seguem as pistas de Naomi até a fazenda de Abner. Abner arma um plano para despistar a polícia e proteger Naomi. Isaías avisa Minerva que irá despejá-la. Áureo percebe o desânimo

Segunda a Sábado 22h45

INSENSATO CORAÇÃO



Após o susto de ser preso, Léo (Gabriel Braga Nunes) está de volta às mordomias na mansão de Norma (Gloria Pires). Em um romântico jantar com a viúva, o vilão não perde a oportunidade de se mostrar envolvido, mas Norma não dá mole: "Não se queixa, você só teve uma amostra grátis do que eu passei." Muito esperto, Léo diz que agora só a admira ainda mais e faz uma ameaça: "Uma coisa vai ser difícil de esquecer. O prazer do Pedro (Eriberto Leão) e do meu pai em me ver na prisão. Os absurdos que eu tive que ouvir, os virtuosos satisfeitos, gozando a minha humilhação. Por impaciência, eu nunca mais vou pecar, Norma, te juro. Paciência, não resignação. Vou ter toda a paciência do mundo. Porque a recompensa, no fim de tudo, é o acerto de contas. De todas as contas. Tudo o que aqueles dois estão me devendo há tanto tempo. Na hora certa."

Douglas está cuidando de todos os preparativos do seu casamento com Bibi (Maria Clara Gueiros) e escolheu até quem fará o vestido de noiva: Leila (Bruna Linzmeyer)! A jovem estilista vibrou com a chance de desenhar o modelo para a milionária. Mas Bibi parece estar aprontando alguma para a festa...

No ateliê de moda, Douglas não quer ver nem os esboços do vestido que Leila fez, para não dar azar: "Sei lá! Eu é que não vou arriscar! Já juntei as duas aí, agora vocês que são mulheres que se entendam! Só tem aquele lance, Leila, se liga: a Bibi tem que ficar um estouro!" Ele sai e deixa as duas sozinhas. Bibi aproveita e comenta: "Falando em estouro... Eu tenho umas ideiazinhas para trocar com você."

Publicidade

CARTÃO POSTAL de Miguel Xabindza

Teatro

Quenida

6 de Setembro

19.30H

Convidado: **dua**

Entrada: 200mt

Produtor: **eVerdade**, **TIM**, **KIDSKE**

Patrocinador: **Verdade**, **TIM**, **KIDSKE**

Apresentador: **eVerdade**, **TIM**, **KIDSKE**

Publicidade

ATENÇÃO JOVEM, ESTÁ NA HORA DE VENCERES NA VIDA!

Sob o lema "juventude e auto-emprego", o NAEM- Núcleo Académico Empreendedor de Moçambique organiza, na Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia de Maputo, a II Edição da

Feira Juvenil Empreendedora

de 19 a 20 de Agosto de 2011

Elabora um projecto de auto-emprego e faz a tua inscrição, de 01 de Junho a 12 de Agosto de 2011, e habilita-te a ganhar valiosos prémios como bolsas de estudo, estágios pré-profissionais e até patrocínio para iniciares com o teu próprio negócio.

A sua porta de entrada no mercado de emprego!

Com o Patrocínio e Apoio de:

Para mais informações: 21492635/824178055/846341456/naem.org@gmail.com

Logos of sponsors: DCC, TECHNICAL, JORNAL JUVENIL, Deloitte, eVerdade, NABICO, JAGAZINE, EXECUTIVO, SALA CALEDEIRA, etc.

MULHER

COMENTE POR SMS 821115

O novo código penal preceitua que todos os casos de aborto que forem praticados nas primeiras 12 semanas de gravidez deixam de ser puníveis por lei. Contudo, o mesmo deverá ser efectuado por um médico ou outro profissional da Saúde habilitado para o efeito, ou sob a sua direcção, em estabelecimento de saúde oficial ou oficialmente reconhecido e com o consentimento da mulher grávida.

60 Segundos com Bineta Diop



Disputar com os homens o poder político e económico

Bineta Diop, fundadora e directora da organização não-governamental Femmes Africa Solidarité (Mulheres África Solidariedade), dedica-se à protecção de mulheres em zonas de conflito e à sua integração nos processos de paz.

Texto: Souleymane Faye/IPS • Foto: Lusa

A revista norte-americana Time colocou, em Abril deste ano, Diop entre as cem pessoas mais influentes do mundo e reconheceu a sua participação em várias iniciativas de paz em África. As mulheres devem desafiar os homens para obter o poder político e económico, afirmou em entrevista à IPS.

IPS: Vários governos africanos, americanos e europeus adoptaram um plano de acção para implementar a Declaração Solene Sobre Igualdade de Género em África.

BINETA DIOP: A conferência internacional de Dacar não foi apenas mais uma. A Declaração Solene, adoptada pela União Africana (UA) em 2004, já entrou em vigor em alguns países. Ruanda e África do Sul estão a implementá-la. Porém, se realmente queremos que seja uma realidade, precisamos de um contexto de execução com indicadores que possam ser medidos e um orçamento. A sociedade civil, os governos e a

Organização das Nações Unidas (ONU) devem trabalhar em conjunto num plano de acção que acelere a implantação da declaração. Os especialistas fizeram o seu trabalho, agora é a vez dos políticos. Foi isso que impulsionou o nosso trabalho na conferência de Dacar.

IPS: A luta para conseguir a igualdade de género é monumental. Quais são as prioridades?

BD: Trata-se de garantir que os assuntos femininos sejam considerados em políticas e programas. Não estou certa de que a representação dos homens tenha utilidade, nem que eles possam expressar as necessidades das mulheres. A liderança feminina deve estar reflectida directamente nos mecanismos de tomada de decisão. Para que isto ocorra, as mulheres devem falar dos seus próprios assuntos. Este é o centro da luta pela igualdade de género. A prioridade é atender as mulheres com mais desvantagens e as que são

vítimas da violência em zonas de conflito. Também é preciso ajudar a elevar a voz das que não podem ser ouvidas.

IPS: Acredita que, se as mulheres entrarem em sectores como o militar, surgirão oportunidades para melhorar a prevenção e a resolução de conflitos?

BD: É importante que entrem no exército, é uma forma de garantir o seu papel na segurança e possibilitar soluções para a insegurança e o conflito. Trabalhamos nos desafios que supõem integrar as mulheres à força militar e ajudar os países a desenham planos de acção. Também nos dedicamos a projectos com vista à implantação da Resolução 1325 da ONU, que exorta as mulheres a colocarem-se no coração das estruturas militares, judiciais e políticas para transformá-las.

IPS: Quando se fala de igualdade de género costuma-se insistir na questão da representação feminina. Isto não ofusca as condições de vida das camponesas?

BD: A situação das mulheres da área rural está no centro da luta. É por elas, acima de tudo, que devemos actuar. Devem ter as mesmas ferramentas que os homens, como acesso ao crédito, à terra, aos serviços de saúde e protecção diante do casamento precoce. Este é o trabalho da Femmes Africa Solidarité. Trabalhamos com mulheres em zonas de conflito tentando fazer com que os países melhorem os seus sistemas políticos e económi-

cos. Sem isso não creio que possamos realmente transformar a sociedade.

IPS: Apesar das muitas declarações e protocolos adoptados, a representação feminina na tomada de decisões e a sua situação não continuam a ser fracas?

BD: Se observarmos o progresso que houve entre a adopção da Plataforma de Pequim, em 1995, e agora, veremos os êxitos. Não se pode negar nem dizer que o documento foi ignorado. A Resolução 1325 permitiu às mulheres sentarem-se à mesa de negociações da ONU, dialogar com o Conselho de Segurança em questões fundamentais. Esse documento permitiu que mulheres como eu estejam no fórum mundial, com o secretário-geral, Ban Ki-moon, e falemos sobre paz e segurança. Juntamente com Mary Robinson, ex-presidente irlandesa, fazemos pressão no Conselho de Segurança. Claro, ainda há muito a ser feito. Concordo que as mulheres do campo continuam a sofrer apesar do duro trabalho feito para que mais de metade do parlamento de Ruanda fosse ocupado por mulheres. O avanço é muito lento. No entanto, as mulheres não esperam de braços cruzados, ainda que o poder económico e político esteja nas mãos dos homens. É, precisamente, nesse campo que se deve lutar. E não o fazemos pegando em armas. Desafiámos os homens a compartilharem o bolo, o poder económico e político.

A ntyiso wa wansati

* A verdade da Mulher



Texto: Margarida Rebelo Pinto
averdademz@gmail.com

O que eu queria

Tu chegas a casa, dizes-me

então tudo bem

olhas-me à transparência como se eu fosse um holograma, os miúdos saltam-te ao pescoço

pai pai

tu dás-lhes dez segundos de atenção, apenas o tempo de um abraço de rotina e de um sorriso de circunstância e depois dizes vão brincar meus queridos

e sentas-te na sala de comando na mão a viajar pela tv cabo e eu sinto que não existo. Ou então, fecha-te no escritório com uma garrafa de Jameson e um copo facetado junto ao computador e passas o serão na Internet a

pesquisar

pelo menos é o que tu dizes, e quando chegas à cama eu tenho a impressão de que tu preferias que eu já estivesse a dormir, mas se calhar é só uma impressão, se calhar sou eu a cismar, não lighes, que isto passa.

Mas esses não são os dias piores. Os dias piores são os que te trazem às duas da manhã, resgatado por milagre de uma reunião que se prolongou num jantar, e quando entras em casa eu sinto o cheiro de um perfume intenso e ordinário misturado com o bafo do álcool, as pernas transportam-te sem convicção e apetece-me desenhar uma linha recta no corredor e fazer contigo uma aposta:

consegues percorrer a linha sem desviar os pés?

porque sei que ia ganhar a aposta, e se apostasse que andaste num bar de *streppers* ou que levaste a jantar fora uma ou duas lambisgóias:

como é que te chamas? Liliana? Que nome tão original.

E eu imagino-te com uma ou duas Lilianas num restaurante de *fondue*, vocês nunca comeram *fondue*? Então eu vou-vos mostrar uma coisa nova, vou-vos mostrar muitas coisas.

E elas, que nunca aprenderam francês, não conseguem pronunciar a palavra *foudue*, dizem *fondue* e tu emendas

não é fondue, o u diz-se iu

E elas vão repetindo

fondiu, fondiu, fondiu

e depois riem-se muito e enchem o peito de ar para o segundo botão da camisa de cetim fingir que vai rebentar e ficam a olhar para ti, mas tu não as vês porque te fixaste no comportamento instável do segundo botão, queres que ele salte com a pujança dos peitos delas, qual rolha em garrafa de espumante, e o que eu queria, meu amor, era que te apaixonasses outra vez por mim e que reparasses no quadro novo que comprei para a sala e desses só mais um bocado de atenção aos miúdos, para que eu não me sentisse um holograma e não tivesse que tomar todas as noites um Xanax para esquecer a tua ausência permanente e crónica mesmo nos dias em que chegas mais cedo e anestesiar os sentidos e o coração do cheiro a Lilianas e a whisky irlandês.

O Estudo “Quociente de Inteligência (QI) e Uso de Navegadores”, desenvolvido pela companhia canadiana AptiQuant, indica que usuários do Internet Explorer possuem uma capacidade de raciocínio menor do que aqueles que usam softwares concorrentes. O teste teve como base 101.326 pessoas com idade acima de 16 anos, que foram divididas conforme o programa que utilizavam.

O ponto G

O Google lançou uma nova rede social que está a ter um crescimento explosivo. Mas isto não significa que seja uma ameaça directa ao líder Facebook. Ainda assim, o Google Plus pode mesmo ter tocado num ponto que não estava a ser explorado.

Texto: Revista Pública • Foto: Lusa

Há muito tempo que o Google andava à procura disto. Pela primeira vez, e após três tentativas falhadas, a multinacional americana parece ter dado um passo firme no campo das redes sociais. A 28 de Junho lançou o Google+ (também chamado Google Plus ou simplesmente G+). O site permite comunicar com grupos de amigos e conhecidos, partilhar fotografias, links e pensamentos, comentar o que os outros publicam e ter um perfil com dados pessoais. Em muitos aspectos, é semelhante ao Facebook.

Com 750 milhões de utilizadores de praticamente todas as idades, não é fácil estabelecer um perfil do utilizador do Facebook.

Mas quem frequenta o site sabe com o que pode contar: fotos de amigos na praia, fotos de amigos na esplanada, fotos de amigos a jantar, fotos de amigos na discoteca, fotos dos gatos dos amigos, partilha de música e de vídeos do YouTube, pensamentos e desabafos, frequentemente de índole pessoal, pontuados por smiles, coraçõezinhos e LOLs.

O Google+, porém, parece povoado por uma tribo diferente: o tipo de pessoas que é rápida a adoptar a tecnologia, que usa os novos media, que procura uma audiência e a autopromoção; o tipo de pessoa que também povoa o Twitter.

“Frequentemente, uma rede social assume rapidamente um carácter particular – uma cultura, como gostamos hoje de dizer – baseada nas pessoas que povoam os núcleos iniciais e na forma como estas usam o serviço”, analisa no seu blogue Nicholas Carr, autor de vários livros sobre a Internet (entre os quais está o Google a tornar-nos estúpidos?).

“O Facebook esteve sempre inclinado para a conversação”, prossegue Carr. “O Twitter começou com uma tendência para a conversa-

ção, mas rapidamente mudou para a publicação (...).

O Google+ inclina-se muito para o lado da publicação. Os primeiros membros parecem ser dominados pelo que poderíamos chamar o eixo dos novos media” – são os bloggers, os jornalistas, os profissionais e os entusiastas das tecnologias de informação.

No Google+, não há muita gente a comentar inícios e fins de namoros. A sensação é mais a de um regresso aos tempos da blogosfera, mas aqui temperada com a partilha rápida a que o Twitter e outros serviços mais recentes nos habituaram. O site permite formatação de texto (como negritos e itálicos), uma ferramenta bem-vinda para quem quer escrever posts. E é muito mais fácil escrever no Google+ do que lançar um blogue: a audiência já lá está, pronta a receber e a partilhar o conteúdo. Alguns dos “partilhadores” frenéticos do Twitter também aderiram – e agora com a vantagem de não estarem limitados a 140 caracteres.

“O apelo do Google+ para a multidão dos novos media tem sido o segredo do sucesso inicial”, considera Nicholas Carr. Mas avisa: “O problema para o Google, presumindo que quer tornar o G+ numa rede social de massas em vez de numa de nicho, é que esta cultura é simultaneamente forte e estreita. Atrai um determinado tipo de utilizadores, mas afasta praticamente todos os outros”

Descubra as diferenças

Na rede social da Google, algumas funcionalidades foram inegavelmente copiadas do Facebook. O Google+ inclui até um botão como o “Gosto” do Facebook. Neste caso, é o botão “+1”.

Quem for utilizador do Facebook vai sentir-se imediatamente familiarizado com boa parte do Google+. No topo do site, há uma caixa onde é possível partilhar

um texto, link, fotografia ou vídeo. Em baixo, correm os conteúdos publicados pelas pessoas que escolhemos seguir.

Podemos colocar uma fotografia de perfil no canto superior esquerdo. Do lado direito, há sugestões de pessoas para adicionarmos aos contactos. Mas há diferenças que tornam a utilização deste Google+ radicalmente diferente da do Facebook. Uma delas é a ausência de reciprocidade.

No Facebook, para poder aceder ao que uma pessoa publica, é preciso que esta nos aceite como “amigo”. No Google+ (tal como também acontece no Twitter) as relações são assimétricas: é possível seguir o que uma pessoa publica sem que esta nos siga a nós.

Na verdade, quem quiser pode seguir no Google+ os fundadores do Google, Larry Page e Sergey Brin, ou mesmo o criador do Facebook, Mark Zuckerberg – mas nada obriga a que qualquer um deles esteja interessado no que um cibernauta anónimo em Moçambique tem para dizer ou mostrar.

Outra das funcionalidades muito apregoadas no Google+ é a que diz respeito aos círculos, concebidos para agrupar os contactos. Por



exemplo, pode ter um círculo para os colegas de trabalho, outro para a família, outro para amigos do tempo da faculdade – e um contacto pode estar em mais do que um círculo.

Cada conteúdo publicado



pode ser público ou partilhado com um ou mais destes círculos. Isto dá ao utilizador um grande controlo sobre quem vê o quê.

O Facebook, aliás, permite fazer praticamente o mesmo, graças às listas de “amigos”. A diferença é que criar estas listas é um processo relativamente complexo, que implica mergulhar nas definições da conta.

O Google fez questão de tornar os círculos o mais simples possível e de pôr a ferramenta bem à vista do utilizador – e parece estar a colher os frutos disso.

Crescimento rápido

Com o poder do Google a empurrá-lo, o Google+ está a ter um crescimento explosivo. Pouco menos de um mês após o lançamento, tinha atingido os 25 milhões de utilizadores, segundo uma

estimativa da firma de análise Comscore.

O Facebook demorou três anos a atingir este patamar, embora a rede de Zuckerberg tenha tido uma estratégia de crescimento muito controlado: inicialmente era destinada apenas a estudantes universitários americanos e foi-se sucessivamente alargando até aos 750 milhões de utilizadores que tem hoje.

Já o Twitter precisou de 33 meses para chegar a este número. Noutros tempos, o agora moribundo MySpace chegou aos 25 milhões em 22 meses.

Ainda segundo a Comscore, os EUA são o país com mais utilizadores: 6,4 milhões de pessoas. Seguem-se a Índia (3,6 milhões), o Canadá e o Reino Unido (ambos a rondar o milhão) e a Alemanha (pouco mais de 900 mil). Os números mostram também que há dois homens para cada mulher e que a maior fatia dos utilizadores (60 por cento) tem entre 18 e 34 anos.

De acordo com a Comscore, o Google+ está a ter um crescimento de um milhão de utilizadores por dia. E isto não contabiliza aqueles que eventualmente estejam a usar o serviço indirectamen-

te, através da barra que surge no topo de outros serviços do Google (como o Gmail e o motor de busca) e que integra agora um botão de partilha.

É claro que o lançamento de uma rede social com a marca Google enche páginas na imprensa e consegue atrair uma multidão de curiosos – mas isto não quer dizer que, depois de criarem a conta e terem experimentado, todos continuem a usá-la.

“Não o vejo a tirar uma fatia significativa ao Facebook nos próximos 18 meses”, afirmou recentemente, num painel de discussão dedicado ao tema, Steve Rubel, um dos vice-presidentes da multinacional de comunicação Edelman e reputado blogger.

Mas acrescentou de seguida que “o que temos visto ao longo dos anos é que não houve nenhuma rede social ou comunidade que tivesse uma resistência significativa”.

Depois da ascensão do Facebook e da queda abrupta do MySpace, o aparecimento do Google+ trouxe de novo o debate em torno da guerra das redes sociais. Contudo, pelo menos por ora, a rede do Google parece ser um mundo completamente diferente do rival.

Depois de apoiarem o caos, redes sociais usadas para limpar Londres

“Quase todas as pessoas que estão a sair do comboio em Clapham Junction levam uma vassoura”. “Estou a apanhar boleia para ser parte de uma equipa de limpeza dos motins!” – as frases, de dois utilizadores do Twitter, foram replicadas pela conta @Riotcleanup, onde se têm aglomerado a grande ritmo informações sobre os motins e sobre formas de ajudar a pôr alguma ordem no caos.

Texto: Redacção/Agências

Depois do Facebook, do Twitter e – especialmente – do sistema de mensagens gratuitas dos telemóveis BlackBerry ter encorajado as pessoas a sair à rua, destruir carros e pilhar lojas, as mesmas ferramentas estão a ser usadas por cidadãos num esforço de retorno à normalidade. O tom das muitas mensagens que circulam na Internet oscila entre o apelo à acção e a indignação pela violência dos distúrbios.

Para além de ajudarem a calendarizar as acções de limpeza, os autores do @Riotcleanup contactam a polícia para avisar os voluntários sobre quais as zonas onde é seguro andar na rua. Associado a esta conta do Twitter, o site Riotcleanup.

co.uk oferece um mapa com as várias acções de limpeza – esta tarde, a página mostrava 13 acções em curso. Noutro site, qualquer pessoa pode introduzir um local que precise de ser limpo e votar naqueles onde a acção é mais urgente.

“Estive acordado até às três da manhã (de terça-feira) a olhar para o Twitter, abismado com o que se estava a passar no meu país”, explica por e-mail o autor do site, Patrick Socha, um adolescente que mora em Londres.

“Quando acordei no dia seguinte, vi a hashtag (expressão no Twitter que junta mensagens sobre um mesmo assunto) #riotcleanup e vi que havia

um enorme apoio a esta ideia, tanto de pessoas de Londres, como do resto do país”, diz Socha. O site surgiu porque muitas pessoas estavam a disponibilizar-se no Twitter para ajudar, mas essas mensagens acabavam por perder-se na torrente. Nas primeiras três horas, o site foi visitado por 7500 pessoas. O jovem inglês diz estar a assistir-se na Web a uma grande onda contra os motins. “Sei que os participantes nos motins têm grupos no Facebook mas, pelo que vejo, muita gente está a denunciar essas páginas, tanto ao Facebook, como às autoridades”.

Já o site Catch a Looter (que pode ser traduzido

por “apanha um assaltante”) publica fotografias de pessoas que estão a assaltar lojas ou a participar em actos violentos. A ideia é ajudar a reconhecer os eventuais criminosos e a página apela aos visitantes para que contactem a polícia caso identifiquem alguém. Alguns jornais estão a ter iniciativas semelhantes – o Daily Mail, por exemplo, criou uma página online na qual também coloca fotografias de assaltantes. O jornal descreve a página como “a galeria de imagens dos fotógrafos que foram suficientemente corajosos para se colocarem no meio do caos e ajudar a trazer os criminosos à justiça”.

É lançado esta sexta-feira, na cidade de Inhambane, o livro de crónicas, intitulado “Bitonga Blues”, da autoria do jornalista e escritor Alexandre Chaúque. A obra, com 103 páginas, comporta vinte e duas crónicas seleccionadas de um conjunto de textos publicados no jornal @Verdade, onde assinava uma coluna com o mesmo nome.



De pintora a poetisa!

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Bxxx

Cansada de pintar, a artista plástica moçambicana, Lica Sebastião, decidiu desnudar-se para os apreciadores da sua arte. Desta vez, de forma incisiva, desvelada e, por vezes onírica, a pintora revela o que há no âmago das suas entranhas: “os sentimentos de mulher”.

Num evento – com uma concorrência pública à dimensão da autora – o Espaço Joaquim Chissano do BCI – Fomento, em Maputo, abrigou recentemente a publicação da obra “Poemas Sem Véu”. Sob a chancela da Alcance Editores, o livro assinala

a estreia da Lica Sebastião, na literatura moçambicana, e conta com o prefácio do conceituado escritor moçambicano, Francisco Noa.

Com um mote original, “Poemas sem Véu”, a obra sugere o encontro e a descoberta de algo descortina-

do. Tratado e retratado e expostos sem enigmas, tão pouco tabus.

Neste íterim, fazendo jus à sua mundi-visão sobre a realidade (que a circunda), a criadora expele na obra vários temas: amores, desamores, a mulher, a humanidade.

E, como tal, emite inúmeras mensagens sem, no entanto, perder-se do objectivo central: “exteriorizar os seus estados de espírito”.

Por isso, Lica Sebastião conta que “são poemas que revelam verdades sem disfarces, nem subterfúgios.

continua Pag. 29 ➔



Ruínas arruinadas!

Depois de 540 dias de trabalho intenso. Perto de dez mil “ruínas arruinadas”, eis que finalmente, o artista plástico moçambicano Butcheca, terminou a reconstrução das “Ruínas do Passado”. No entanto, apesar de presentemente ter de se recuperar das conotações de demente de que foi vítima, só a beleza das suas obras pode revelar a grandeza do criador!

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Axxxx

continua Pag. 28 ➔



Pandza



Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br

Nkenhu

Há dias e dias. Uns menos maus que os outros. Há dias em que me sinto um cão. Há cães e cães. Eu sinto-me um daqueles cães reles, magros, sem estética, sem raça, de rabo encolhido entre as patas, olhar covarde, a ganir mais do que ladra, e a viver acorrentado no fundo inglório dum quintal. Um nkenhu.

Dói sentir-me cão, sem sequer conseguir ladrar. Estas crises ocorrem-me diariamente, mas agravam-se nos dias em que recebo o salário.

Antes de receber sinto-me ansioso, como se não soubesse que em folha de salários não há surpresas, para além dos cortes inesperados e dos impostos agravados. Quando olho para os números, vem-me um enjoo moral, um desânimo que aos poucos me afoga num remorso inexplicável, como se eu fosse responsável por todos os males que ocorrem, a mim, à minha família, aos que me rodeiam, ao mundo.

Dei por mim a salivar, de boca aberta, arfando como um autêntico cão. A língua, comprida de polir os calçados dos chefes, pendurada para fora, e a força da gravata a acorrentar-me à secretária, submisso e fiel. Tinha a folha do salário na mão, era aquela hora em que o sol pára de amolecer os relógios e começa a despedir-se. O burburinho da hora de ponta trepava até ao piso da minha repartição. Nem mesmo aquele impulso de energia que ocorre nos funcionários à hora de saída me conseguia animar. Engavetei a língua na boca e a papelada nas pastas. Levantei-me com ansiedade desistida de um nkenhu, ombros descaídos, sem pressa nos movimentos.

O meu corpo movia-me com gestos mecânicos, como se eu funcionasse em piloto automático. Sabe de cor todos os meus movimentos e destinos. Eu sou um fulano previsível, tal é a rotina dos meus dias. A rotina é um lugar onde me acomodo porque me transmite segurança. Os mesmos actos, mesmos itinerários, mesma vida, dá-me a ilusão de que tudo vai ter o mesmo desfecho, que um dia vai ser tal como o outro. É uma quase garantia de que as coisas, mesmo não melhorando, não vão piorar, vão ficar como estão. Para quem vive na pior, se as coisas não pioram já estão muito bem.

Certifiquei-me de que o chão estava firme sobre os meus pés e que o céu, pendurado sobre as nossas cabeças, ainda era aquela construção segura. Levantei-me e desci, no meio da avalanche de colegas, as escadas mofadas da repartição, dobrei as esquinas labirínticas da cidade circulando pelas sombras, como um nkenhu. Não parei na primeira lata de lixo que encontrei, mas parei na primeira barraca.

Aos poucos, a minha cumplicidade com os copos foi remediando o meu ânimo. Aquela timidez de vira-latas aos poucos transmutou-se para latidos ferozes de um falador que debatia com autoridade de tudo um pouco. Falava de política e dos políticos, do futebol e da bola, da sociedade e do mundo, e tinha opinião sábia para tudo.

Mergulhei na solidão da noite, fui revirando as barracas da cidade e focinhando o cio na traseira das cadelas que se vendiam à beira da estrada. Com o álcool, o vira-latas que sou sentia-se um lobo, na selva enlurada e deserta, soltando aquele longo e imponente uivo.

Quando cheguei a casa endireitei o cambalear para preservar o que restava da pose de chefe de família. A minha mulher, ao ver-me bêbado, fez aquela carranca de descontente que as esposas fazem. Ela não entende que o meu mal é crónico e que beber é-me o único remédio. Melhorou o humor quando lhe entreguei o cheque do salário. Preparou-me a refeição, a meu gosto, azeda e picante. Sujei o prato fingindo que comia para não fazer desfeita. Mais tarde, na cama, falando na linguagem dos seminários sobre empoderamento da mulher, exigiu que cumprisse com o débito conjugal. Rebusquei forças, espremendo o que me restava de virilidade e fi-lo formalmente. Depois do acto, desfalecemos naquele cansaço pós-amor. Separámos os corpos sem juventude, distanciados pela vida rotineira. Adormecemos de costas um para o outro, presos pelo destino, como dois cães que, depois de fazerem, se querem desfazer um do outro mas não conseguem porque estão presos pelos sexos.

A prática de actividades culturais como canto e dança por grupos ou associações das mulheres da Ilha de Moçambique, na província de Nampula, está a contribuir para o combate ao analfabetismo no seio desta camada. Para o efeito, instituições governamentais e não-governamentais concedem bolsas de estudo de modo que elas tenham, no mínimo, o grau de instrução básica.

“Sou o rei do Rock moçambicano!”

Rui Michel é um dos poucos – senão o único – jovens artistas que nos faz mudar a nossa percepção sobre a música. Há quase dez anos de militância pela cultura Rock, conhece perfeitamente os temperamentos da fama. Até porque, ao longo da sua carreira, já experimentou “o pão que o diabo amassou”. Mas depois veio a bonança, uma espécie de consolo: em 2010, foi agraciado com os prémios “Artista mais Popular” e “Melhor Artista Rock Nacional”.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Axxxx

A menos de um ano de publicar o seu primeiro trabalho discográfico – o que acontecerá em 2012 –, Rui Michel predispõe-se a apoiar todos os discípulos do Rock. Fá-lo, incondicionalmente, até porque não lhe faltam pretextos. “Não posso dar um mau exemplo”. Afinal, “depois dos Rockfeller assumo a paternidade do Rock. Sou o rei do Rock moçambicano”, diz.

Em finais da década de ‘90, à guisa de divertimento, o “puto dos cabelos loiros” fundara os “Raros e Únicos”, uma banda musical por meio da qual, na companhia da tribo Mondlane –Orlique Fernando (guitarra), Soares (teclado) e Miranda (bateria) – deu os primeiros passos do que seria mais tarde um eterno vício: “tocar e cantar Rock”.

“Começámos a fazer concertos ao vivo. Na altura, fazíamos um Rock suave. Ao passo que a maioria das bandas de Rock moçambicanos tocava um género muito agressivo. Por isso, éramos muito contestados”.

Algun tempo depois, por diversos motivos, o grupo desfez-se. Em 2003, após a morte da sua mãe (Olga Maria Faustino), Rui Michel sentiu-se solitário. “Consolei-me com a música”, conta o artista remetendo-nos aos germes da eclosão dos Unlocked Mind, o seu segundo grupo musical que, além de si e Orlique Fernando Mondlane, o mais velho entre os irmãos, mesclou outrosazedores do “Heavy Metal” e “Hard Rock”

“Tivemos de aprender este tipo de Rock. Introduzimo-nos nos palcos, para demonstrar (entre os grupos) que tínhamos sabedoria para tocar qualquer estilo de Rock”, conta.

E mais: “E provámos, por via disso, que tocávamos o Rock suave não só por incompetência mas, acima de tudo, por gosto. Nesta época, com a excepção dos Rockfeller, os Unlocked Mind eram a maior banda Rock no país”.

Infelizmente, “em Moçambique, por mais que o artista seja oriundo de uma nobre família, nunca é fácil viver da música. A marginalização começa no lar. Vivemos numa sociedade cheia de conflitos”, lamenta. Como tal, e porque a música é algo que precisa de muito fervor, ao longo do tempo, alguns integrantes da banda começaram a dispersar. Estava “decretada” a crise generalizada dos Unlocked Mind.

O Fama Show frustrou-me

O autor do sucesso “I’m sorry” conta que muito antes de, em 2005, intérpretes como Nelson Nhachungue (AceNells) e Inês Pereira participarem do Fama Show – programa de descoberta e divulgação de talentos na música – já interagiam sobre a música na escola. Uma das pessoas que fazia parte do grupo é o músico moçambicano Baka que mais tarde se tornou produtor de Michel.

Inclusive, o nosso interlocutor militava na área há muitos anos em relação aos dois primeiros. Sucede, porém, que estes ganharam espaço e aceitação na arte de cantar. Então, “descobri que algo estava errado em mim”, comenta.

Foi por essa razão que (em 2006) “decidi entrar no projecto Fama Show – que me foi um grande impulso – apesar de não ter ficado muito tempo. Penso que, do jeito que acreditei e como as coisas aconteceram, o Fama Show não me foi benévolo, em termos de longevidade. Isso frustrou-me porque eu tinha qualidades para permanecer na academia. Precisava muito de aprender e estava a gostar dos ensinamentos”.



De qualquer modo, “penso que aprendi muito. Aprender era um sonho, uma necessidade. Por isso, penso que não se devia sair do Fama Show”.

Porque nem todos os males vêm por infortúnio, logo depois de abandonar o reality show ingressou nas fileiras da Top Lable a convite de Paulo Manhique, o mentor da iniciativa. De seguida, conheceu a Zema, o manager da Gabriela, com quem criou a música “brokenheart”, um verdadeiro e eterno conto de fadas, laureado como “Melhor Rock” nos

Mozambique Music Awards –2010.

De frustrante ao antídoto

Além do Rock, Óperas e música clássica, antes de ingressar ao Fama Show Rui Michel não escutava outros géneros musicais. Tinha uma espécie de fobia. Inclusive para a música tradicional moçambicana. “Recusava-me a escutar. Era egoísta em relação à música”.

No entanto, já na academia, onde residia uma diversidade de artistas e estilos musicais, e sobretudo devido à interacção existente e a necessidade de troca de experiência com os colegas, reeducou o seu ouvido. Ou seja, “aprendi a ouvir a música moçambicana. De modo que agora sou uma pessoa muito aberta”. É caso para afirmar que da frustração criou-se um antídoto.

Desorientado, premiado e vaiado!

Não restam dúvidas de que o jovem músico conhece as idiosincrasias da luta pela fama, bem como pela estabilidade nela.

Paralelamente às insígnias do MMA, Rui Michel conta que recebeu de algumas personalidades que constituíam a plateia, uma série de vaias. “Foi por essa razão que eu disse a todo o mundo, perante a televisão, quenão sou nada. Sou muito pequeno para receber estes prémios – porque fui vaiado. Penso que queriam que tivesse ganho um outro artista com grande poder financeiro. Só os tais artistas já são populares. E o público – querendo elevar um outro artista – escolheu o Rui Michel”.

Ora, “isso é muito mau porque mesmo eu não esperava ganhar os prémios e tão-pouco o público. Então, que batam palmas. Que finjam! Mas não conseguiram fingir. Vi algumas figuras importantes, com longos anos de carreira na televisão a apupar-me. Não vou dizer que perdi o respeito, mas deixei de admirá-las. Já não me encantam mais”.

É por essas razões que o “Puto Rock” lamenta que os prémios do MMA só lhe tenham valido lágrimas. Muitas lágrimas!

Além do prémio de “Melhor Artista de Rock”, “ganhei logo a seguir o de ‘Artista mais Popu-

lar’ do país. Mas alguns artistas não tiveram a abertura de reconhecer que eu tinha mérito porque trabalho, tenho talento e personalidade e por isso mereci. Não! Muito pelo contrário, contestaram dizendo que é porque estava a concorrer sozinho, entre outras vaias”.

Como tal, “eu gostaria de concorrer este ano e pedir ao público que me elevasse. Porque só o público pode fazer isso. Recordo-me de que concorri com artistas muito populares e se ganhei foi devido ao voto popular”.



Prémios do MMA são ociosos

Questionámos o músico sobre o que significava para a vida (carreira) artísticos dos congradulados pelos Prémios dos Mozambique Music Awards, ao que respondeu:

“Penso que o MMA não se pode equiparar a nenhum outro tipo de prémios. Primeiro, porque nos outros certames musicais os laureados têm tido um cachet, uma gratificação – o que no MMA não existe. Estamos muito atrasados em relação a isso”. Por isso, “penso que mesmo que não se desse algum valor monetário aos premiados, a organização devia (pelo menos) financiar a gravação de um trabalho discográfico do cantor. Sobre tudo porque este programa possui um sponsor”.

Logo, o patrocinador devia responsabilizar-se em catapultar, de certa forma, a carreira do artista, através por exemplo, de shows, viagens para workshops no exterior. Afinal, “o artista ganhou algo – o que faz com que tenha que haver alguma diferença em relação aos outros. Na verdade, nós, os artistas não estamos a pedir dinheiro, mas que a máquina da indústria musical funcione”, realça.

É este o conjunto de argumentos que fazer com que, cá entre nós, os prémios do MMA não ultrapassem o valor simbólico. Ou seja, são ociosos!

Punir o cowboy

“Fiquei deprimido. Passei três dias sem sair de casa. Sem tomar banho. Sem me alimentar direito. Até que alguns amigos e fãs vieram consolar-me, convidando-me para sair”, conta o artista em alusão aos actos de exposição da sua vida privada perpetrados pelo animador do programa Atracções, Alfredo

Jossias, veiculados na Televisão Miramar.

Além da depressão, Michel salienta que o susto foi grande porque “nunca se sabe como é que as pessoas reagem a estas coisas”. Mas, “recebi muitas vaias à parte e também muito apoio por parte dos que queriam que eu continuasse”.

De uma ou de outra forma, “penso que as pessoas que não queriam que eu continuasse (na música) naquela altura aproveitaram-se da situação”. Felizmente, “descobriram que também sou um ser humano e não um boneco. Perceberam que, para mim, cantar é um sonho, uma profissão, um dom, algo que Deus me deu!”

De uma ou de outra forma, Rui Michel sente-se feliz com a carreira que persegue. Sobre tudo, porque não acreditava que muita coisa boa podia suceder em tão curto tempo.

“Sentia-me muito marginalizado devido à figura que eu levo – e que seria difícil para que as pessoas me aceitassem como sou – massou um artista negro africano, um cowboy. É preciso frisar isso. E é preciso agradecer às pessoas que me têm apoiado”, afirma finalizando.

Rui Michel Faustino Chissano nasceu em Maputo, a 13 de Maio de 1982. Fundou e dirigiu ao longo da carreira as bandas “Raros e Únicos” (mais colegial) e Unlocked Mind. Presentemente a lidera os “The Answer” desde o ano passado.

Para além de si, o agrupamento que se propõe como meta hastear a cultura Rock nacional respondendo à demanda do estilo por meio de composições profundas, integra mais cinco elementos, nomeadamente Magaia (bateria), Pipas (teclado), Tonhão (guitarra rítmica), Wilson Chambruca (guitarra solo) e Tozé no baixo.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação →

Ruínas arruinadas!



Moisés Ernesto, ou simplesmente Butcheca, é um artista moçambicano muito familiar não somente aos apreciadores nacionais de artes plásticas, como também do exterior.

Depois de ter exibido em 2010, a mostra “Chauffeur – o motorista do Butcheca”, eis que muito recentemente regressou para mais uma exposição individual. Desta vez, para resgatar e reconstruir os desperdícios do passado. É com esta espiritualidade que o criador decidiu reaparecer com as “Ruínas do Passado”.

Composta por obras telúricas, artesanais e de construção de parede (entre outras tridimensionais) em “Ruínas do Passado” o artista não somente se propôs a emprestar cor e vida – através do seu saber artístico – às paredes da galeria do Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, mas, acima de tudo, abrilhantar a vista dos apreciadores da arte contemporânea. E é isso que as suas obras fazem continuamente. Ou pelo menos até ao dia 20 de Agosto, altura em que a mostra encerra.

À margem da exposição, @Verdade manteve uma conversa com Butcheca, esta personagem que milita na arte há um bom par de anos a fim de trazer, em linhas gerais, a história da reconstrução das “Ruínas do Passado”, desde quando as obras não passavam de mera ideia.

Segundo o artista, a iniciativa da criação das 19 obras que actualmente constituem as Ruínas foi concebida em 2010. Na altura, e no contexto da exiguidade (ou carestia) de materiais para a produção da arte com que alguns artistas se debatem no país, Butcheca aproveitou-se do pavimento da galeria do Núcleo de Arte – feito de madeira (então, arruinada pelo tempo) – que estava a ser trocado. Mas isso (só) não bastou.

Como Butcheca é um

Casimiro Nhussi, radicado no Canadá e ex-bailarino da Companhia Nacional de Canto e Dança (CNCD), estará em Moçambique para apresentar o seu primeiro disco intitulado “Makonde” onde explora diversos ritmos tradicionais do planalto dos makondes misturando-os com sons modernos para criar um som único catalogado como “música do mundo”.

-se da importância do trabalho, começaram a ajudar-me. Tive de fazer um acordo com alguns revendedores de cartões de crédito de telemóvel para que enquanto faziam o seu negócio, recolhessem as caricas, de maneira que seriam pagos pelo trabalho”.

Conotado com a demência

Ora, “antes de contratar alguns apoiantes, eu, pessoalmente fiz o trabalho – o que me valeu o rótulo de demente, por parte de determinadas pessoas. Não desisti”. Da tenacidade expressa não somente surgiu a obra “malabarista”, como também se criou a “chibalacatsi” – uma figura feminina que nos recorda a imagem de Jesus Cristo crucificado.

Na verdade “chibalacatsi” que

tudo, representa a projecção do passado para o presente.

Com alguns rastros de cristianismo, a mostra é uma metáfora da máxima Bíblica segundo a qual os homens “terão de forjar das suas espadas relhas de arado, e das suas lanças podadeiras”.

No exposto, o autor conta que paralelamente ao projecto da transformação das armas em enxadas (que vigora nas artes plásticas) – concebido no período pós-guerra civil dos 16 anos – desenvolve a iniciativa do reaproveitamento (reciclagem) do lixo que nós, a sociedade, produzimos. E fundamenta: “se o homem não recolher o lixo que produz quem o pode fazer (e o tem feito geralmente) são os ratos. É por isso que urge transformar o desperdício de passado em algo útil”.

um paralelo à tela “vendedeiras” exposta em mostras anteriores que metaforiza cabalmente o dia-a-dia da maioria dos moçambicanos em batalhas de sobrevivência.

Em relação ao tópico, o artista que diz admirar as pessoas que contornam os caminhos ínvios da criminalidade para – mesmo nos trabalhos mais humildes – garantir o seu auto-sustento afirma: “O quadro ‘vendedeiras de amendoim’ expressa a realidade do quotidiano da nossa sociedade, em que temos inúmeras pessoas que garantem a sua sobrevivência na base de negócios desta natureza.

É claro que fazem-no em lugares impróprios, porque é de lá onde contraíam inúmeras doenças devido ao estado sanitário local. De qualquer modo, fico feliz com estas pessoas,

É por essa razão que acabamos por desaguar no tema da liberdade. Neste campo, o artista sente-se pouco cómodo. Senão leiamos: “vivendo o mundo das artes plásticas tenho procurado encontrar alguma liberdade. Mas ela ainda não é total. Nós, os artistas temos que ter a liberdade de nos expressarmos sobre os aspectos sociais, reais, não correctos para podermos educar e construir a sociedade”. Afinal, “o artista é um educador, um professor para a sociedade”.

Arte contemporânea

No cômputo geral, as artes visuais têm registado um desenvolvimento assinalável no país. Mas mesmo assim, Butcheca insiste que “apesar de ser algo simples e do nosso quotidiano, ainda é difícil



equivale a fiska – em português – resulta da combinação de pouco mais de 1000 latas de refrigerantes recicladas. A prefigurar uma fiska de borracha, ainda que com uma mulher crucificada, a obra não somente nos lembra alguns aspectos do maior homem que já viveu, como também, e acima de

Muita literatura à mistura

“Mesmo que desprovidas de palavras escritas, as obras de arte possuem poesia. Por isso, penso que há uma ligação muito forte entre a poesia e as artes plásticas. Como tal convidei Jaime Santos e Ana Lúcia para recitarem alguns textos poéticos”. Refira-se que o texto dito por esta última são as palavras faladas por Butcheca que Ana Lúcia teria registado.

Mas a fusão das artes plásticas à poesia dita e escrita não para por aí. Criou-se um projecto para a iniciativa. Por isso, “penso que daqui por diante, cada obra que eu criar terá que ser acompanhada por um poema. A leitura é uma prática muito importante na vida do ser humano. É um acto de coragem. Ela constrói o homem, visando a sabedoria”.

Lutar pela subsistência

Durante os dois anos em que se criaram as obras para a exposição “Ruínas do Passado”, o nosso interlocutor conta que uma parte delas era destinada ao comércio para sustar as despesas do projecto. Fizemos

muito em particular, porque admiro gente desta índole. Pessoas decididas a viver sem fazer maldade a ninguém, mas garantindo a sua sobrevivência”.

Calado

Entretanto, porque o sistema social em que vivemos nem sempre nos possibilita expressarmos-nos do jeito que almejamos, encontramos no seio do espólio artístico de Butcheca a obra “Calado”.

Que pena: “o calado é alguém que tem muito para dizer à sociedade. Ora, sabendo que ao dizerem-se certas coisas fora daquilo que as pessoas padronizaram, ainda que se tenha razão – a sua articulação pode ofender algumas pessoas pela dificuldade que se tem de compreensão e percepção – o normal é que surja por parte da sociedade um comportamento hostil.

Isola-se do mundo, fala consigo mesmo, reflecte sobre a sua vida sem se misturar com os outros”, conta o artista referindo-se a tal escultura de um rosto humano que se afigura como se tivesse sido silenciado pelo sistema.

perceber o contemporâneo.” Isto faz algum sentido, sobretudo quando se recorda que “a arte que tenho feito é muito complicada, porque não é comercial. Inversamente a isto, ela será de fácil percepção e comercial para quem gosta e a entende”.

“É um estilo de arte muito diferente – para a qual os moçambicanos ainda não despertaram. A arte é vasta. Não se limita a um quadro em que a gente coloca uma mulher com bacia na cabeça e um bebé nas costas a retratar o sofrimento”, esclarece.

No campo onírico – que caracteriza as suas criações – Butcheca vagueia, viaja pelo espaço sideral, volta à terra, mas nunca fala do sofrimento. Não é obra do acaso que sem descurar o tema do passado recorda-se de que “já sofri muito quando era criança. Tenho coisas esquecidas para trás que representam muito para a luta pela criação de uma vida alegre e saudável para qualquer cidadão. A minha arte não é comercial. Sou africano, mas não represento nas minhas obras o sofrimento. Busco em todas as minhas acções alegrar a outros”, finaliza.



Reunindo o que o cronista, provocador, analista político, crítico social e biólogo moçambicano chama de “interinvenções”, E se Obama Fosse Africano?, Mia Couto lançou a sua mais recente obra literária, no Brasil.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação →

De pintora a poetisa!

Usei a palavra de forma desnuda sem esconder nada: amores, desamores, a rua, a vida”.

Hiperligação artística

A mais nova escritora do momento, Lica Sebastião, que é igualmente artista plástica mal consegue desprender-se das cores, da força telúrica. Daí, encontramos na sua obra uma hiperligação entre a literatura e a pintura.

A respeito, a autora comenta: “Como pinto e escrevo, há vezes em que o tema da pintura chama a escrita. E o contrário também acontece – escrevo uma mensagem na tela e registro o sentimento no papel”.

Do pecado não se exclui o pecador

Com uma tiragem de 1000 exemplares, o “Poemas sem Véu” mereceu uma apresentação metafórica da doutora Teresa Manjate, docente universitária de literatura.

Manjate equipara a obra e a criadora a “pecado e pecador”, respectivamente. E reage às suas leituras:

“quando li o livro da Lica, pela primeira vez, fiquei triste. Percebi que ela havia, por meio da palavra, conseguido penetrar em espaços remotos dentro de mim. Chorei. E por ela ter conseguido fazer-me chorar, decidi ler a obra novamente, até que em alguns poemas consegui rir. Então, descobri que ainda era uma pessoa alegre”.

Para Manjate, Lica faz um uso sápiente da palavra. Explorando-a, ela revela estados da alma e “era isso que me fazia chorar”.

E Teresa Manjate não fala ao acaso. Por isso, em texto como: “O meu professor de português tinha um ritual; / leitura, interpretação e, depois, gramática. / Apaixonei-me pelo adjectivo:/ qualificativo de cores, odores, paisagens, políticos, gente”, cravados no livro, esta docente assinala que a autora “contextualiza, procura a palavra e depois estabelece a sua emoção”.

Talvez, seja pela paixão (da infância) expressa em relação a “cores, odores, paisagens, políticos, gente” que não resistiu ao vírus da pintura. Afinal, é um pouco disto (e mais alguma coisa) que apesar de já adulta (com 43 anos) em 2006

tenha exteriorizado o que sente.

Espinhosa mas pertinente

Mais importante ainda é que (mais do que desnudar a sua alma sem reservas e, por conseguinte, convidar os leitores a fazer o mesmo) Lica Sebastião extravasa os limites. Na sua obra, não se prendeu ao belo, mas atingiu o essencial.

Eis a razão por que no texto “Último Verso” – que se espera que seja último, apenas nesta obra – coloca aos seus leitores uma questão espinhosa e pertinente: “Homo sapiens, o que vais fazer quando a catástrofe chegar ao teu planeta?”

No exposto, Teresa Manjate assinala que “pela consciência que a Lica possui sobre a importância dos que nos rodeia, chama a nossa atenção para aspectos ligados à vida, ao ambiente, entre outros aparentemente banais mas determinantes”.

Pecado vs pecador

De uma ou de outra forma não podia falar do pecado sem se referir

ao pecador. Muito em particular quando se recorda que “sou exímia conhecedora do pecador, a Lica Sebastião”.

No seu estilo metafórico, Teresa Manjate testemunha: “conhecemo-nos como conhecedoras da palavra. Crescemos juntas a explorar palavras. Mas a Lica surpreendeu-me porque foi para além do exercício descoberto. Fizemos a machamba juntas. Eu colhi amendoim. Ela colheu amendoim, arroz e batata – muito mais do que o previsto”, começa por dizer para noutro desenvolvimento justificar:

“Em 2010 obrigou-nos a olhar, com surpresa para as mãos. Combinou a escrita com a pintura. E na pintura ela combinou a palavra com a imagem”. Como consequência, “nos seus poemas, descobrimos a expressões, sentimentos e, em algum momento, conseguimos enxergar imagens e palavras”. É que na sua mostra de pintura “conduzia o nosso olhar à palavra para depois desviá-la para a tela (imagem) e vice-versa”.

No entanto, desta vez, “não sei se é



zanga ou decisão parcial: traz-nos só a palavra, fazendo-nos pensar para buscar a imagem dentro de nós. Está de parabéns a Lica”, finaliza a docente.

Continua difícil publicar literatura

Entretanto, a fragilidade que reina entre os mecenas das artes e cultura é considerada pelos editores como sendo o calcanhar de Aquil-

les que ofusca a publicação de obra de autores novos, sobretudo, de escritores jovens. Porque, na oficina de escrever poesia, Lica Sebastião é nova, somente agora publica a primeira obra mercê do apoio do BCI Fomento.

Por outro lado, a inoperância do mecenato gera, na verdade, uma grande dificuldade – expressamente reconhecida pelas editoras – daí que estas, além de traçar mecanismos que facilitem a publicação de novos autores, clamam pelo apoio e parceria do sector público e privado para o efeito, como referiu Sérgio Pereira, da Alcançe Editores.

Biografia

Autora dos livros de língua portuguesa do segundo ciclo do ensino geral, Lica Sebastião é licenciada em Ensino do Português, pela Universidade Pedagógica. É artista plástica, desde 2006. É membro do Núcleo da Arte, em Maputo, e é membro da Lowveld Arts Association, uma organização com sede na África do Sul.

O lado B de Amy Winehouse

Drogas, agressão à pele em forma de enfeite, e perda da auto-imagem. Os fãs identificavam-se com o seu comportamento, mas não notaram a gravidade da sua doença psiquiátrica.

Texto: **Revista IstoÉ** • Foto: **Bryan Adams /Arquivo**

Não houve glamour na vida e muito menos na morte de Amy Winehouse. Houve doença, uma intrincada enfermidade psiquiátrica denominada Transtorno da Personalidade Borderline – as suas portadoras (predomina em mulheres na proporção de género de três para um entre a população mundial adulta) são invadidas constantemente por avassaladores sentimentos imaginários de abandono e sofrem terrível desmoronamento do ego, desintegração da identidade e da auto-imagem.

São impulsivas, mantêm as suas relações interpessoais como um elástico que se estica ao máximo, as suas emoções e humor são fios descascados em curto-circuito. Sentem-se esburacadas e autolesionam a pele para aplacar a dor da alma, sempre encharcada pela sensação, quase nunca real, de perda de pessoas que lhes são queridas. Assim, nesse inferno psíquico, viveu Amy Winehouse, falecida em Londres no sábado, dia 23, e cremada alguns dias mais tarde segundo os preceitos religiosos judaicos.

O funeral ocorreu sem que se soubesse com precisão a causa da morte, e isso só virá a público em algumas semanas, assim que a médica legista Suzanne Greenaway concluir os exames toxico-lógicos das vísceras retiradas do cadáver da cantora. Seja qual for a causa, no entanto, um facto está dado: mais do que simplesmente morrer, Amy descansou um corpo maltratado, um cérebro sem sensibilidade e um músculo cardíaco esmagado pelo uso ininterrupto, abusivo e nocivo de vodca e coquetéis de outras drogas que chegaram a cruzar cocaína, heroína, anfetaminas, ecstasy e até quetamina (anestésico de cavalo). Noutras palavras, ainda que a causa da morte não revele overdose, a sua precoce partida aos 27 anos foi acelerada pelo Transtorno de Abuso de Substâncias como um transatlântico que se dirige loucamente para espatifá-lo contra um icebergue.

O Transtorno de Abuso de Substâncias é, digamos assim, uma das franjas visíveis, concretas e palpáveis do Transtorno da Personalidade Borderline, e também uma das suas marcantes características. Essa expressão inglesa significa fronteira ou fronteira e foi utilizada pela primeira vez para determinar um tipo específico

de distúrbio patológico da personalidade no final da década de 1960 pelo pesquisador Otto Kernberg – nos primórdios da psicanálise ela servia para designar a fronteira entre a neurose e a psicose, serventia totalmente desconsiderada pela psiquiatria moderna, que cravou um diagnóstico próprio da doença. A rigor, ser Amy Winehouse não é para a mulher que quer, é para a mulher que pode. Isso vale para a sua fenomenal voz de branca a cantar como uma diva negra do soul, mas esqueçamos a voz e continuemos concentrados no seu comportamento. Ou seja,



Feridas no rosto causadas pela necessidade de se agredir a si mesma e pela desidratação do álcool.

para ser a turbulenta Amy há-de trazer consigo “pesadas ferramentas” biológicas, psicológicas e ambientais para desenvolver tal tipo de personalidade. É por isso que se diz, aqui, que não é para quem quer, mas, tristemente, para quem pode – e, creiam, a mulher que possui tais ferramentas agradecerá à ciência ou a Deus se com elas pudesse nunca ter entrado em contacto, assim como Amy, aos berros e na impulsividade, ou aos prantos e na depressão, muitas vezes implorava querer “ser trocada por outra”.

No campo psicobiológico, aquilo que se chamou de “ferramenta” pode ser traduzido tecnicamente pelo funcionamento descompassado no cérebro do neurotransmissor serotonina. Tentativas recorrentes de suicídio são traços do transtorno e estudos recentes constataram concentrações mínimas do ácido 5-hidro-xiindolacético (5-HIAA, metabólito da serotonina) em pessoas deprimidas que haviam tentado o suicídio. No campo ambiental, pesa na infância a negligência ou a desatenção dos pais, abusos físicos, emocionais ou sexuais da criança. Pois bem, tentativas de suicídio – praticamente crónicas – não faltaram na vida da cantora ao utilizar drogas e cruzar vodca (a sua dependência química prevalente) com medicamentos (cerca de 6% das borderlines que tentam o suicídio conseguem consumá-lo, aproximadamente 60% de mulheres em ambientes institucionais psiquiátricos ou prisionais são borderlines). Quanto ao ambiente, sabe-se que o seu pai, Mitch, disputava desde cedo com ela a atenção da mãe, Janis.

Na idade adulta, o que se viu foi novamente o pai ta-



xista a tentar apanhar boleia na fama da filha a ponto de se lançar como cantor, atitude que arrastou Amy para uma profunda depressão – tal comportamento de Mitch voltou a ser criticado recentemente pela imprensa inglesa e americana.

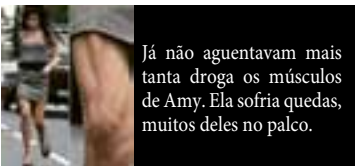
Falou-se antes da constante oscilação e perda da auto-imagem e identidade como fortes componentes do Transtorno da Personalidade Borderline, e nesse buraco da identidade é que entram, por exemplo, a droga e o “lance da pele” (é como se faltasse uma pele protectora do ego), que vai da dermatotilexomania (provocar escoriações no próprio corpo) ao prazer ou auto-agressão em cobrir-se de tatuagens. Ao não ter fixada uma identidade em si nem um ego consistente, Amy, até por viver sobre palcos e sob reflectores, fez da sua pseudo-imagem de adicta a sua própria identidade enquanto pessoa – ou, na inteligente e sensível expressão do professor de psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, Ronaldo Laranjeira, para a cantora “a doença fazia parte de uma liberdade poética”. Os seus ias incondicionais, o público em geral e a indústria da música, por sua vez, “compravam” e “vendiam” essa identidade, era cada vez mais essa a identidade que esperavam de Amy e, perversamente, de forma involuntária ou não, reforçavam-na. No meio de tudo isso e a todos, ela era idealizada e idolatrada quando parava em pé no palco, desvalorizada e ridicularizada quando se exibia cambaia, como aconteceu ainda este ano no seu último show, na Sérvia. Por incrível que pareça, poucos viram que ali não havia nada além de doença.

O público é sempre passional e volúvel. Quanto aos fãs, com certeza é com carinho e boa intenção, mas também com grande dose de ignorância sobre saúde mental, que levam garrafas de vodca ao santuário que se montou diante da casa da cantora no bairro boémio londrino de Camden Town – se Amy só se identificava

com a Amy alcoólica, os seus fãs, num processo quase psicoterapêutico de transferência, também se identificam com essa Amy. Para a indústria do som, cifras nos olhos, o que não é lucro não está no mundo, e já festeja o facto de que o álbum “Back to Black”, de 2006, saltou para o primeiro posto na lista de mais vendidos nos EUA assim que a morte da artista foi anunciada.

Nos buracos do cenário borderline, com simbólicos pregos emocionais por todos os cantos, a portadora do transtorno vai pondo tranqueira atrás de tranqueira na busca desesperada de preencher o seu vazio e aliviar o “torno psíquico” que não cessa de apertar. É comum encontrar-se mulheres presas que são borderlines e deveriam estar em tratamento e não encarceradas – acabam presidiárias porque, na ânsia de se “colarem” ao outro para ter uma identidade psíquica, muitas vezes “colam-se” em tranqueiras traficantes. Elas anónimas, Amy Winehouse famosa, a história é a mesma. A cantora, no auge de uma das suas crises, casou-se em 2007 com o produtor e traficante Blake Fielder-Civil. O relacionamento durou dois anos e na maior parte dele Blake passou na cadeia – e lá continua por roubo e posse de arma que não era verdadeira, era de brinquedo (ele não foi autorizado a sair da prisão para ir ao funeral). Agora, funeral feito, o que não faltam são vozes a dizer que Amy errou, não se tratou medicamente, não aproveitou as internações:

“tentaram mandar-me para reabilitação/ eu disse não, não, não/ele tentou mandar-me para reabilitação/ mas eu não vou, vou, vou”, diz uma das suas famosas canções, chamada “Rehab”. Os que agora a criticam, e certamente entre eles há os que depositam garrafas de vodca diante da sua casa vazia, precisam de saber que Amy era, na essência, enferma. Em “Beat The Point To Death”, ela cantou: “além disso estou doente/de ter de encontrar alguma paz”. Amy hoje tem paz, o “torno” borderline afrouxou-se, a montanha-russa borderline cessou de desabar, mas é a inútil paz dos mortos, não a fecunda paz dos vivos. De facto, não houve nenhum glamour na sua vida e muito menos na sua morte.



Já não aguentavam mais tanta droga os músculos de Amy. Ela sofria quedas, muitos deles no palco.

4º PODER

COMENTE POR SMS 821115

Com salários em atraso, a redacção do semanário português algarvio Barlavento demitiu-se, mas a próxima edição vai chegar às bancas, garante o director do título. A demissão foi anunciada esta quarta-feira, avançou o site noticioso Observatório do Algarve.

Revelada identidade da loura que trocou beijos com Elvis Presley



“Pronto. A rapariga da fotografia sou eu”. Foi com este desabafo, passados 55 anos, que Barbara Gray, uma agente de imobiliário reformada, revelou à revista “Vanity Fair” ser a parceira ocasional no encontro com Elvis Presley (1935-1977) na escada dos bastidores do Mosque Theatre de Richmond, na Virgínia, um instante imortalizado pela câmara de Alfred Wertheimer, e que se tornou numa das mais famosas e enigmáticas fotografias da história.

Texto: Sérgio C. Andrade / “Público” • Foto: Alfred Wertheimer

Nessa noite de Junho de 1956, Elvis tinha apenas 21 anos e estava praticamente no início da carreira que o levaria ao estrelato. Preparava-se para enfrentar três mil fãs no Mosque Theatre e, como era costume, procurava distender a tensão em encontros fortuitos com as suas admiradoras. Nessa altura, acompanhava-o

um jovem fotógrafo alemão imigrado, Alfred Wertheimer, que só desse encontro com uma jovem loira com um irresistível “look” à Kim Novak tirou meia centena de fotografias. A que viria a ser publicada, pela primeira vez, três meses depois, no magazine “The Amazing Elvis Presley”, tornou-se numa das mais célebres dos bastidores da carreira do intérprete de “Love me tender”. Mais ainda quando depois surgiu na “Life” e noutras revistas. Sempre com o suplemento de mistério sobre a identidade da rapariga.

Mesmo que a motivação não tenha sido material, Barbara Gray decidiu mesmo pôr fim ao mistério. Contactou, primeiro, o fotógrafo Alfred Wertheimer, via Facebook, e depois a Vanity Fair, que também já tinha publicado a fotografia. “Tenho uma boa história para vocês...”

Em entrevista à revista – e depois também ao programa “Today” na NBC – Barbara Gray explica as circunstâncias do encontro com Elvis, tentando retirar-lhe – como se isso fosse possível – alguma da carga erótica que se lhe associa a partir da fotografia.

“Eu nunca me preocupei em perguntar ao Elvis quem era ela. E ele também nunca mo disse”, comentou à “Vanity Fair” Alfred Wertheimer, agora com 81 anos, e que nessa altura se tinha radicado em Nova Iorque como foto-repórter tendo conseguido uma grande proximidade com Elvis, cuja carreira e mesmo vida familiar acompanhou de perto até 1958.

Entretanto, a fotografia foi conquistando também a sua posteridade, principalmente após a morte prematura de Elvis, em 1977, e ficou conhecida como “The Kiss” (“O Beijo”), rivalizando mesmo em celebridade com aquela que Alfred Eisenstaedt fez em Times Square em 1945, com uma enfermeira e um marinheiro celebrando o fim da 2ª Guerra Mundial, ou com a de Robert Doisneau e o par nas margens parisienses do Sena. A actriz Diane Keaton chegou a considerá-la, recorda o jornal “The Guardian”, “a fotografia mais sexy jamais tirada”.

Mas, da identidade daquela rapariga na Virgínia, não surgia nenhum sinal, nem sequer reivindicação ou polémica, como aconteceu com as duas outras fotografias históricas.

Sem saber quem ele era

Em Janeiro do ano passado, quando o museu Smithsonian celebrou em Washington, com uma exposição, o 75º aniversário do nascimento de Elvis, essa fotografia foi a escolhida para o cartaz.

Barbara Gray terá achado que bastava. Até porque a própria neta, numa ida a Graceland, a casa e memorial de Elvis em Memphis, lhe trouxera uma chávena de chá, uma lancheira e um relógio... tudo com a sua fotografia impressa. “Avó, não podes pôr o teu nome na fotografia? Qualquer dia vai valer muito dinheiro...”, disse-lhe a neta.

Mas, agora, e pondo uma vez mais de parte qualquer intenção económica, achou que era tempo de revelar o seu segredo. “Eu só queria colocar o meu nome no raio da fotografia”, explica Bobbi Owens, usando o seu nome de solteira. Como quando era uma rapariga irresistível a pôr a cabeça à roda a um jovem músico de rock ‘n’ roll.

ALGUNS JOGOS EM HD
ADQUIRA O SEU DESCODIFICADOR HD

HABITUA-TE A FALAR FUTEBOLE

SÃO MAIS DE 1200 JOGOS EM DIRECTO
Segue as maiores estrelas do futebol nos melhores campeonatos e taças do mundo. Toda a acção das Ligas Inglesa, Espanhola, Alemã, Brasileira e Sul-Africana, para além da Liga dos Campeões Europeus, da Taça da Liga Inglesa, do EURO 2012, e do Campeonato Africano das Nações 2012.

DSLV
é muito mais

O MUNDO DO FUTEBOL VIVE AQUI world of champions

Ligue já 82/84 3788

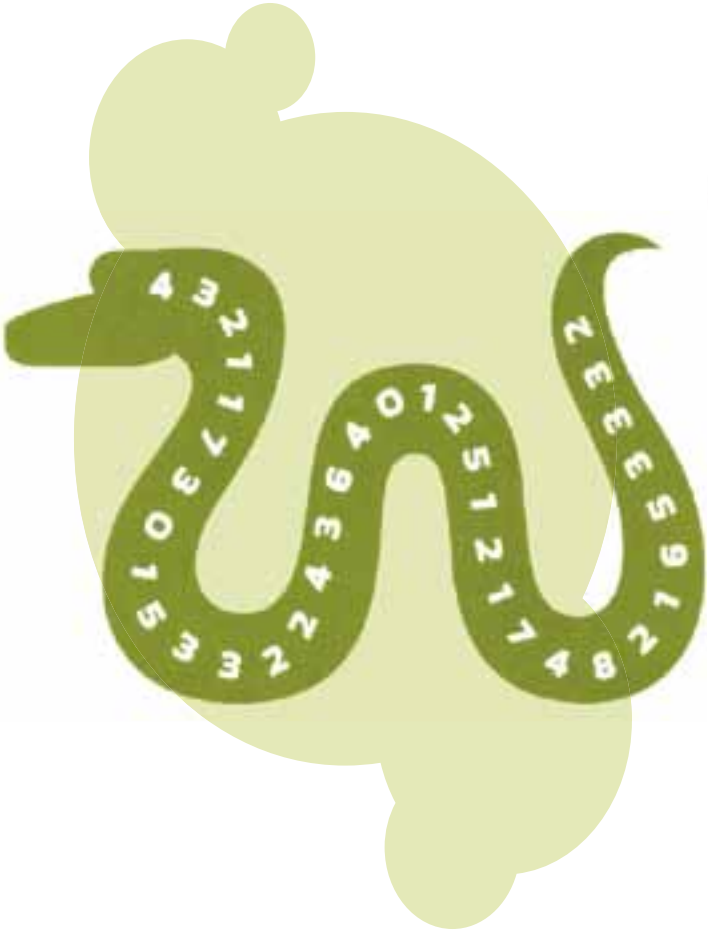
O moçambicano **Dino Miranda**, um dos guitarristas de eleição e compositor, realiza esta sexta-feira, às 20:30 horas, um show no Centro Cultural Franco-Moçambicano no qual vai deliciar os seus amigos e fãs com temas que compõem o álbum “Moya wa Kaya”.

SOPA DE LETRAS

L T V V M A O F V F N I D S D A A O O
U O Q Z Z J N H O P P L L E M T A T A
E L N V S Z I U J R E V V I S H R I Z
Z V M G I F P Z E A T P C I L E A B U
U A E Q I U L I R M Q I N I C O S E I
R U H R L N T B G L S A Z N P G Z T R
U N J R S E Q U O S L O I T N J Q Q J
S L O Z R A B U I P N G B I Q Z M V C
E T Z A M R O M O A E R F J H A O E J
E E V V E P O A Q D G R U L V H H P N
V E AMICÍSSIMO INCERTO PLANISTA
L U CALAFANJE LATA POAIA
R H CHUMACETE LONGÍNQUO REITERÁVEL
P S ENREGELADO NOZILHÃO REZENTAL
FÓRMICO NÚPCIAS SANDALINA
VERBESINA
O L E A E V N N S N Q O C I M R O F I
A D A S O J V U M T L A T N E Z E R B
N G A N Q G N C S B M J A D O B N Q J
I H T L I D U A E E T E C A M U H C Z
L Z A G E S B Z F C C E D I P C V I O
A T L Q A G E R U A L O P C M S U A P
D U R S U E E B U M L V I M V Q Q S S
N S D H I M D R R Z S A U E J Z L L A
A P C B U S D R N E S O C G G H J H V
S G R N F L N H E E V P T D S N E V T

CÁLCULO

Divide a serpente em grupos de números que somem 11.



ENCOTRA AS 10 DIFERENÇAS



HORÓSCOPO - Previsão de 12.08 a 18.08



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Esta área é a sua preocupação constante. As previsões para esta semana, não sendo as melhores, também não se podem considerar catastróficas. Continue a viver e a lutar contra esta previsão, com a coragem que o caracteriza. Este aspecto, está um pouco condicionado às realidades que todos atravessamos.

Sentimental; Um relacionamento sentimental muito agradável é o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta, deverá ser aproveitado da melhor forma. Este aspecto pode equilibrar, pela positiva, outras questões menos favorecidas desta semana.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas e serão caracterizados pela estabilidade. No entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação de capital. Atravessa uma fase em que, as questões relacionadas com dinheiro, independentemente de serem ou não favoráveis, deverão ser geridas com muito cuidado.

Sentimental; A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal vão estar por baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar algumas contrariedades.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Semana um pouco complicada em matéria de dinheiro. Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas serão motivo de alguma preocupação. Para o fim da semana, a situação tende a melhorar um pouco.

Sentimental; Período que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade está em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance. Aproveite bem o seu relacionamento sentimental.



caranguejeiro

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; Parte da semana apresenta-se algo complicada no aspecto financeiro. No entanto, algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Este aspecto, pese as previsões serem difíceis, deverá ser encarado com a energia necessária, o que permitirá atravessar e resolver os problemas que possam surgir.

Sentimental; É um período caracterizado por alguma insatisfação, no aspecto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gémea, poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto esperava.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; É uma semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro, contribuindo para aumentar os seus níveis de confiança. Poderá fazer algumas compras de produtos que lhe façam falta. No entanto, tenha presente que se atravessa um período, na generalidade, bastante difícil.

Sentimental; A sua relação amorosa poderá conhecer, nesta semana, um pequeno paraíso. Não se furte ao que lhe possa surgir e abra o seu coração com o seu par. O entendimento cria-se a base de diálogo.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense que é um momento menos bom, mas que rapidamente se modificará; tudo depende de si e da forma como reagir às situações que forem surgindo.

Sentimental; Esta semana será muito promissora no aspecto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão verdadeiramente gratificantes. O diálogo, a compreensão e o carinho serão o “condimento” para uma boa semana.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; Não se pode considerar que atravessa um bom momento, no que se refere a questões de ordem financeira. É uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita. Tente ter uma visão optimista e encontrará motivações que o tranquilizarão.

Sentimental; Este aspecto poderá ser muito agradável. Depende de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem. Se o conseguir, poderá ter nesta área, uma semana muito positiva.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; Seja extremamente cuidadoso em tudo o que se relacionar com esta área. Evite as despesas desnecessárias e os compromissos financeiros que não possa assumir.

Sentimental; Este aspecto poderá caracterizar-se por um vazio muito grande. Seja dialogante e compreensivo. Não misture trabalho com questões de ordem sentimental. Caso o consiga, tudo se poderá modificar e, encontrará junto do seu par o carinho e a compreensão tão necessários.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; Este aspecto caracteriza-se por uma semana tranquila. Os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro. É um bom momento para pequenos e médios investimentos. Considerando as dificuldades financeiras que a maioria atravessa, seja cuidadoso com este aspecto.

Sentimental; A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas. Há que ser realista, não se deixe abater por pensamentos que, lhe reduzirão as suas forças e capacidades. Dentro de si, poderá aparecer uma pequena luz em relação a um futuro próximo.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspecto que lhe levantará problemas. Não são aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital. Tenha presente que, os aspectos financeiros apresentam-se algo complicados para todos, independentemente do seu signo Solar.

Sentimental; Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração. O seu par merece a sua confiança e, se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspecto pode tornar-se muito agradável. Estão favorecidas as novas relações.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; As questões relacionadas com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem. Assim, começará a encetar o futuro imediato de uma forma muito mais positiva. Mas, esteja atento às dificuldades que os aspectos financeiros podem levantar, de forma inesperada.

Sentimental; É uma semana muito agradável em perspectiva. Não se afaste do seu par, divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos. Se o fizer, terá um período que não se vai esquecer, tão depressa. É uma boa semana para, aqueles que não têm uma relação afectiva, conhecerem alguém muito especial.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro, poderá ser motivo de alguma preocupação. Poderá ser confrontado com um compromisso antigo e ainda não regularizado. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar, com a devida serenidade que, este período menos positivo, termine.

Sentimental; O seu relacionamento amoroso poderá contribuir, de uma forma muito positiva, para equilibrar outros aspectos. Deixe que o seu par se aproxime de si. Além de lhe fazer muito bem, contribuirá para se esquecer das suas preocupações. Para as novas relações esta não é uma semana muito favorecida.



CIDADÃO REPORTER



EMAIL

averdademz@gmail.com



SMS

821111

**Envie uma
mensagem
útil:**

Indique-nos onde o
suborno aconteceu,
quem foi subornado,
o valor que pagou...
Por exemplo:

Subornou alguém?

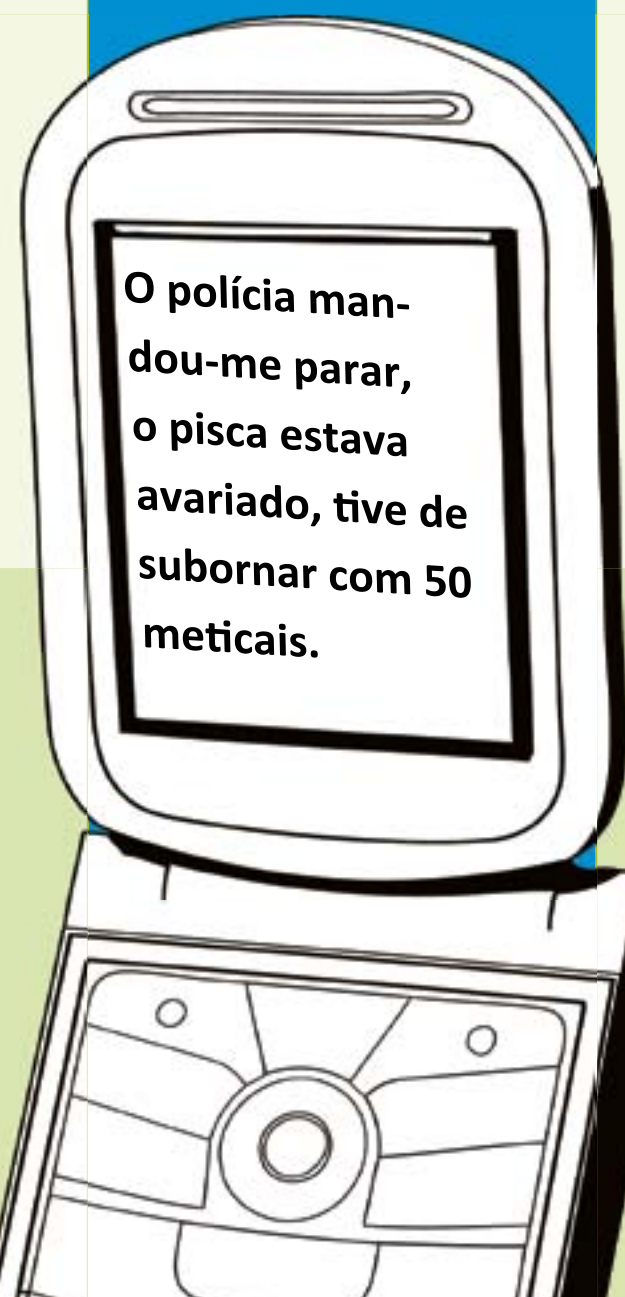
**Viu alguém
a ser subornado?**

Seja um Cidadão Repórter!

Denuncie problemas que da sua
rua, bairro ou cidade
por SMS para 821111,
EMAIL: averdademz@gmail.com,
TWITTER: [@verdademz](https://twitter.com/verdademz) ou
BLACKBERRY MENSAGEM pin 223A2D52

**Na sua mensagem
Seja realista,
Não invente factos.**

**Não exagere nas descrições,
Seja objetivo.**



VOCÊ pode ajudar! Seja um CIDADÃO REPÓRTER!